

MARIA DO CARMO UGGERI BELTRAME

**UTOPIA REALIZÁVEL: A EDUCAÇÃO PARA A PAZ
PERMEANDO A PRÁTICA EDUCATIVA**

Ijuí, RS

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA DO CARMO UGGERI BELTRAME

**UTOPIA REALIZÁVEL: A EDUCAÇÃO PARA A PAZ
PERMEANDO A PRÁTICA EDUCATIVA**

Dissertação de conclusão de Mestrado, do Curso de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. - Departamento de Pedagogia. Sob a orientação do professor Dr. Paulo Afonso Zarth.

Ijuí, RS

2007

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, grande incentivadora e parte fundamental da minha vida.

A todas as crianças e suas famílias que, a seu modo, vêm agregar-se à minha vida, instigando-me a buscar sempre uma melhor forma de educar.

AGRADECIMENTOS

Deixo, aqui, a melhor gratidão aos meus pais, que alicerçaram valores a considerar na minha vida.

Ao meu marido e meu filho, pelo incentivo e compreensão, sem os quais eu não teria vencido mais esta etapa.

A todos os mestres que, a seu tempo e modo, me inspiraram a querer transmitir o melhor.

As professoras que acreditaram e participaram desta pesquisa, permitindo que ela acontecesse.

A colega e amiga de sempre Raquel Pigatto Trevisan, pelo companheirismo e amizade.

Aos professores Dr. Lindomar Wessler Boneti, Dr. Antonio Inácio Andrioli e Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer, pela leitura atenta e contribuições ao texto.

Ao professor Dr. Paulo Afonso Zarth, meu orientador, pela generosidade em dividir seus saberes e fazer oportunas observações.

RESUMO

A educação para a paz é um tema que requer ser difundido em todos os setores da sociedade, com um olhar atento à educação. A adoção de novos paradigmas privilegia a via educativa, entendendo a educação como um dos mapas sociais que possibilitam reorientações e mudanças de posicionamentos. Nesse sentido, proporcionar aos educadores o acesso a conhecimentos elaborados por pesquisas acadêmicas, no que se refere à educação para a paz, revela-se como uma sólida contribuição à defesa dos direitos fundamentais dos seres humanos e à melhoria das relações interpessoais. Este trabalho reúne o resultado de uma pesquisa de campo, efetivada em seis escolas da cidade de Santo Ângelo (RS), que fazem parte da rede de ensino pública e particular. Buscou-se detectar se a educação para a paz vem permeando a prática pedagógica dos educadores dessas instituições de ensino. Nessa caminhada, dialoga-se com importantes teóricos na tentativa de fazer conhecer e tornar compreensíveis os objetivos e ações que encaminhem para uma cultura de paz.

Palavras-chave: educação para a paz, prática pedagógica, educação, cultura de paz.

ABSTRACT

Education to peace is a theme that needs to be advertised in all sectors of society, focused mainly on education. The adoption of new paradigms emphasizes the educational way, considering education one of the social maps that make possible re-orientations and changes in positioning. In this sense, providing educators with access to knowledge acquired through academic research referred to education to peace comes out as a solid contribution to the protection of fundamental human rights as well as improvement of interpersonal relationships. The present work brings together the results of a field research carried out in six private and public schools located in the city of Santo Ângelo (RS). The aim was to detect whether education to peace takes part in the pedagogical practice at these teaching institutions. This work presents and interaction with important theoreticians in an attempt to make known and comprehensible the aims and actions that may lead to a culture of peace.

Key-words: education to peace; pedagogical practice; education; culture of peace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NO CENÁRIO EDUCACIONAL	15
1.1 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ TEM UMA HISTÓRIA.....	21
1.1.1 A Educação para a Paz na História	22
1.1.2 Nascimento da Educação para a Paz no Ensino Formal	26
1.1.3 O Nascimento da UNESCO e suas Iniciativas	30
1.1.4 A Não-violência	33
1.1.5 A Pesquisa para a Paz	34
1.1.6 A Educação para a Paz e suas Implicações	37
1.2 O PAPEL DO EDUCADOR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO DE PAZ.....	45
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO PARA A PAZ: DA TEORIA À PRÁTICA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO DA CIDADE DE SANTO ÂNGELO (RS)	54
2.1 ETAPAS DA CAMINHADA.....	55
2.1.1 Especificando a Coleta e Análise dos Dados	59
2.1.2 Considerações sobre a Apresentação dos Resultados da Pesquisa	59
2.2 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ, PERMEANDO A PRÁTICA EDUCATIVA ..	59
2.2.1 As Particularidades de cada Mundo Escolar	60
2.2.2 O Convívio entre professores e alunos	63
2.2.3 Redefinindo conceitos e Objetivos	67
2.2.4 A Paz Segundo os Professores Entrevistados.....	71
2.2.5 A Educação para a Paz na Escola	77
CONCLUSÃO.....	86
BIBLIOGRAFIA	89
ANEXOS	91

INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga as experiências e iniciativas pedagógicas da educação para a paz, propostas por educadores de seis instituições de ensino da cidade de Santo Ângelo (RS), abordando conceitos sugeridos por essa temática, pelas políticas educacionais formuladas pela UNESCO e por um conjunto de pesquisadores dedicados ao tema. É um trabalho de reflexão que também visa contribuir para a pesquisa sobre a educação para a paz, que só recentemente passou a fazer parte da agenda dos educadores brasileiros.

Considerando que a sociedade contemporânea passa por momentos de crise, é necessário que se reavalie o processo educativo quanto à necessidade de valorização da formação permanente dos profissionais da educação. Entende-se que a formação do professor deve visar ao desenvolvimento das potencialidades de cada um, seja no aspecto técnico profissional ou quanto à forma de conduzir as questões que dizem respeito à vida pessoal, pois toda a ação do educador serve como “modelo” para a vida do educando. Por esse motivo, tal processo deve desenrolar-se em estreita ligação com o desempenho da prática educativa, passando pelas teorias acadêmicas e pela cultura da paz.

A realidade não mais permite pensar ou dizer que não há nada a fazer para melhorar o mundo social do qual fazemos parte ou que o destino da humanidade seria uma sociedade governada pelo mercado. Encontramo-nos no limiar do surgimento de uma nova consciência que permitirá buscar caminhos possíveis para as mudanças estruturais básicas de uma sociedade. Nesse sentido a educação para a paz propõe que tais transformações aconteçam no campo social e político.

Este trabalho orienta-se pela busca de contribuições pedagógicas que possam servir de argumento em favor da educação para a paz, entendida como possibilidade para fazer emergir ações que encaminhem ao controle e à superação da violência na sociedade, o que implica, conseqüentemente, em uma mudança de concepções e de condutas. Desenvolver um estudo

sobre a idéia de uma pedagogia voltada a educar para a paz, a partir dos conceitos pertinentes ao tema e da realidade contextual, constitui objeto desta pesquisa. Nessa direção, entende-se que a formação dos professores, além de compreender o domínio e elaboração de conceitos e teorias, deve apresentar o resultado em uma prática pedagógica pautada pelos valores da paz e dos direitos humanos. Isso, possivelmente, encaminhará a uma cultura norteada pela busca de um mundo e de uma vida orientada para a paz. Nesse sentido, o educador é chamado a interagir e a ser o estimulador das capacitações necessárias para que seja possível conviver em paz, no seio de uma sociedade plural, como também implica em valorizar o ensino dessa aprendizagem, assumindo o pólo da abertura para as diferenças e para o universal, a partir da identidade própria.

Nessa perspectiva em que os educadores são quem propulsam o processo educativo, é possível vislumbrar, para a educação, a intenção de transformar e ressignificar a consciência do aprendiz, normalmente centrada em sua individualidade, orientando-a para uma postura de conexão, interdependência e comprometimento com o mundo do qual faz parte e também é fonte criadora. Para tanto, a transformação cultural para a paz exige uma orientação, desde cedo, às crianças para conviver, ouvir, estar e, sobretudo, participar solidariamente; o que é imprescindível para alcançar o equilíbrio e a benéfica convivência social.

Como educadores e cidadãos, compartilha-se uma preocupação comum pelo futuro da humanidade. Para que seja possível contribuir positivamente para uma sociedade comprometida com o outro, em que as pessoas não mais tolerem o desconhecimento do processo histórico da sociedade, é fundamental que se repense a educação formal. Entende-se que, ao compartilhar idéias a respeito da possibilidade de mudança, primeiramente do mundo que nos cerca, está-se formando uma rede de conhecimentos específicos da paz que tenderá a se fortalecer com a implementação de programas e projetos que pretendam um mundo com pessoas abertas à solidariedade.

O reconhecimento do relevante papel da educação para a construção de uma sociedade mais solidária traz a certeza de que, além de discutir as teorias e propor práticas vinculadas às realidades das quais se faz parte, é preciso, também, repensar as oportunidades de capacitação dos profissionais da educação, ou seja, a sua formação. Afinal, como educadores, participa-se da vida de seres humanos que estão abertos para a assimilação de novos conhecimentos. Essa formação deve ser vista como um processo permanente e integrado no dia-a-dia dos educadores, vistos como protagonistas ativos nas diversas fases do processo de desenvolvimento do educando. Isso justifica a necessidade de tais profissionais voltarem-se

para o aperfeiçoamento pessoal, acadêmico e, conseqüentemente, organizacional. Conscientes de que educar para a paz é um tema que abrange um importante e amplo leque de condições psicológicas, sociais, econômicas, culturais, e que toda e qualquer proposta de transformação da sociedade compreende ainda o campo político, entende-se que esta proposta educativa é árdua e exigente, mas perfeitamente realizável. Trazer à discussão as teorias da educação para a paz viabiliza pensar a paz como proposta de ação e o suscitar das transformações na sociedade.

Nessa tentativa de construir um mundo de paz, torna-se preponderante conceber a escola como um ambiente que responda aos desafios educacionais da atualidade, que a ação educativa esteja alicerçada na aquisição de conhecimentos e habilidades; na compreensão do ambiente natural, social, político e cultural; no desenvolvimento da consciência crítica e na formação de atitudes e no fomento de valores humanos e virtudes. A educação para a paz parte do princípio de que é importante tornar as pessoas conscientes de seu processo de valorização e das suas razões para a determinação desses valores assim como praticá-los. Para que a educação para a paz realize o seu potencial de edificar o processo que conduz à realização da paz, entende-se que valores humanos como a solidariedade, o respeito, a justiça, o compromisso com a verdade, entre outros devam ser cultivados.

Considerando as manifestações de violência na sociedade como um todo bem como o sentimento de responsabilidade perante a participação na vida de tantos alunos que também fazem parte das nossas vidas, justifica-se a escolha do tema “educação para a paz” para estudo e investigação, pois urge pensar o processo educativo para além do repasse de conhecimentos curriculares e do desenvolvimento das habilidades técnicas.

Este trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, faz-se a contextualização histórica da educação para a paz e realiza-se uma discussão sobre conceitos e responsabilidade do ato de educar conforme o que propõe o tema, baseando-se em teorias de autores como Galtung, Freire, Muller, Montessori e textos formulados pela UNESCO. No segundo capítulo, apresentam-se a caminhada investigativa e o relato da pesquisa de campo, realizado em instituições de ensino da rede pública e particular da cidade de Santo Ângelo (RS), visando elucidar se a educação para a paz permeia a prática educativa dessas escolas. E, por fim, expõem-se as considerações finais do estudo.

Este estudo toma, como ponto de partida, a paz entendendo-a como um processo dinâmico a ser conquistado e implementado. Para que isso seja possível, cabe fomentá-lo em escolas e centros universitários, com base em estratégias pedagógicas. Também busca conhecer as

principais perspectivas ou paradigmas da educação para a paz, elucidando os seus objetivos; propõe a educação para a paz como instrumento essencial ao desenvolvimento do pensamento e da ação docente; identifica a mudança social como um processo possível e resultante da ação dos seres humanos; objetiva analisar os Projetos Político-Pedagógicos e de ensino, propostos por escolas da rede de ensino público e particular do município de Santo Ângelo (RS), na busca de preceitos da paz, apoiados na vida real e na pesquisa multidisciplinar, que levem à reflexão e compreensão dos fatores que determinam a violação dos direitos humanos.

Quanto ao aspecto metodológico, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. A coleta de dados, na etapa da pesquisa de campo, foi realizada mediante a aplicação de entrevistas, fazendo-se uso de questionário semi-estruturado. O material coletado nas entrevistas foi degravado e, posteriormente, feita a sua revisão pelos professores entrevistados, para que, assim, autorizassem a sua utilização. Para enriquecer o trabalho, analisam-se também alguns documentos como o Projeto Político-Pedagógico das instituições de ensino pesquisadas, por considerar esse documento norteador da ação educativa do educandário e registros de algumas atividades pedagógicas propostas pelos educadores das referidas escolas.

Todas as escolas pesquisadas foram selecionadas em função de terem projetos realizados com vínculos na educação para a paz. Em vista disso, as escolas da rede de ensino municipal foram indicadas pela Coordenação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Santo Ângelo (RS) e as da rede de ensino estadual foram sugeridas pela coordenadora pedagógica da 14ª Coordenadoria Regional de Educação, sendo que um educandário deveria estar executando o projeto “Escola Aberta”, vinculado à UNESCO, organismo internacional que labora pelas causas da paz. Já quanto às escolas particulares, foram eleitas pela própria pesquisadora, visto que ambas haviam desenvolvido atividades cujo olhar era pertinente a uma proposta de educação para a paz. A fim de resguardar a privacidade das escolas, bem como a dos profissionais entrevistados, são utilizados nomes fictícios para ambos. Os estabelecimentos de ensino foram assim nomeados: Escola Estadual da Unificação, Escola Estadual da Opção, Escola Municipal da Mediação, Escola Municipal da Mudança, Colégio do Compromisso e Colégio da Valorização. Os nomes fictícios, atribuídos aos professores entrevistados, a pedido dos próprios profissionais, são os seguintes: educadores da Escola Estadual da Unificação, professora Mensageira e professora Lutadora; Escola Estadual da Opção, professora Determinada; Escola Municipal da Mediação, professora Nutriz; Escola Municipal da Mudança, professora Eterna; Colégio do Compromisso, professora Militante e

professora Nascente; Colégio da Valorização, professora Modesta. Essa denominação está relacionada a adjetivos atribuídos pela pesquisadora. Todas as professoras entrevistadas possuem graduação na área de educação e assim como as escolas serão apresentadas com mais detalhes no capítulo II.

Ao realizar a investigação nas escolas da rede de ensino público e particular do município de Santo Ângelo (RS), sobre a existência da inserção de projetos que viabilizam uma educação para a paz e de como eles foram desenvolvidos, percebe-se que a busca por um mundo solidário é preocupação constante dos educadores entrevistados. Existem propostas de atividades vinculadas ao tema “Paz”. Os projetos executados foram apresentados a partir de problemas que permeiam a realidade de cada escola ou, ainda, foram provocados por meio de questionamentos que partiram dos educandos.

Entre os oito educadores entrevistados, apenas duas professoras tinham conhecimento da existência de uma proposta de educação para a paz. Por meio dessa constatação, verifica-se a carência de embasamento teórico dos educadores no que se refere às teorias e possibilidades de educação para paz.

Ao analisar o Projeto Político-Pedagógico das instituições de ensino, percebe-se que fazem parte dos documentos de todas as escolas pesquisadas objetivos que contribuem para a formação de seres humanos responsáveis e comprometidos com o destino coletivo, o que indica a existência da intenção de educar para a paz.

Aqui se denota o grande desafio da educação em que as experiências de vida dos alunos e suas carências podem ser a fonte das possibilidades de temas a serem abordados nos projetos de ensino. Ao considerar os problemas da sociedade contemporânea, na qual estão inseridos os da educação, percebe-se a importância de reavaliar o processo educativo, verificando a necessidade de estímulo à formação permanente dos professores, visando ao desenvolvimento das potencialidades de cada um, seja no aspecto técnico profissional, seja no tocante a determinadas qualidades que perpassam a vivência pessoal. Todo esse processo deve desenrolar-se em estreita ligação com o desempenho da prática educativa, passando pelas teorias e pelos valores humanos.

Nessa perspectiva, este estudo propõe conhecer os principais paradigmas da educação para a paz identificando se estes permeiam a prática pedagógica em escolas da cidade de Santo Ângelo (RS). Tem o propósito de contribuir para a reflexão acadêmica a respeito da educação para a paz, servir como instrumento essencial ao desenvolvimento do pensamento e

da ação docente e discente, além de identificar a mudança social como possível e resultante da ação das pessoas.

Portanto, o relevante papel da educação para a paz na vida dos seres humanos, tanto na sua formação quanto na efetivação de sentimentos, confere aos educadores a responsabilidade de gestar uma educação mantenedora da vida e que objetive a construção de um mundo mais solidário e justo, e que saiba dizer não à violência.

CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO PARA A PAZ NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Abordar a educação como uma tarefa essencial para a vida, que se faz necessária e como uma atividade atraente e frutífera, não constitui uma reflexão realizável com fundamentos tênues. Em um primeiro momento, é fundamental conhecê-la e compreendê-la como uma atividade cada vez mais complexa e delicada. Atualmente, as intenções que fundamentam as propostas educativas estão menos simplistas; a cada dia, exigem uma atuação mais ampla, mais amarrada à complexidade, à diversidade e à velocidade com que acontecem as mudanças sociais. Longe de se pretender encontrar, ao menos neste momento, uma resposta para questões tão intrincadas como as guerras, o terrorismo, a manipulação de informações, fatos e posturas que perpassam a atuação dos educadores, encontramos hoje, aliados ao desejo de tantos em entender um pouco mais o que se passa na sociedade atual e, com tal postura, sempre que possível, intervir no processo de desvelamento, preparando indivíduos para interferir, de forma positiva, nas realidades econômica, social e política. O educador Paulo Freire, cuja visão de mundo humanitária e generosa, voltada para a integridade do ser humano, traz a seguinte definição de educação: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 2007, p.104).

Vive-se um período marcado por questionamentos nos diversos setores da sociedade, sejam eles de ordem política, familiar..., os quais exigem que as diferentes estruturas educacionais se entrelacem com as ciências, as artes e as espiritualidades, a fim de se manter uma unidade de pensamento em prol da construção de um mundo de paz. No que diz respeito à educação, tem-se, coletivamente, como principal missão¹, que preparar jovens e crianças

¹ Mesmo que alguns setores educacionais tentem negar ou se eximir da responsabilidade social, aqui se faz referência ao compromisso e à função de educar seres humanos que contribuam para uma sociedade solidária. Função esta que se dispõe quando se assume atuar profissionalmente como educador.

para a prática do bem comum, para a consciência dos seus limites e dos da sociedade, formando cidadãos mais solidários e tolerantes, envolvidos com sua coletividade.

A educação para a paz, nos dias de hoje, é uma necessidade. Seguramente, uma tarefa que jamais estará pronta; ela se faz um direito e um dever de todo o educador, sejam estes da educação formal ou informal. A violência institucionalizada, a degradação das relações humanas, a fragilidade dos direitos humanos, a inconseqüência dos atos contra a sustentabilidade da vida, a indiferença, a submissão ao poder econômico, podem ser consideradas forças congruentes que trabalham para o fortalecimento das situações de violência com que se depara diariamente. Com base nessas constatações, sugere-se a elaboração de um processo criativo de educar no qual seja possível o movimento de transição da cultura de violência para uma possibilidade de cultura de paz. A Organização das Nações Unidas, assim define cultura de paz:

Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições e estilos de vida baseados: a) no respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; b) No pleno respeito aos princípios de soberania, integridade territorial e independência política dos Estados e de não ingerência nos assuntos; c) que são, essencialmente, de jurisdição interna dos Estados, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e o direito internacional; d) No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; e) No compromisso com a solução pacífica dos conflitos; f) Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio ambiente para as gerações presentes e futuras; g) No respeito e promoção do direito ao desenvolvimento; h) No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens; i) No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; j) Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz (ONU, 1999).

O mundo da violência nos desafia, e isso é percebido quando nos deparamos com a necessidade de viver em casas cercadas de grades, de conviver com crianças sem agasalho, sem alimento, fora da escola, com pessoas resolvendo seus conflitos de forma violenta. O que não significa que tal situação deva ser considerada como definitiva, pois:

A educação para a paz tem uma dupla finalidade: por um lado, a pesquisa dos obstáculos e das causas que nos impedem de obter uma condição de elevada justiça e reduzida violência e, por outro, o desenvolvimento de conhecimentos, valores e capacidades para empreender e edificar o processo que conduz à mais plena realização da paz (LEDERACH apud SERRANO, 2002, p. 93).

Conforme a educação para a paz, é essencial o fomentar de valores humanos positivos², na tentativa de educar, desde muito cedo, ou seja, ainda na infância, para que os indivíduos percebam todas as “faces da existência” e encarem problemas, momentos de tristeza e angústia, sejam estes pessoais ou coletivos, não como absolutos, mas como possibilidade para a própria mudança e desenvolvimento da sensibilidade solidária.

Muito se fala em educação para a paz em tempos de guerra e por mais que, em nosso país, ela não aconteça de forma declarada, está presente no dia-a-dia e facilmente pode ser verificada pelo número de crianças que morrem de fome, pela miséria humana³ deflagrada, pela falta de emprego, moradia, educação, saneamento básico, enfim, pela impossibilidade de muitas pessoas terem acesso a uma vida de dignidade. Jamais poderemos ocultar a existência de conflitos, das guerras ou das lutas sociais que constituem a história da sociedade, mas devemos analisá-las criticamente. Segundo Zarth, educador e historiador, ao analisar a proposição de estudo dos temas no ensino da História, considera:

[...] a mídia internacional tem exposto ao mundo todas as formas de conflitos, ao vivo. Esta condição não supõe uma cultura de guerra, na medida em que a atual historiografia não trata de exaltar os heróis nacionais e suas vitórias militares e sim trata de denunciar e analisar, de forma crítica, os motivos antes ocultados pelos manuais didáticos. Uma postura desse tipo, só pode contribuir para uma consciência política de solidariedade internacional que permita entender as razões das desigualdades e conseqüentemente contribuir para a sua superação (ZARTH, 1999, p. 53).

Todas essas constatações levam ao entendimento de que a paz não é uma doação ou algo que se possa alcançar de forma natural, pois ela não é inerente ao ser humano. Paz só pode ser conquistada pela aquisição de postura e posterior ação. Daí a necessidade de ser instrumentalizada e difundida ainda na infância e fortalecida por toda a vida. Não deve ser vista como um desejo e busca de sonhadores, mas como uma possibilidade de obra concreta, fomentada por educadores com a intenção de produzir reflexão, discussão e posicionamentos que encaminhem para uma sociedade organizada e sustentável.

Quando se faz referência à paz, torna-se imperativo ressaltar que não significa uma harmonia ilusória ou apática, ela exige uma postura e um dar-se conta das questões sociais, de

² Toda a referência feita, neste trabalho de pesquisa, a Valores humanos está se referindo a valores como: solidariedade, cooperação, respeito, diálogo, justiça, autoconfiança, amor, humildade, fraternidade, criticidade, perseverança, união, honestidade..., em conformidade com a definição de cultura da paz da ONU.

³ Aqui se entende miséria humana como a incapacidade dos indivíduos de perceberem o mundo além dos seus interesses pessoais, seres que não cultivam valores humanos positivos como o afeto, a solidariedade, a justiça, o respeito, a verdade...

dizer não à submissão, à negligência, à indiferença, à violência, ao descaso pela sustentabilidade da vida em nosso planeta. Em um comentário de Carlos Rodrigues Brandão, na obra, *A Canção das Sete Cores*, ele se reporta à paz com realismo: “o que significa de fato a paz ainda parece ser uma pergunta boa, mas difícil, que busca respostas entre preceitos e, sobretudo, gestos confiáveis e convincentes” (BRANDÃO, 2005, p.12).

Uma educação fundamentada na paz deve, portanto, considerar valores que ajudem na sua promoção, na mudança de hábitos culturais, de comportamentos, ensejando um mundo solidário e de convivência cidadã.

A paz não é o ideal de uma vida ancorada na segurança, mas no esforço. Trabalhar pela paz significa mesmo abandonar os pressupostos da tranquilidade. A construção e a luta pela paz também têm algo de Sísifo – que dia após dia tinha que rolar a mesma pedra até o alto da montanha - e que pede um sempre retomar e não-esmorecer, constituindo-se como uma empenhada e sempre incerta conquista, num frágil ganho da razão (GUIMARÃES, 2005, p. 205).

Pais, mães, professores, atentos ao próprio comportamento, estão certos de que se educa pelo exemplo e que a paz é um processo dinâmico, ou seja, significa estar sempre em busca de novos modos de relacionamentos, de sustentabilidade da vida. Percebem que esta é uma tarefa humana a ser realizada e que ela se organiza a partir da individualidade de cada ser. Portanto, ajudar o educando a elaborar a sua escala de valores humanos, a qual determinará boa parte das decisões de suas vidas, a aprender a solucionar problemas, a reagir sem violência ao comportamento das outras pessoas, a buscar soluções para a preservação do ecossistema, são possibilidades e caminhos que conduzem para a paz. Na vida, inevitavelmente, conflitos acontecem. Constantemente, interage-se com outros indivíduos, com os quais há divergência de idéias e posturas, em diversas instancias e momentos. Os interesses e necessidades, normalmente, não são os mesmos entre as pessoas. Aparecem, então, os conflitos para os quais precisa-se estar preparado para resolvê-los de forma não-violenta. É fundamental que se desenvolva no educando a capacidade de aprender com os desafios, conscientes de que toda a ação tem uma conseqüência para a vida. “Criança egoísta precisa saber que contará com poucos amigos. Não sabendo compartilhar, perderá a oportunidade de aprender com o outro”. A criança deve “entender sim e não” (BOM SUCESSO, 1999, p.30-47). Para alguns pais, colocar limites na vida de seus filhos, ainda que seja na infância, pode ser considerada uma atitude difícil e dolorosa. Muitas vezes, acabam desistindo e tornam-se bastante complacentes, comprometendo o desenvolvimento saudável da criança.

Portanto, educar para a paz é um aprendizado para a vida, e alguns de seus objetivos são: conscientizar a comunidade escolar sobre a importância de refletir os valores humanos no cotidiano, dentro e fora da escola; gerar um ambiente educativo com reflexos na vida familiar; auxiliar na compreensão dos valores e de suas implicações para o indivíduo, com os outros e para com a sociedade e incentivar a prática da reflexão e do diálogo.

Essa proposta educativa sugere atividades interdisciplinares que podem ser praticadas em todas as disciplinas curriculares. De acordo com essa proposta de educar para a paz, é possível fomentar a cooperação, a honestidade, a solidariedade, o compromisso com a verdade, a liberdade de expressão, o respeito, requisitos que se sustentam e se fortalecem pelo comprometimento. São vivências possíveis que encaminham o educando para uma melhor qualidade nas relações de vida, contribuindo para o seu crescimento como ser humano e tornam possível o seu desenvolvimento harmonioso. Naturalmente geram a paz, não apenas interior, mas ela resplandece e permeia as relações interpessoais.

Outra perspectiva da educação para a paz é ao despertar a criticidade do educando, o que corrobora para a sua emancipação. Propõe-se uma análise crítica dos conhecimentos técnicos e da vida em sociedade, não apenas a simples transmissão dos conteúdos. No entanto, se a educação tem como um de seus objetivos a formação do cidadão para a vida em sociedade, ela não pode perder a sua dimensão política que faz parte da própria vida. Nesse contexto, o professor orienta o processo de conscientização no sentido de uma sociedade mais fraterna, em que os direitos individuais e coletivos se complementem. Conforme Paulo Freire expõe abaixo, ao propormos uma educação realmente emancipadora e participe do processo político, é preciso que a intenção educativa seja previamente determinada:

Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou uma educação para o homem-sujeito (FREIRE, 2007, p. 44).

A educação para a paz é realizável em todos os níveis: nas escolas de Educação Infantil, de Ensino Fundamental, de Ensino Médio e Superior; por educadores em geral que procuram ampliar sua área de atuação profissional; em instituições interessadas em aprofundar as questões de vida; em entidades comunitárias e Associações de Pais e Mestres.

Mas, se fomentada ainda na infância, passa a fazer parte do cotidiano⁴ das crianças e por elas é naturalizada. Uma criança que cresce refletindo primeiro sobre a sua ação diante de outra pessoa passa a ampliar essa reflexão para as questões de mundo e a perceber-se como agente de transformação social.

Para a condução dessa reflexão, vale mencionar que a adoção de uma postura reflexiva e dialógica para a análise e resolução não-violenta de conflitos é uma atitude relacionada aos valores despertados no transcorrer da vida de cada ser humano e que o constituem. Entre eles, destacam-se a responsabilidade, a cooperação, a solidariedade, o sentido de importar-se e de estar comprometido com o outro. Já o conflito deve ser pensado como uma possibilidade de aprender, pois ele é inerente às relações humanas. Portanto, permeia a vida diária. É importante falar abertamente com o educando para que aprenda a se resolver de maneira construtiva e a viabilizar a possibilidade de realizar acordos, ouvir as partes conflitadas (quando for o caso), encontrar alternativas. Se essa postura educativa for adotada desde a infância, proporcionará ao indivíduo, desde muito cedo, o desenvolvimento da capacidade de solucionar, com segurança, outros conflitos que surgirão no decorrer da vida.

Em suma, educação para a paz é uma forma de educar que está voltada para o desenvolvimento sustentável, para a preservação do ecossistema, para a solidariedade e para a paz entre os povos, devendo ser implementada, na escola, desde a mais tenra idade para ser transposta à família⁵ e à sociedade.

Trabalhar com crianças é atuar no porvir, em sintonia com a vida que se consolida. Isso confere ao educador uma grande responsabilidade de agir de forma impecável, de orientar com esmero e de pensar e atuar para uma educação esculpida em valores humanos, que potencializem crianças e jovens a participarem da construção de uma sociedade mais harmoniosa, digna, com justiça social, solidariedade, respeito e prosperidade, tendo em vista um mundo mais fraterno e virtuoso, no qual as pessoas saibam dizer não à violência. Esses são alguns dos desafios educacionais da atualidade. É fundamental que se tenham objetivos bem determinados e se esteja preparado para enfrentar as realidades a serem transformadas.

Todos aprendem, fundamentalmente, por meio diálogo, do afeto, do amor, da dedicação, da paciência, da compreensão, do exemplo, da possibilidade de fazer e de ser.

⁴ Utiliza-se o termo cotidiano pela definição estabelecida por Carlos Eduardo Ferraço: redes de fazeres saberes tecidas pelos sujeitos cotidiano (FERRAÇO, 24^a Reunião Anual da ANPED).

⁵ Neste trabalho, não se faz referência somente ao modelo de família nuclear patriarcal, mas sim a todo e qualquer grupo formado por indivíduos que estejam ligados por vínculos afetivos, ou de sangue, ou por outros laços sociais. Considera-se família, contextos mais vastos do que graus de parentesco.

Tudo tem início na infância, considerando que o indivíduo é um ser pleno, mas inacabado, com a possibilidade de ser autor e ator de uma história pessoal e social. Nessa perspectiva, Paulo Freire propõe uma tomada de posição do professor e um despertar no educando quanto à responsabilidade de participar e intervir no mundo:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo de que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, a minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p.54).

Em toda a proposta educativa, considerar a conjuntura de origem e meio social do educando, ou seja, a realidade da qual ele se insere, faz parte do processo. As condições sociais, econômicas, políticas, culturais, materiais e ideológicas, constituem as individualidades e são barreiras a serem superadas nesse processo. Articular e principalmente levar em conta o pertencimento do infante torna-se importante para, assim, elaborar-se uma cultura de empoderamento⁶ às mudanças, tornando cada indivíduo capaz de perceber que é possível, sim, redesenhar uma nova história de vida, basta que não se fique apático diante das “barreiras” que a vida apresenta.

A possibilidade de mudança pela educação pode acontecer a partir do momento em que se percebe e se atesta à capacidade de educadores para transformar limitações em ousadia, dúvidas em certezas, medo em coragem, ódio em amor. Cabe a cada um, nesse processo, ser capaz de ver o mundo de uma forma diferente, como possibilidade de chegar onde os nossos pensamentos e desejos idealizados ousaram alcançar, no sentido de propor e fomentar ações comunitárias, participativas, resilientes, afetivas e solidárias. Precisa-se ter a capacidade de amar, entender a individualidade humana e compreender o valor de atuar na educação que busca um mundo de paz, o qual pode e deve ser gestado pela educação.

1.1 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ TEM UMA HISTÓRIA

Atualmente, muito se discute a paz, mas pouco se sabe sobre a possibilidade de envolver-se em uma cultura de paz, embora esta seja considerada uma cultura milenar. Vive-se em um mundo marcado pela indiferença e por posturas e ações violentas. Em tempos turbulentos como os atuais, refletir sobre a importância de se educar crianças e jovens para que, em um futuro bastante próximo, se transformem em adultos que contribuam

⁶ Fazem-se referências ao sentimento subjetivo de sentir-se capaz de ser um agente de transformação.

positivamente, na sociedade, é fator determinante. Mas, embora esta possa ser considerada uma sabedoria inquestionável e a educação ter-se tornado a base política, espiritual e ideológica das nações desenvolvidas, o alcance dessa meta/verdade prioritária nem sempre esteve voltada para os interesses da sociedade.

1.1.1 A Educação para a Paz na História

Educar para o bem, para a arte, para o equilíbrio vital e para a sobrevivência da sociedade, constituem alguns dos objetivos da educação. Carlos Rodrigues Brandão, preceitua o processo ensino-aprendizagem da seguinte forma:

O que torna social essa estrada de mão dupla chamada *ensino-aprendizagem* é o fato de que todo o conhecimento humano verdadeiramente significativo é o resultado frágil, mutável e crescentemente enriquecido e aperfeiçoável de um contínuo processo de inter-trocas de *saberes*. De saberes e de sentidos, de valores e de sensibilidades não apenas entre pessoas, tomadas em uma individualidade identitária, mas, também entre grupos humanos, entre povos, entre culturas (BRANDÃO, 2005, p. 99).

O conhecimento é a base da evolução da humanidade. É preciso, portanto, colocá-lo em círculos de diálogos, para que possa ser fecundo. Weil sugere a formação de uma consciência, conforme a proposta holística⁷ da educação, que busca a promoção da paz e erradicação dos preconceitos de qualquer natureza. Nessa trilha, é iminente a criação de uma política social voltada para as necessidades fundamentais do cidadão, pois esse é o único caminho para a diminuição dos conflitos sociais que se agravam a cada dia na sociedade.

Em todos os níveis de ensino, é possível propor uma pedagogia pautada no sentimento, além do conhecimento técnico e científico. Na Educação Infantil, por exemplo, propõe-se o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, social, intelectual, psicológico, ético e de valores humanos, e que a escola, de forma didática, complemente a ação da família e da sociedade. No Ensino Fundamental, tem-se em vista desenvolver a capacidade do educando para a ampliação de conhecimentos e habilidades que levem à formação de atitudes, de sentimentos humanos com propósitos positivos⁸ e ao fortalecimento

⁷ Essa proposta holística para a paz é um processo que se inspira nos métodos ativos, dirigindo-se à pessoa como um todo, tende a despertar e desenvolver tanto a razão quanto a intuição, a sensação e o sentimento. Busca demonstrar como cada situação da existência constitui uma oportunidade de aprender (WEIL, 1993, p. 39-40).

⁸ Refere-se aos valores humanos que neste trabalho de pesquisa são amplamente mencionados, tais como: solidariedade, comprometimento, justiça, sensibilidade, não-violência, cooperação, criticidade, capacidade de cooperação, honestidade...

dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. Tal proposta reforça o desenvolvido no nível anterior. Já no Ensino Médio, intenciona-se fortalecer os propósitos de educar para a paz, por meio de uma formação ética e do desenvolvimento da autonomia intelectual e pensamento crítico. Na graduação, também é possível propor-se uma pedagogia pautada nas relações entre sujeitos. Ela se revela no momento em que os professores estimulam o conhecimento e a reflexão sobre os problemas do mundo, em particular, dos que fazem parte de uma realidade mais próxima. Tal veiculação leva os alunos a repensarem suas verdades e à prestação de serviços singulares à comunidade, com a qual estabelece uma relação de comprometimento recíproco.

Essas colocações são orientadoras de uma postura reflexiva ao mundo no qual se vive e também às propostas de ensino. Educar para a paz torna-se uma expressão e uma necessidade educativa para boa parte dos que se dedicam a tarefas formativas. Em se tratando de currículo escolar, os temas transversais são considerados uma proposição legal, que tem o viés educativo da educação para a paz. Assim, nessa perspectiva, além das razões pedagógicas, sociais, políticas e ecológicas que a sustentam e demandam, educar para a paz é um imperativo legal, pois faz parte de disposições em leis nacionais, como em convênios, declarações e pactos internacionais firmados pela maior parte dos estados, fundamentalmente por iniciativa da UNESCO e das Nações Unidas.

Para refletir sobre a experiência de tal dimensão educativa e apresentar propostas de intervenção em nível de escola e sala de aula, é que se investiga a história da educação para a paz (EP), buscando conhecer os legados históricos e os caminhos apontados para a intervenção na realidade educativa atual.

Segundo Jares (2002), a evolução história da educação para a paz concretiza-se em quatro marcos geradores: o nascimento desse novo olhar educativo, o nascimento da UNESCO, a contribuição da não-violência e o surgimento da pesquisa para a paz como uma nova disciplina.

Esses quatro movimentos ou ondas, como foram denominados por Jares (2002), têm raízes no legado da não-violência, cujo marco é o século IV a.C., no qual Maavira, fundador do jainismo⁹, relega o conceito metafísico da verdade e exalta o princípio didático da ainsa (não-violência). Esse é “o primeiro testemunho histórico da não-violência como valor

⁹ Milenar religião e filosofia da Índia.

educativo”, proveniente do antigo Oriente, onde surge na qualidade de paidéia religiosa (VIDAL apud JARES, 2002, p. 21).

Seguindo essa orientação, verifica-se que, posteriormente, Buda une os conceitos de ainsa e piedade para todos os seres. Não são exatamente experiências educativas em nível escolar, mas por sua vocação filosófica e religiosa irradiam novos conceitos por isso considerados educativos. No mesmo sentido, situam-se a Doutrina Cristã e a prática social dos primeiros cristãos, em que se promovem valores de paz, como a não-violência, a justiça, o sentimento de comunidade e o amor fraterno. Sobre o assunto, Guimarães alude: “O Cristianismo, a princípio, faz-se herdeiro da simbólica profética. O próprio evento Jesus de Nazaré é lido a partir da categoria da paz, como alguém que derruba fronteiras e limites e recusa a guerra e a violência” (GUIMARÃES, 2005, p.103)

A partir da concepção existente do ser humano, da vida e da sociedade, gerou-se uma pluralidade de enfoques religiosos, filosóficos e sociais, exemplificados pelo “pacifismo educativo neocristão” de Erasmo de Roterdã e Juan Luis Vives. Mas, em meados do século XIX, é que se destacam Tolstói e Tagore, figuras que tiveram especial importância na origem da educação para a paz.

Léon Tolstói, escritor russo, nascido em 1828, concebe a educação como um processo de osmose espontânea, fruto da cooperação, do amor e da sugestão pessoal em um ambiente de total liberdade. A recusa de Tolstói a todo tipo de violência conduz ao “princípio da não-intervenção na educação”, cuja tradução pedagógica resultou no princípio da “não-violência”. Segundo Abbagnano e Visalberghi, apud Jares (2002, p. 22), Tolstói sustentava tal preceito como supremo ideal moral e religioso.

Rabindranath Tagore, poeta hindu, nascido em 1861, fundou a escola de Santiniketan ou Casa da Paz perto de Calcutá. Desenvolveu idéias próximas às de Tolstói, no que se refere à transformação social, e entendia que o sistema de castas ou classes sociais que divide os povos só podia ser modificado mediante uma nova educação, antecedendo, assim, o utopismo pedagógico¹⁰, que veio dar corpo ao idealismo da Escola Nova. As características que resumem o pensamento educativo de Tagore são o contato com a natureza, a harmonia do espírito com a criação e a educação para a vida (JARES, 2002, p.23).

Outra grande contribuição pedagógica é encontrada na linha paralela à seguida por Tolstói e Tagore, e que vem agregar-se à história da educação, tendo como pioneiros autores

¹⁰ Utopismo pedagógico significa acreditar no poder ilimitado da educação na promoção da paz.

como Comenius e Jean Jacques Rousseau. Segundo Jares (2002, p. 23), estes são “os dois pioneiros da educação baseada no respeito às crianças, na união com a natureza e na fraternidade universal”.

Comenius, filho da Eslováquia e vivendo no século XVII, época na qual a Europa feudal se agitava diante dos primeiros movimentos da nascente sociedade burguesa, e, conforme Lopes, apud Jares (2002, p.23), perseguido, exilado e muitas vezes incompreendido, desenvolve atividades de pensador e pedagogo entre os problemas do ensino e os da guerra. Para conseguir a união da humanidade, ele propugnava a pansofia – ciência universal, que devia ser um resumo de todo o saber, demonstrável por meio de um método tão exato como a matemática – e a educação. Por esse método, a verdade se estabelecerá pela prova e “a humanidade aprenderá a solucionar os conflitos pela demonstração da verdade, e não pela violência” (HEINDRICH apud JARES, 2002, p. 24). Comenius crê na possibilidade de realizar a união mundial por meio da educação e, dessa forma, conseguir a paz. Os seus planos de educação são traçados em *O Caminho da Luz*, obra escrita na Inglaterra, em 1641, e que aponta quatro rotas de luz indispensáveis: os livros gerais sobre a educação; as escolas que difundem a instrução geral para a juventude em todos os países; um corpo comum e universal de homens judiciosos com a tarefa de zelar para o bem comum e, por fim, uma língua a ser difundida, no mundo inteiro, com os idiomas nacionais, a qual permitirá às nações conhecerem-se e compreenderem-se melhor, auxiliando a expansão das ciências. Esse pensador estava convencido de que conseguiria a paz em um único rebanho e um único pastor, pois segundo Abbagnano e Visalberghi, apud Jares (2002, p. 24), “o fundamento da pedagogia comeniana é essencialmente religioso”. Sua teoria antecede o utopismo pedagógico e a corrente mundialista¹¹. Nas palavras de Comenius: “os pontos fracos da natureza humana não podem ser prevenidos eficazmente a não ser quando se evitam desde a juventude. (...) o ensino e a prática apropriada reverdeçam e sejam uma arte verdadeira e oficinas de virtudes” (LOPES apud JARES, 2002, p. 25).

Outro antecedente da educação para a paz, J. J. Rousseau, é considerado por Jares (2002, p. 25) predecessor da Escola Nova. Como Comenius, escreve sobre a paz e a guerra. Rousseau, filósofo francês, que viveu no século XVIII, acreditava que o homem é, por natureza, pacífico e tímido (ROUSSEAU apud JARES, 2002, p.25) e que a criança é boa por natureza, assim também como o homem. O fundamento educativo desse filósofo é a liberdade. O movimento da Escola Nova, com seu utopismo pedagógico, vem implementar as

¹¹ Comênus acreditava conseguir a união mundial por meio da educação.

idéias de Rousseau no que diz respeito à educação para a paz. Julgavam que, por meio de uma nova educação pautada na autonomia e na liberdade da criança, seria possível formar futuros cidadãos, para os quais a guerra não representaria sentido algum. No Brasil, essa idéia está presente no “Manifesto dos Pioneiros”, de 1932, que entendia a educação como fundamento das mudanças necessárias ao país. O primeiro parágrafo do manifesto começa assim: “na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional” (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO, 1932).

1.1.2 Nascimento da Educação para a Paz no Ensino Formal

O nascimento da educação para a paz, pelo menos na Europa, é representado pelo movimento de renovação pedagógica do início do século XX, conhecido como Escola Nova. Esse movimento exerceu grande influência nas instituições educativas oficiais da época e chegou até os dias atuais. A Escola Nova foi especialmente consistente na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. Apesar de essas idéias serem consideradas muito controversas, ainda hoje, quando se continua a buscar rumos para a educação, os preceitos e experiências dos seus autores, mesmo que contenham algumas concepções ultrapassadas ou ingênuas, podem continuar servindo como fonte de inspiração pedagógica.

É a partir do movimento da Escola Nova (EN) que surge a primeira iniciativa sólida de reflexão e ação educativa pela paz. Pelo seu caráter internacionalista e pela amplitude do modelo pretendido de educação para a paz, as experiências dessa escola, vão desde o enfoque dos grandes problemas sociais à transformação do meio escolar. Ela dirigia suas críticas tanto aos métodos e propostas didáticas da escola tradicional como à sua contribuição na militarização da infância e da juventude. Dessa forma, considera-se a escola como a instituição que pode afastar a guerra e, ao mesmo tempo, ser responsável por ela. Segundo Ferrière, apud Jares (2002, p. 27), no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, “a escola esforçou-se para formar a criança para a obediência passiva, mas não fez nada para desenvolver o espírito crítico nem jamais procurou favorecer a ajuda mútua”. Tanto é assim que, ainda hoje, alguns educadores buscam uma educação para a passividade, contrariando as propostas de educar o homem para que ele próprio busque as melhoras nas condições de vida. A educação para a paz propõe um educar com esforços concretos e práticos, que encaminhem os indivíduos à realização da autonomia, da autodeterminação, da criatividade e da tomada de

decisão. Nessa perspectiva, fortalecendo o sentido social da ação educativa, Maria Montessori corrobora:

Não basta pregar um princípio abstrato ou tentar persuadir os outros. É para uma “grande obra” que somos chamados. Eis aí a grande tarefa social que nos espera: colocar em funcionamento o valor potencial do homem, permitir-lhe atingir o desenvolvimento máximo de seus dinamismos, prepará-lo verdadeiramente para mudar a sociedade humana, fazê-la mudar para um patamar superior (MONTESSORI, 2004, p.21).

Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pela primeira vez, foram utilizados instrumentos de destruição em massa. Isso gera, então, uma consciência, no mundo todo, de uma maior dependência entre os povos e nações e a necessidade de reverem-se os princípios da educação e de suas instituições, para que estes se difundam com vistas à preservação da paz. Infundiram, não apenas nos educadores, mas também nos pensadores sociais, filósofos, políticos e administradores, uma nova fé na escola para que suas técnicas fossem revisadas e colocadas em condições de desenvolver uma ação social melhor e mais segura. Mal termina a guerra, produz-se um movimento educativo, caracterizado pela idéia de evitar o conflito armado. Com uma nova educação, gestada pela revisão de planos e métodos, acredita-se poder construir um mundo de harmonia, estendendo esse processo educativo ao conjunto da população escolar. Essa idéia era reforçada pelas contribuições da psicologia, cujo teor resumia-se em ser nos primeiros anos que se forma a personalidade do futuro adulto.

A insistência de S. Sherman, chefe do Departamento de Educação da Liga das Nações, em 1926, para que a educação se apóie na vida real e sejam incorporados ao currículo escolar os meios necessários para sensibilizar sobre a necessidade de evitar a guerra e estimular a unidade internacional, resultou em outros esforços nesse sentido e, nesse mesmo ano, o trabalho do movimento pedagógico reunido em torno do instituto genebrino J. J. Rousseau, possibilitou a criação da Oficina Internacional de Educação (OIE). A criação desse órgão foi decisiva na divulgação e conceituação da educação para a paz, principalmente por fazer parte dela vários teóricos da EP, como o francês Pierre Bovet e o catalão Pere Rosselló (JARES, 2002, p.29-32).

O movimento da Escola Nova consolida-se com o I Congresso Internacional de Educação realizado em 1921, em Calais (França), com a constituição da Liga Internacional de Educação Nova, cuja implantação deu-se em mais de 20 países, reunindo os pedagogos de maior prestígio do campo internacional.

Parecia então que, para assegurar ao mundo um futuro de paz, nada podia ser mais eficaz que desenvolver nas jovens gerações, por meio de uma educação apropriada, o respeito à pessoa humana. Assim, poderiam florescer os sentimentos de solidariedade e fraternidade humanas, os quais são o oposto da guerra e das violências (WALLON apud JARES, 2002, p. 33).

A Liga Internacional de Educação Nova continuou realizando congressos bianuais para aprofundar as análises do modelo educativo e, no VI Congresso, realizado em 1934, que teve como tema geral, “As forças morais comuns a todos os homens: suas origens e desenvolvimento por meio da educação”, buscou-se estudar o papel da juventude para promover o entendimento entre os povos.

Nessa passagem pela Escola Nova, citam-se os esforços da italiana Maria Montessori, referência-chave na conceituação e difusão da educação para a paz. Montessori considera, em primeiro lugar, que para progredir em sua educação o educando deve lutar contra si mesmo ou contra os outros, contra a velha sociedade ou contra a natureza; em segundo lugar, porque faz da paz não apenas o fim, mas também o meio do processo educativo, respeitando os princípios não-violentos, mantendo a coerência entre fins e meios; em terceiro lugar, concebe a educação como a única possibilidade e esperança do ser humano para fazer com que a guerra desapareça do planeta, coincidindo com o utopismo pedagógico da Escola Nova. O pensamento montessoriano de educação para a paz permite ser visualizado sob dois enfoques: o primeiro como firme defensor de um conceito de paz em sentido positivo, que se estabelece a partir das relações e dos conflitos. Montessori afirma que o problema da paz não pode ser encarado de um ponto de vista negativo, ou seja, paz é evitar a guerra. Nesse sentido, considera que a paz tem, em si, o conceito positivo, de que, por meio das lutas, é possível uma reforma positiva de sociedade. E o segundo que, apesar de viver-se em um mundo de conflitos iminentes, é possível, por meio da educação, preservar os seres humanos de sofrerem com os prejuízos de uma guerra. Ainda sobre o mesmo assunto, em uma conferência, em Copenhague, em 22 de maio de 1937, proferida por Maria Montessori, ela sugere: “Hoje, neste período particular da história, a educação assume uma importância considerável. Insistimos cada vez mais sobre sua utilidade prática, que podemos resumir em uma frase: a educação é a melhor arma para a paz” (MONTESSORI, 2004, p. 49).

Jares (2002, p.34) considera que o pensamento montessoriano sobre educação para a paz admite os dois enfoques¹² com prioridade para o positivo. Montessori insiste, no seu

¹² Os dois enfoques de paz, conforme o conceito de Montessori, interpretado por Jares, são: paz positiva, entende que é possível construir a paz a partir dos conflitos, que são vistos como uma possibilidade de reforma social construtiva. E paz negativa, aquele enfoque que considera a idéia de paz como um idealismo ingênuo (JARES, 2002, p.34)

utopismo pedagógico, em afirmar que a infância trará a paz para a humanidade e que à educação cabe a responsabilidade de construí-la. Para essa pedagoga, a energia química da criança, uma vez despertada, terá reflexo em todos, pois tudo depende da forma como o processo educativo é conduzido e de seus objetivos:

A criança que desenvolve um amor forte por seu meio e por todos os seres vivos, que descobre a alegria e o entusiasmo no trabalho, dá-nos motivo para esperar que a humanidade possa se orientar numa nova direção. Nossa esperança de paz para o futuro não repousa sobre os conhecimentos formais que o adulto possa transmitir à criança, mas sobre o desenvolvimento do homem novo (MONTESSORI, 2004, p. 82).

As propostas de educação para a paz, apresentadas pela Escola Nova, visam fomentar nos estudantes a compreensão internacional e o amor pelas instituições internacionais. Por seu alcance em atingir o mundo inteiro, citam-se: a criação nos organismos internacionais de centros de documentação e informação a serviço das escolas de outros países, museus pedagógicos, Cruz Vermelha Juvenil em todas as escolas, busca de um idioma universal – esperanto –, reuniões de férias, entre outras. As proposições teóricas da Escola Nova fundamentam-se na concepção otimista do ser humano como energia ativa e criadora, considerando que:

[...], educado em sua integridade, pode tomar consciência da realidade e intervir em sua transformação, para isso situando a Educação Nova em face das práticas pedagógicas tradicionais, substituindo as relações distantes e autoritárias pelos interesses e pelas necessidades da infância. Em segundo lugar, esse processo educativo deve ocorrer em um clima de trabalho e atividade livre, colocando os meios em relação aos fins, de forma que a criança vivesse e experimentasse as situações relacionadas com os princípios que se desejava alcançar (JARES, 2002, p. 43).

Dessa concepção pedagógica, resultam, com relação à educação para a paz, a consideração da escola a serviço da criança e da humanidade, a defesa de seus direitos, o questionamento da função social que cumpria a escola tradicional na perpetuação dos valores dominantes e a busca de outros valores humanos por meio de um novo tipo de educação, criando métodos e procedendo a uma profunda revisão curricular. Aliados a esses princípios, desenvolvem-se dois enfoques fundamentais da educação para a paz: a perspectiva psicologista e, mais próximo das proposições sindicais e políticas, o enfoque sócio pedagógico.

A educação para a paz, nas perspectivas associativa, sindical e sociopedagógica, é encontrada em Freinet, entre outros pedagogos da Escola Moderna. As referências de Freinet e o movimento cooperativo a favor de uma escola comprometida com a luta pela paz aparecem em 1957. A finalidade educativa e as práticas da cooperação, ante o fomento da competitividade da escola tradicional, são a chave do pensamento freinetiano. O francês Célestin Freinet tem como princípio despertar na criança a afetividade, o senso de responsabilidade, o senso cooperativo, a sociabilidade e a autonomia reflexiva. A cooperação é característica essencial do movimento Freinet (PETTINI apud JARES, 2002, p.53). Associada ao internacionalismo, acrescenta-se outra dimensão fundamental na educação para a paz, que é a prática da democracia e a resolução de conflitos que se devem concretizar essencialmente na sala de aula, por meio da análise e debate de conflitos, de “textos livres” dos alunos, entre outras técnicas didáticas.

1.1.3 O Nascimento da UNESCO e suas Iniciativas

O nascimento da UNESCO, a partir do final de 1945, representa o segundo marco na evolução histórica da educação para a paz. Seu importante trabalho prossegue na atualidade, tanto no terreno normativo como no estímulo de programas, campanhas e materiais didáticos para educar para a paz.

A educação para a paz, na concepção da Unesco, é a convivência pacífica entre os cidadãos e os povos, não obstante, muitos fatores interfiram na concretização desse ideal, ou seja, a filosofia política que sustenta cada nação, fator determinante da maioria das situações de tensão entre Estados, também gera diferentes circunstâncias de desenvolvimento social e econômico em cada nação.

Jares (2002, p. 57) esclarece que, na perspectiva da Unesco, a educação para a paz centrava-se, na primeira fase, basicamente em três aspectos: a) compreensão internacional e consciência supranacional; b) ensino relativo ao sistema de Nações Unidas e organismos internacionais; c) ensino relativo aos direitos humanos. Tais aspectos foram associados no artigo 26, parágrafo segundo, da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, a saber:

A educação terá como objeto o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o fortalecimento do respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais; favorecerá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos étnicos ou religiosos; e promoverá o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para manutenção da paz (UNESCO apud JARES, 2002, p.57).

Veja-se em que consiste cada uma dessas três dimensões:

A educação para a compreensão internacional, definida na Conferência Geral de 1947, propunha que os indivíduos de povos distintos se conhecessem mutuamente e buscassem o desenvolvimento de uma cidadania mundial. Conforme Jares (2002, p. 58), cabe destacar, no conceito de ensino para compreensão internacional, o envolvimento dos seguintes aspectos:

1. Ensinar como viveram e vivem os outros povos;
2. Reconhecer a contribuição de cada nação ao patrimônio comum da humanidade;
3. Como um mundo dividido pode chegar a ser cada vez mais solidário;
4. Inculcar a convicção de que as nações devem cooperar nas organizações internacionais;
5. Organizar os estabelecimentos escolares para a aprendizagem da democracia, liberdade, igualdade e fraternidade, mediante a experiência vivida.

A educação, para a compreensão internacional proposta, visa responder a um enfoque global e interdisciplinar das realidades do mundo contemporâneo, orientada para a solução e compreensão dos problemas fundamentais. Segundo a Unesco, 1984, apud Jares (2002, p.59), “[...] a paz, a compreensão e a cooperação internacionais, assim como os direitos humanos e as liberdades fundamentais, têm de ser aplicadas, e isso deve ser feito dentro do contexto dos problemas da humanidade”.

Portanto, a paz, como “valor supremo da humanidade”, pressupõe um processo de progressos com tendências para construir uma sociedade internacional baseada na justiça, na solidariedade e no respeito mútuo entre os povos (UNESCO, 1983, p. 21).

A educação acerca das Nações Unidas e de outros organismos internacionais, desenvolvida imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, inclui, no ensino, cinco grandes temas: 1) antecedentes e evolução da ação cooperativa internacional e importância desse conceito para a segurança do mundo moderno; 2) estrutura das Nações Unidas; 3) funcionamento dos organismos das Nações Unidas; 4) conceitos e valores característicos das diversas culturas e Estados-membros; 5) conceitos fundamentais de liberdade humana, dignidade, valor e responsabilidade do indivíduo como eixo de uma educação cívica, nacional e internacionalmente considerada (JARES, 2002, p.60). Esse ensino deveria afetar todos os níveis educativos, até mesmo a educação informal, propondo a sua melhoria com o uso de recursos audiovisuais e de novos procedimentos, tais como a prática da compreensão

internacional, tomar como ponto de partida a realidade concreta do dia-a-dia e situar as Nações Unidas na história recente, sem dissimular as lacunas, os erros e/ou os fracassos, nem fundar na instituição esperanças absurdas.

A educação, com base em direitos humanos, inicia-se com a proclamação da Carta das Nações Unidas. Nela, os fundadores da organização das Nações Unidas apontaram que a violação dos direitos humanos tinha sido uma das causas da Segunda Guerra Mundial, e chegaram à conclusão de que não se conseguiria um mundo pacífico sem uma proteção internacional eficaz dos direitos humanos (UNESCO, 1969, p. 9). Entretanto, apesar dessa constatação e das várias declarações que se seguiram à Declaração Universal, como a Convenção sobre Prevenção e Punição do Genocídio (1948), a Convenção sobre Direitos Políticos da Mulher (1952), a Declaração dos direitos da Criança (1959), a Convenção Relativa à Luta Contra as Discriminações na Esfera do Ensino (1960), a Declaração sobre o Direito dos Povos à Paz (1984), a Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento (1986), a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1992), entre outras, ainda não há uma proteção internacional efetiva e eficaz dos direitos humanos, sendo estes, constantemente, violados pelos Estados, seja na luta pelo controle econômico, seja em razão das diferenças culturais.

Mesmo assim, cabe lembrar que a Recomenda de 1974 sobre Educação para a Compreensão, a Cooperação e a Paz Internacional e a Educação Relativa aos Direitos Humanos e às Liberdades Fundamentais, enunciou os princípios e as considerações que devem reger o ensino dos direitos humanos. Tal tratado sugeriu a preparação de um plano de seis anos para a educação relativa aos direitos humanos, recomendando que este tivesse base e apoio na pesquisa multidisciplinar, sendo voltado para uma melhor compreensão dos fatores que determinam a violação de tais direitos como a discriminação racial e étnica, os conflitos armados internacionais, a tortura, os desaparecimentos, a pobreza, a fome, entre outros, além de determinar as políticas e mecanismos institucionais necessários para garanti-los.

Embora as atividades a concretizar, nessa dimensão, sejam de competência de cada escola, recomenda-se que girem em torno de quatro grandes temas a partir do Plano de Escolas Associadas à Unesco:¹³ os problemas mundiais e a função do sistema das Nações Unidas; os direitos humanos (mulher, autodeterminação, minorias, imigrantes, emprego e

¹³ As Escolas Associadas não constituem em centros docentes especiais, são as próprias escolas de cada país que requerem sua incorporação a esse programa, mediante solicitação correspondente, acompanhada do projeto educativo da escola com dedicação especial às atividades próprias do Plano (JARES, 2002, p. 68).

desemprego, entre outros); outros países e culturas (compreensão internacional, direito a ser diferente, intercâmbios) e o homem e seu meio. Na observação de Jares (2002, p.68), a incorporação desses temas ao currículo ocorre no marco das classes existentes, sem sobrecarregar ou desorganizar o plano curricular.

1.1.4 A Não-violência

A não-violência representa o terceiro movimento e a dimensão geradora de educação para a paz mais difundida no tempo e no espaço. A literatura aponta que a não-violência educativa proporcionará à educação para a paz maior força ideológica, assentada em suas propostas de luta não-violenta.

O pensamento educativo da pessoa que simboliza a não-violência apresenta as características da ideologia não-violenta como a educação em Gandhi. Mohandas Karamchand Gandhi, nascido no século XIX, assim como os mestres não-violentos que o precederam, realiza sua obra a partir de uma firme convicção religiosa, baseando-se nas religiões orientais e no cristianismo para formular sua filosofia. Ele enfatizava a autonomia, representada por três fins que encerram os objetivos da educação, a seguir enunciados:

O primeiro é o de bastar-se a si mesmo para as necessidades materiais. O segundo é a aptidão individual no conhecimento: a servidão do espírito é tão desastrosa como a dependência material. Ninguém pode pretender ser livre se não desenvolver suas aptidões com um pensamento independente. O terceiro é a força individual que permite dominar os sentidos, visto que para ser realmente livre é preciso dominar os sentidos e o espírito, e a educação deverá, portanto, tender a desenvolver a aptidão no domínio de si e a disposição a servir livremente a seus semelhantes (VINOBA apud JARES, 2002, p. 70).

Na preparação não-violenta, Gandhi coloca como condição imprescindível a comunhão ou coerência entre os fins a perseguir e os meios a empregar. A reflexão sobre os fins e os meios leva a outro aspecto de suma importância e transcendência no plano social e educativo, que é a teoria gandhiana do conflito e da forma não-violenta de resolvê-lo. A idéia básica de Gandhi, com relação ao conflito, é que este é construído nas estruturas sociais e não no íntimo dos seres humanos. São das diferenças e do desenvolvimento que emergirão os conflitos. Isso não significa, que deva ser considerado como algo negativo, mas, sim, como possibilidade de aprender com determinada situação e como forma de dar concretude aos laços que aproximam os seres humanos. Para Gandhi, a incompatibilidade deveria ser

enfocada como um laço, juntando as partes, pois, por terem sua incompatibilidade em comum, deveriam esforçar-se para chegarem juntos a uma solução.

Galtung escreve a respeito, com base nas palavras e idéias Gandhianas:

Em vez de entender negativamente a incompatibilidade, vendo-a como a negação de uma relação harmônica, *ele parece interpretá-la de um modo mais positivo. Uma relação conflituosa é melhor do que nenhuma relação.* Um conflito entre você e eu significa que pelo menos temos algo em comum, um laço, uma ligação. Se existe uma incompatibilidade, isso quer dizer que temos um problema em comum, o nosso problema, seu e meu. No entanto, um problema é um convite à solução. Lutemos juntos contra esse antagonismo, não um contra o outro. O conflito é uma espécie de matéria-prima a ser processada com cuidado, à qual se deve dar a forma de relações sociais harmoniosas entre pessoas mais maduras (GALTUNG, 2003, p.80).

O pensamento comunitário de educação, expresso por Gandhi, é de que não apenas a escola deve estar aberta e integrada a seu meio, bem como a educação não pode ser responsabilidade exclusiva da escola. Nessa perspectiva, toda a comunidade deve participar da educação.

Além dessas considerações, verifica-se que Jares (2002) faz menção a várias realizações educativas que trazem a marca da não-violência, servindo de eixo condutor de suas práticas. Como exemplo, tem-se o caso dos Quacres, ou Sociedade dos Amigos, fundada na Inglaterra no século XVIII, cujas experiências educativas são orientadas fundamentalmente para o trabalho das relações interpessoais e, mais concretamente, para o desenvolvimento das capacidades para resolver conflitos de forma não-violenta, usando estratégias e técnicas como a potencialização da autonomia e auto-afirmação pessoal. Outro exemplo é o da Escola do Arca, fundada em 1948, na França, que além do componente essencial da não-violência, que é a autonomia – iniciativa –, realiza uma simbiose no plano didático com as técnicas da Escola Nova, baseada em Maria Montessori e na Escola Moderna de Célestin Freinet. Essas são apenas algumas das realizações educativas analisadas por Jares (2002) em sua obra: Educação para a paz: sua teoria e sua prática.

1.1.5 A Pesquisa para a Paz

A Pesquisa para a Paz representa o quarto movimento e a dimensão mais recente no tempo, em direção à educação para a paz. Foi suscitada a partir das trágicas conseqüências da Segunda Guerra Mundial. Nasce dos pressupostos de uma nova disciplina e, como tal, sua grande contribuição para a educação para a paz dar-se-á basicamente no plano conceitual; em

particular na revisão de conceitos de paz e violência e na distinção entre paz positiva e paz negativa. Para tornar compreensível o conceito de paz positiva e paz negativa, Xésus Jares em seu livro *Educação para a Paz: sua Teoria e sua Prática*, elucida tal conceituação conforme Adam Curle:

“Em uma definição negativa as relações pacíficas são aquelas que carecem de conflito. A ausência de conflito pode, no entanto, significar [...] a ausência de associação... Outro tipo de paz negativa é o que caracteriza aquelas relações nas quais a violência foi evitada ou mitigada, porém sem que tenha desaparecido o conflito de interesses, ou dos quais o conflito foi mistificado, isto é, foi encoberto ou disfarçado”.

[...] Prefiro definir a paz de forma positiva. Em contraste com a ausência de luta declarada, uma relação pacífica deveria significar – em escala individual – amizade e compreensão suficientemente amplas para superar quaisquer diferenças que pudessem surgir. Em escala maior, as relações pacíficas deveriam implicar uma associação ativa, uma cooperação planejada, um esforço inteligente para prever ou resolver conflitos em potencial. Esse aspecto de paz entranha em boa medida aquilo que chamo de *desenvolvimento*. Se deve ocorrer o desenvolvimento, isto é, se uma relação deve crescer de forma harmoniosa e em sentido eficaz, é axiomático que deva haver uma grande dose de igualdade e reciprocidade (CURLE apud JARES, 2002, p. 125).

O movimento da Pesquisa pela Paz (PP) nasceu nos Estados Unidos, em 1957, mas foi na Europa que suas propostas foram desenvolvidas, particularmente na Suécia e na Noruega, disseminando-se pela Espanha entre outros países europeus. Sobre essa questão, um dos principais e conhecido pesquisador é Johan Galtung:

Em Oslo, constitui-se em 1959, no Instituto de Pesquisa social, um departamento de pesquisa sobre os conflitos dirigido por Johan Galtung, autor que logo se converterá em referência obrigatória quando se fala de Pesquisa para a Paz. Em 1964, lança o *Journal of Peace Research*, transformando-o em 1966 em “International Peace Research Institute Oslo” (PRIO) (JARES, 2002, p. 81).

A Pesquisa para a Paz representa um outro impulso para o desenvolvimento da educação para a paz, em razão da nova configuração epistemológica do conceito de paz¹⁴ e suas conseqüências pedagógicas, que encaminham para uma recolocação do próprio processo ensino-aprendizagem conforme os valores da paz. Assim, a educação para a paz, dentro da concepção da PP, começa a desenvolver-se a partir de 1970, pelo International Peace Research Association (IPRA), organismo reconhecido pela Unesco e que exerce até hoje importante papel no fomento e na divulgação de resultados de pesquisas interdisciplinares, sobre as condições de paz e as causas da guerra e de outras formas de violência. Suas

¹⁴ Paz positiva e paz negativa.

propostas educativas são marcadas pelo trabalho de pedagogos do movimento sociopedagógico, como John Dewey. Nesse processo o pedagogo brasileiro Paulo Freire exerce reconhecida influência, pois seu conceito de conscientização¹⁵ e sua obra, *Pedagogia do Oprimido*, aparecem associados à importância do IPRA, como forma de superar as causas da violência estrutural. Em 1986, Paulo Freire é laureado com o Prêmio UNESCO de Educação para a paz, como forma de reconhecimento a importantes trabalhos nesse sentido. Não se pode deixar de enunciar que o nome e o pensamento do educador brasileiro aparecem, não raramente, em citações de artigos e textos que tratam do tema educação para paz, como mostra a citação abaixo:

... é precisamente a recepção da obra de Paulo Freire que construirá uma tradição específica de educação para a paz, não só pela frequência das citações de seu nome, mas pela própria capacidade de estruturação de uma proposta pedagógica de educação para paz (GUIMARÃES, 2005, p. 73).

Os quatro movimentos ou ondas, como denomina Jares, são geradores de novas inspirações a partir dos anos 80, os quais vêm a constituir um quinto movimento que reúne o legado dos demais e expressa como “Educar para a Paz depois de 11/09/2001”. Nele, assinala-se a necessidade de pensar e encarar, do ponto de vista educativo, o novo cenário internacional posterior ao atentado de Nova York. Entretanto, as razões para implementar-se uma educação para a paz são igualmente justificadas antes e depois de 11 de setembro de 2001, pois a violação dos direitos humanos, a injustiça social, o trabalho precário e a pobreza não são conseqüências dos fatos acontecidos nessa data. A gravidade desses acontecimentos e dos conflitos internacionais que se seguiram no Afeganistão e no Iraque bem como da própria política norte-americana, obriga todos, em particular os educadores, a intensificar e divulgar os princípios, os valores e as estratégias da educação para a paz, assim como a reordenar, em termos educativos, os novos conteúdos, provocados por tais acontecimentos.

Portanto, diante do temor e sentimento de ameaça provocado pelo chamado “terrorismo”, militarização da sociedade, perda de certas liberdades, violação de determinados direitos humanos, imposição de uma visão unilateral do mundo, reforço da hegemonia mundial dos Estados Unidos (que autoproclama direito de ingerência, sem nenhuma restrição e controle), aumento da pobreza, paulatino retrocesso ao desenvolvimento, precarização do

¹⁵ Para Paulo Freire, a conscientização é um processo educativo que se faz através da promoção e da crítica. O indivíduo passa de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, em que o homem torna-se consciente na medida em que conhece a própria realidade e se compromete com ela (FREIRE, 1979, p.39).

trabalho, progressivo aumento da exclusão social, fortalecem o sentimento para a perda de esperança nas possibilidades de transformação social, que representa o fator mais negativo gerado pela ideologia neoliberal. Tal situação afeta o próprio conceito de direitos humanos, em sua vertente de direitos econômicos e sociais, que geram novos conceitos, como o direito de inserção que articula ajuda econômica, de participação social e de envolvimento pessoal. É de acordo com esse contexto e no paradigma sociocrítico que a educação para paz surge com seus conceitos, propondo o desenvolvimento de uma cultura da paz.

Dessa perspectiva, entendemos a EP como um processo educativo, dinâmico, contínuo e permanente, fundamentado nos conceitos de paz positiva e na perspectiva criativa do conflito, como elementos significativos e definidores, e que, mediante a aplicação de enfoques sociais e problematizantes, pretende desenvolver uma cultura da paz, que ajude as pessoas a desvendar criticamente a realidade para situar-se diante dela e atuar em consequência (JARES, 2002, p. 148).

Para que isso se concretize, são deduzidas dos conceitos de paz e conflito e da concepção do modelo de educação para a paz as seguintes características pedagógicas: a educação para a paz faz parte do que se chama de educação em valores humanos; educação como atividade política destinada a aumentar, nos sujeitos, a consciência do funcionamento dos processos socioeconômicos, entre eles a paz; orientação sistêmica, holística e interdisciplinar com que se relacionam os problemas da paz; relação orgânica entre pesquisa, educação e ação para a paz, orientada para a ação e a mudança social, realista e possível, integrada em seu meio, incorporada ao currículo como um dos eixos vertebrais de uma prática educativa crítica, emancipatória. Em suma, a caracterização positiva que a educação para a paz faz do conflito supõe sua implementação no processo educativo em três planos complementares: como finalidade e objetivo; como caracterização do próprio conceito de educação para a paz e como componente, meio e instrumento educativo.

1.1.6 A Educação para a Paz e suas Implicações

Sempre que se realiza uma reflexão atenta e prudente a respeito do ato de educar, ação que pode exercer profunda influência sobre os referenciais humanos com a qual está envolvida uma coletividade, deve-se sempre interrogar quais as circunstâncias, o pensamento, as aspirações e a ação que acompanham os desejos, os limites e as necessidades da sociedade

humana, e se os educadores¹⁶ se comprometem com essa ação. Atualmente, as práticas humanas e sociais vêm implementando diferentes processos que estão a conduzir para o semear em direções contrárias às da harmonia e do bem-estar comum de um povo. Essa reflexão faz pensar sobre todas as formas de interação que nascem nos diferentes tempos e lugares, por meio de movimentos e da adoção de posturas individuais ou de grupos, as quais abrigam processos e práticas de educação e de aprendizagem. Tudo está vinculado à compreensão de mundo, aos critérios de julgamento, à postura profissional e a sistemas de valores sob o signo de paradigmas que vicejam o fardo e o fascínio de um povo. O grande desafio para o século XXI é a busca de uma possibilidade de prática educativa que conduza ao desenvolvimento dos seres humanos e leve em consideração o compromisso com a sustentabilidade da vida e com a evolução das futuras gerações. Busca-se uma cultura globalitária da paz e da solidariedade, que cresça de acordo com os limites do nosso planeta. É preciso absorver um novo conceito de desenvolvimento do humano, fundamentado em uma relação transparente e de solidariedade. Para Carlos Rodrigues Brandão, ainda se pode ter a esperança real de que a educação contribuirá para formar pessoas que, quando adultas, sejam capazes de participar ativamente da construção de uma sociedade mais solidária e, assim, de um mundo melhor.

Se crianças e jovens daqui e de todo o mundo podem ser invadidos dia a dia por uma educação fundada em princípios e valores utilitários regidos pelo desenvolvimento da competência instrumental, do conflito e da competição, uma outra educação pode formar crianças e jovens voltados para a cooperação, a solidariedade e a paz (BRANDÃO, 2005, p. 186).

Quanto às expectativas e imagens que cada um de nós vislumbra tanto para o seu como para o futuro de uma sociedade que vem sendo construída com os esforços, a determinação e o comprometimento de cada indivíduo, percebe-se que tais observações são elaboradas a partir de perspectivas pessoais e de um mundo que se constitui e é constituído a partir da subjetividade. No dia a dia, participa-se da elaboração do mundo em que se vive e também se é condicionado por ele, sendo que a força maior é detida pelo próprio homem. Freire considera fundamental que se mantenha uma autonomia de gerenciamento para fazer frente a este mundo e à história da sociedade. Para ilustrar esse assunto, Freire repete o que disse Marx na Sagrada Família:

¹⁶ Sempre que fizer referência a educadores, neste trabalho, ele se relaciona tanto aos que exercem a prática educativa em instituições formais quanto nas não formais.

A história não faz nada, não possui nenhuma imensa riqueza, não liberta nenhuma classe de lutas: quem faz a tudo isso, quem possui a luta é o homem mesmo, o homem real, vivo; não é a história que utiliza o homem para trabalhar seus fins – se tratasse de uma pessoa a parte – pois a história não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos (MARX, apud FREIRE, 2007, p. 156).

A possibilidade de participar do processo de construção de um mundo de paz parece atestada pela educação para a paz. O teor conceitual de tal postura educativa remete todos os indivíduos a reverem julgamentos e princípios. A paz pode e deve ser considerada um dos principais valores da existência humana, e atinge todas as dimensões da vida. É um processo dinâmico que precisa ser conquistado e implementado. Tal avaliação encaminha para algumas definições como: conflito, violência, valores humanos, desenvolvimento.

Hoje, encontram-se educadores, especialistas e cientistas que se empenham em pensar, discutir e propor ações dentro de uma pedagogia da paz. Educar para a paz é estimular uma mudança profunda de atitude e comportamento nas pessoas. É uma proposta que se revela sob uma diversidade de títulos: educação para a tolerância, educação para a responsabilidade, educação mundial, investigação para a paz, educação para a responsabilidade global, educação para a não-violência, educação para o desarmamento, educação para a cooperação e a paz internacional, educação para a convivência, investigação para a paz.

Para Guimarães, educação para a paz define-se como um processo que envolve e combina, inseparavelmente, com os conteúdos e com o ensino e a aprendizagem das capacidades dos indivíduos com conhecimentos específicos da educação para a paz e atitudes:

[...] inseparável a forma e o conteúdo, combinando o ensino e a aprendizagem de capacidades (cooperação, pensamento crítico, empatia, assertividade...), o conhecimento (os próprios da educação para a paz) e as atitudes (auto-respeito, compromisso com a justiça, respeito pelos demais, etc.) (GUIMARÃES, 2005, p. 213).

Viver em sociedade é estar constantemente sobre a iminência de conflitos, por isso, é necessário entendê-los como possibilidade de aprendizagem e aprender a resolvê-los de forma não-violenta, levando sempre em consideração os direitos das pessoas. Segundo as teorias psicológicas, o conflito é considerado como uma possibilidade propulsora de desenvolvimento, portanto, muito pode-se aprender com eles. Nesse sentido, não se supõe apenas a compreensão e o conhecimento dos conflitos, prepondera-se a sua solução. Para que isso aconteça, é importante partir da indagação, do estímulo de habilidades, do pensamento

crítico, da avaliação e da reflexão. É necessário encontrar alternativas não-violentas à resolução do conflito e que orientem para a tomada de decisões.

Segundo as conclusões de um manual de educação para a paz, comentado por Marcelo Rezende Guimarães, conflito significa:

O conflito é um elemento conatural da vida pessoal; não é necessariamente negativo, dependendo do modo como é enfrentado, gerido e resolvido, seguramente causa sofrimento, mas pode ser ocasião de crescimento e mudança, pessoal e coletiva. Para isso é necessário reconhecer os conflitos e não removê-los, ou fazê-los emergir, quando são latentes, mas constituem um problema real ao menos para uma das partes. Também a paz não é ausência de conflitos, nem apenas ausência de guerra, mas ausência da violência em todas as suas formas (PACE e DINTORNI apud GUMARÃES, 2005, p. 70).

Entende-se o conflito como elemento inerente à vida humana, cabendo a cada indivíduo “despertar” para a possibilidade de resolvê-lo por meio de ações não-violentas. Nesse sentido cabe ressaltar o legado de Mohandas Karamchand Gandhi (869-1948) que teve uma prática de luta não-violenta e exerceu grande influência na educação para a paz. Centrou o seu método não-violento em dois conceitos fundamentais: satyagraha e ahimsa.

Satyagraha, expressão criada para nomear o movimento indiano contra a violência. Satya, sinônimo de verdade, tem consonância com o amor e agraha quer dizer firmeza, força. Satyagraha, força que nasce da verdade e do amor. O ahimsa, expressão que propõe a recusa a toda forma de violência. Segundo Guimarães, Gandhi:

[...] recusava-se a acreditar que fosse necessário recorrer à violência para combater a violência, por entender que o efeito produzido corria o risco de ser contrário àquilo que se pretendia, alongando e reforçando a cadeia de violência. Responder a violência pela violência é submeter-se à lógica da violência e reforçar seu ascendente sobre a realidade. A única maneira de resistir é, pois, destruir sua lógica, começando por abster-se de reforçá-la [...] (GUIMARÃES, 2005, p. 67).

Esse entendimento de Gandhi referente à não-violência, inspirou várias experiências educativas no mundo todo. Para ele, a não-violência pode ser considerada tanto um método de intervenção quanto um estilo de vida

Com esse viés de reflexão, é pertinente fazer referências à questão da violência. Ela é considerada uma crescente preocupação da sociedade contemporânea, pois atos violentos assustam e fragilizam os indivíduos.

Segundo Guimarães, “a educação para a paz na América Latina assume, primariamente, a forma de uma resposta à violência social, o que implica um sério compromisso com a justiça e os direitos humanos, bases da harmonia social” (2005, p. 74). No que diz respeito à relação entre violência e paz, significa que só será possível diminuir atos violentos se as pessoas conquistarem honestamente o seu direito à comida e à participação ativa na sociedade em que está inserida.

Considera-se importante a realização da crítica à cultura da violência e compreender como ela é produzida e representada pelos diversos promotores da sociedade. Não se pode banalizar os atos violentos. Para Guimarães:

No processo de educação para a paz, faz-se necessário detectar e desvelar como se estrutura essa epistemologia da cegueira em relação à violência mesma, pondo a nu os processos de como a violência é compreendida, tais como os mecanismos de emocionalização, naturalização, substantivação e mistificação (GUIMARÃES, 2005, p.268).

A expressão “epistemologia da cegueira”, referida no livro Educação para a paz, sentidos e dilemas, de Guimarães, é usada por Boaventura de Sousa Santos, quando se refere às “formas de representações distorcidas da realidade, criadas e produzidas pela modernidade, onde o ver muito parcialmente é julgado como ver plenamente” (SANTOS apud GUIMARÃES, 2005, p. 268).

Portanto, apenas manter a questão da violência no patamar da discussão não é profícuo, torna-se imperativo ir além, encaminhar-se para a busca de uma solução séria, sistemática e racional e não de forma simplista. Cabe estabelecerem-se parâmetros para tal reflexão e considerar essa questão como uma manifestação das relações humanas e sociais. Para Guimarães, “a violência não é uma fatalidade inexorável, mas colocada pelos humanos, pode ser retirada e trabalhada pelos mesmos humanos que a constituíram” (GUIMARÃES, 2005, p.271).

A educação para a paz conduz ao questionamento a respeito de valores humanos. Valores que também remetem às questões éticas. Busca-se esclarecer quais valores devem ser considerados na educação. Na tentativa de esclarecer tal questão, pode-se dizer que tanto o conceito de paz como a disciplina encarregada do seu estudo, a Pesquisa para a Paz (PP), referida anteriormente, fundamentam e promovem a realização de determinados valores humanos. Além disso, a partir de um novo olhar sobre a educação, proposto até aqui, começa a existir um certo consenso em admitir a evidência de que a educação é determinada por um

sistema de idéias, seja ela pessoal ou de um determinado grupo, com valores (positivos ou negativos) e proposições definidas. Daí, a importância de os educadores manterem-se posicionados diante das intempéries de um tempo, pois atuam na formação de crianças, jovens e adultos.

Para Paulo Freire, educar vai muito além do repasse de conhecimentos curriculares, é uma experiência fundamentalmente humana e uma forma de intervenção no mundo:

[...], a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante (FREIRE, 1996, p. 98).

Portanto, a intenção educativa não poder ser entendida como neutra¹⁷ ou indiferente. A tarefa de educar tem de superar as dificuldades que lhes são impostas por heranças de condicionamentos, sejam esses culturais, históricos, de classe ou sociais. Conseqüentemente, a ação do educador está marcada por tais posturas. O maior impasse consiste em reelaborar aquelas referências que marcam negativamente¹⁸ as experiências de vida. Certos de que, pelo exemplo, estão sendo transmitidos valores humanos ao grupo em que tem-se contato e como profissionais da educação se tem que orientar pessoas para conviverem em sociedade, deve-se pautar o processo de ensino-aprendizagem em determinados valores humanos positivos, tais como: responsabilidade, solidariedade, comprometimento, justiça, respeito, disciplina, lealdade, tolerância, entre tantos outros.

Uma educação fundamentada nos princípios de paz deverá, por conseguinte, tanto considerar valores humanos que ajudem na promoção da paz positiva quanto na mudança de hábitos culturais, de comportamentos, oferecendo a oportunidade para a construção de um mundo de convivência cidadã. Essa parece ser a busca para este milênio; uma educação que contribua para modificar comportamentos e situações negativas como a violência, a intolerância, os conflitos armados, a drogadização e que encaminhe os seres humanos para a convivência pacífica, preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável. A

¹⁷ Para Freire, a educação não pode ser indiferente à realidade, precisa ser uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996, p. 98-9).

¹⁸ Referenciais que constituem transgressões éticas. Tais referenciais como: a falta de criticidade frente aos fatos, a arrogância, a insensibilidade, o desamor, a falta de humildade, a ausência do bem querer, a falta de comprometimento...

proposta de educar para a paz já pode ser percebida por meio dos temas transversais¹⁹ que integram o currículo escolar, fazendo parte de uma nova proposta educativa.

Entretanto, educar para a paz, constitui um grande desafio para os educadores porque, para que possam ensinar, precisam antes de tudo colocar esses ensinamentos em prática.

Para Alderman, *apud* Westin (2001, p.1), os valores humanos são até mais importantes que as disciplinas escolares tradicionais, pois entende que eles, “são inerentes a nós. São estes valores que nos fazem seres humanos. Sem estimulá-los dentro das crianças, como fazemos com qualquer outro talento, elas podem até desenvolver o oposto dos valores humanos”.

A educação pode ser considerada sob dois aspectos, o material e o espiritual. A educação material encaminha os indivíduos para aquilo que é necessário para a satisfação do que seja palpável²⁰, do que a vida exige para cada ser viver com dignidade, enquanto a educação espiritual²¹ destina-se à vida em plenitude. Apenas quando o homem é provido desses dois aspectos da educação, atinge a auto-satisfação.

Portanto, educação para a paz não é um mero conhecimento, é a concretização de ações pela paz. É uma proposta de educação que está comprometida com a prática de valores humanos, vinculados ao desenvolvimento social e emocional do homem. É exercer a verdade, a retidão, a solidariedade, a não-violência. Assim, está-se estabelecendo um ideal profícuo para a intervenção no mundo.

O homem é um ser inacabado que busca o seu aprimoramento. O indivíduo social está em constante transformação e crescimento para assim se fazer atuar. Pessoa desenvolvida de acordo com a cultura da paz, não omite fatos. Pelo contrário, é aquela que conscientiza, instrumentaliza, respeita seus semelhantes e cumpre com seu papel especificamente humano. Para atuar no desenvolvimento de uma sociedade, é preciso apostar na educação pautada nos princípios da paz.

¹⁹ Nos Parâmetros curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, quando tratam dos temas transversais esclarecem que: “Por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrosociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões” (Parâmetros curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Temas Transversais, 1998, p.26).

²⁰ Refere-se ao aspecto material, para a satisfação das necessidades básicas à sobrevivência do ser humano.

²¹ Cabe à educação espiritual, o fomento para a vivência de valores humanos propostas em uma educação voltada para a paz, como a solidariedade, a justiça, o respeito, a não-violência... Concentra-se no desenvolvimento emocional e social do indivíduo.

Segundo Vasconcelos, para Freire, a educação é o caminho para a construção de uma sociedade mais igualitária e para a realização do potencial humano:

A educação é força responsável pelo dinamismo capaz de romper as barreiras das desigualdades em busca de uma sociedade justa e democrática, capaz de despertar aptidões, cultivando o espírito aberto para novas experiências; é a prática das faculdades mentais, da enunciação e expressão dos fatos e a crítica fundamentada em argumentos válidos, convincentes e lógicos (FREIRE apud VASCONCELOS, 2006, p. 89).

A indicação referida por Freire, daquilo que seja o ideal educativo, encaminha para o desenvolvimento integral dos seres humanos. Se educar é romper com barreiras, despertar a crítica fundamentada e argumentada com propriedade, tais posturas conduzem para uma sociedade mais justa e democrática. Indivíduos capazes de conduzirem a história pessoal e de seu tempo, com atitudes respeitadas, podem-se considerar desenvolvidos. Talvez seja esse o ideal das propostas educacionais, sejam elas do mundo formal ou não.

Certamente que o desejo de todo o educador seria a condução ao desenvolvimento integral de uma sociedade. Mas se faz necessário pensar a prática educativa sob o olhar da educação para a paz, para além da teoria e da idealização. A educação constitui-se pelo enfrentamento das situações que a vida apresenta. Sob o olhar de Guimarães, a educação fundamentada nos princípios da paz deve:

[...] abandonar as pressuposições sentimentalistas do abrigo metafísico diante do sentimento da tragicidade do mundo. A vida é trágica, e qualquer noção de paz – deve constituir-se a partir e não contra essa pressuposição. A educação para a paz não pode ser uma mentira do ideal, nem um lenitivo que suscita fórmulas artificiais e fictícias. É no enfrentamento da crueldade e da dor que se dá a resolução das questões que a educação para a paz se propõe a enfrentar e constituir-se como alternativa (GUIMARÃES, 2005, p. 151).

A educação, hoje, vem passando por uma reavaliação, em que todo o contexto envolvido no ato de educar reflexiona sobre questões inquietantes que levam os profissionais desse processo a buscar novas alternativas para contribuir com a construção de uma sociedade mais solidária. Certos de que precisam ter como fio condutor da ação pedagógica o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o viver juntos e o aprender a ser, considerados por Jacques Delors os quatro pilares da educação para a paz.

Vive-se em uma sociedade que se constitui pelo deslumbre com a atual opulência de possibilidades que o mundo oferece, e isso é o meio concreto de fazer crescer o abismo de um

interminável processo de dissonância dos sistemas vivos do planeta. Na tentativa de harmonizar esse mesmo mundo e torná-lo mais justo, todas as pessoas são desafiadas a substituírem o velho conceito de “competição” e fixarem, no despertar, a vivência de valores da paz, deixando a futilidade e o capricho humano de lado. As teorias da educação para a paz indicam que os educadores precisam trabalhar com seus alunos de uma forma reflexiva e crítica diante das dificuldades, aspirações, facilidades aparentes e carências deste tempo em que se vive. Que, primeiramente, respeitem os seus alunos, ensinando-os, também, pelo exemplo e pelo cultivo da harmonia, da interação consigo mesmo e com o meio social.

1.2 O PAPEL DO EDUCADOR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO DE PAZ

O desejo e a busca das civilizações têm, como base fundamental, o respeito à dignidade humana, muito embora esta já tenha sido violada ao longo da história da humanidade. As sociedades têm conhecido o racismo, a discriminação, a violação aos direitos e à respeitabilidade dos seres humanos. Felizmente, hoje, muitas pessoas em diversos espaços e várias culturas, lutam contra a opressão, a injustiça e a discriminação.

Na educação, há uma luta que não conhece fronteira; ela é travada a cada dia, a cada hora, na tentativa de aprimorar a eficácia à sistematização de práticas pedagógicas da educação para a paz, as quais entram em cena no processo educativo. O grande desafio é o de aplicar as distintas propostas metodológicas que são construídas a partir das demandas emergentes de uma sociedade. O educador, em seu período de formação, que deve ser permanente, pois faz parte de uma sociedade híbrida e em constante transformação, realiza estudos de obras e autores que escrevem sobre os reais objetivos do trabalho educacional. São esses estudos que devem conduzir à reflexão e tomada de posição para que se elejam os valores necessários à construção de uma sociedade mais harmônica e se utilizem, para o bem comum, os conhecimentos que deverão interagir com a realidade. Educar é um repensar sobre a importância da vida quanto às necessidades que permeiam a realidade social, da qual se faz parte e, portanto, também se é responsável.

Quando se permite observar e refletir sobre a direção que vem sendo dada ao processo educativo, considera-se importante focalizar a atenção às expectativas e imagens que cada um vislumbra para o seu futuro e para o de uma sociedade que vem sendo construída com o esforço e a determinação das pessoas que dela fazem parte. Para Paulo Freire, efetivar contatos, marcar presença e elucidar questões faz com que os homens sejam partes constitutivas deste mundo.

Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (FREIRE, 2007, p. 47).

Tal reflexão permite perceber que as diversas questões de mundo constituem as relações que permeiam a vida dos seres humanos. A vida está repleta de pontos para serem analisados e resolvidos, entre os quais aparecem as mais variadas formas de conflitos. Portanto, todo esse contexto faz parte da ação pessoal dos seres constitutivos de tal sociedade. O mundo instiga, sendo necessário um desdobrar-se nas relações e ações para que se responda, satisfatoriamente, a esses grandes desafios. É importante, nas relações humanas em geral, conseguir-se exercer uma influência positiva sobre os outros. Isso não significa, de maneira alguma, tentar dirigir o curso da ação de alguém. Tratando-se da educação formal, e dentro de uma perspectiva de educar para a paz, cabe ao professor refletir criticamente sobre os acontecimentos, inclusive os históricos, ou sobre as escolhas das ações de seus alunos, para que, a partir disso, contribua para a diminuição da probabilidade de escolha da ação incorreta desses mesmos indivíduos. Isso se faz possível pelo decréscimo de imposições, pela ampliação das capacidades humanas, pela busca de novas possibilidades e alternativas, pelos bons resultados do encaminhamento da ação, pelo diálogo, pela internalização de uma consciência da paz. Alerta-se, no entanto, que o uso dessa alternativa, não significa interferir no livre-arbítrio.

No tocante à questão de exercer influência sobre a ação dos indivíduos que se relacionam, sem exacerbar, no sentido de que essa interferência possa ser considerada uma forma de violência, Galtung corrobora: “[...] qualquer interação contém elementos de influência. Nenhuma ação ou diálogo pode ser inteiramente neutro em termos de valores para seus participantes: só se consumam no isolamento, na reclusão voluntária do eremita” (GALTUNG, 2003, p.164).

Portanto, é vivendo, experimentando, que os indivíduos elaboram os seus conceitos, o que representa o fator determinante da existência de cada ser. Existir ultrapassa o limite do simples viver, é fazer parte de um mundo, é estar atento às suas carências, veiculando um diálogo crítico entre o existir individual e a existência dos outros. É estar pronto para, sempre que for necessário, interferir de maneira positiva na realidade. Nesse sentido, assim se manifesta Paulo Freire:

O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que eles nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que a de simplesmente a de nos adaptar a ela. [...]. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas (FREIRE, 1996, p.77).

A existência propõe inúmeros desafios e questionamentos, principalmente quando se faz parte de um grupo de profissionais que participa do cotidiano de crianças, jovens e adultos. A atitude dos educadores, diante das questões vividas, exerce profundas influências na intenção do ato de educar, o que os remete à noção exata da repercussão de suas ações. A ação educativa, tendo em vista a formação das crianças, por meio de propostas pedagógicas de uma educação para a paz, busca transformá-las em adultos criativos e audaciosos. Os educadores formais possuem uma rotina coletiva e partilhada. No mundo escolar, três espaços inter-relacionam-se: a família, a vida econômica e a política. Portanto, o ideal seria que as práticas pedagógicas desses espaços estivessem fundamentadas nos mesmos preceitos e valores. Mas a realidade opõe-se a esse ideal. Educando e educador, trazem consigo todas as experiências vividas e é também na escola que se colocam como pessoa. O espaço escolar proporciona conviver-se diariamente com indivíduos de idades, etnias, religiões, classes sociais diversas... É o lugar onde se busca assegurar a todos o acesso ao conhecimento, em que se propõe o aprender, o sentir, o conhecer, o compreender, o compartilhar, o agir em sintonia com os demais. Onde todas as experiências, deliberadamente partilhadas no interior do grupo ao qual se está inserido, aprimoram-se por meio da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. É nesse espaço que os participantes deixam o testemunho pessoal. Na busca de delinear o seu papel enquanto profissionais da educação seja em relação à ciência ou à própria cultura, o novo e as experiências anteriores interagem, conflitam, propondo um redesenhar atualizado das propostas educativas. Aquilo que se faz no espaço escolar tem imenso significado para as crianças, jovens e adultos que ali convivem, compartilham e discutem. É possível vivenciar a reflexão, a criticidade, o diálogo, o desejo e o poder de mudança, a solidariedade e os valores éticos.

A escola oferece um tempo de trocas entre indivíduos, em que todos os canais de comunicação e as diversas forças que definem o mundo social estão liberando energia, que pode ser positiva ou não. No entanto, estar preparado para lidar com a fragmentação de valores humanos e com a perda do contato positivo entre os indivíduos que fazem parte da

sociedade de hoje, na qual a política, a economia e a violência geram um estado de ansiedade, representa o grande desafio da educação contemporânea.

Para se pensar e delinear novos paradigmas educacionais, buscaram-se possibilidades de ações que suscitem a solução de problemas emergentes e que determinem o fim do que não seja positivo para a dignidade humana. Neste século XXI, não existem certezas quanto às definições de intenções de projetos que sejam capazes de preencher o vazio e a sensação de impotência diante dos fatos da atualidade. Muito se fala em ética, em responsabilidade, em significação no campo educativo. Tal discussão é salutar na medida em que encaminha para a transformação e construção de um mundo solidário que está sendo gestado, também, pela educação, sob o olhar e a ação das pessoas envolvidas.

A banalização da vida, na atualidade, com as dificuldades econômicas, políticas e sociais, encaminha para a reflexão e busca de subsídios que direcionem à compreensão e ao encontro de possibilidades que garantam aos alunos o conhecimento em uma perspectiva solidamente acadêmica, conjugada com uma dimensão formadora de seres humanos imbuídos pelo comprometimento com o bem comum. A educação para a paz sugere oferecer uma educação que emancipe²² os indivíduos. Que os caminhos pedagógicos propostos para a prática, nas escolas, estejam fundamentados no paradigma da experiência, do diálogo, da reflexão e da ação. Não significa, no entanto, educar para, apenas, adaptar-se ao mundo atual, mas empoderar o educando pela possibilidade de mudança, com ações não-violentas, do que existe de negativo na atual realidade. Eis a supremacia do processo educativo: ser a fonte de valores construtivos que não representem a barbárie contra o mundo vivo.

Os educadores da atualidade precisam estar imbuídos pela urgência e necessidade de profundas mudanças na prática educativa, as quais, de forma imperativa, contribuirão para a construção social. Hoje, necessita-se gestar uma educação enraizada no respeito e na solidariedade, uma vez que o objetivo fundamental é a formação de seres humanos autênticos, que saibam pensar e que estejam aptos a melhorar o mundo em que vivem. Nessa perspectiva de educação, a proposta é formar pessoas que não se comovam diante dos problemas que o nosso tempo apresenta, mas que se ponham em ação plena para modificá-los.

Sendo a escola o local em que a educação se realiza de forma sistemática, e o ofício do educador é o de orientar para saberes e fazeres que realmente contribuam para a edificação de vidas, socializando e cooperando para a consciência de pensar no bem-estar coletivo,

²² Segundo Paulo Freire, educar é preparar os indivíduos para intervirem na realidade, de maneira consciente e responsável (FREIRE, 1996).

propõem-se uma avaliação madura sobre quais posturas estão sendo assumidas dentro de todo esse processo. Vive-se em um mundo de relações interpessoais e que se transforma rapidamente, sendo necessário que as pessoas que estabelecem relações persigam os objetivos afins, trabalhando em comum união. É absoluto que se oriente o fazer educativo de acordo com as necessidades do momento e do mundo social em que se está inserido. O espaço escolar deve ter fronteiras bem definidas, a fim de manter o seu caráter especial, não abarcando para si a total responsabilidade de transformação do mundo, mas de partícipe desse processo. Nessa construção, é fundamental que família, escola e sociedade pontuem e respondam por suas respectivas responsabilidades, já que todo o ser humano traz consigo experiências já vividas. Sobre essas considerações, Muller assim se posiciona:

As crianças que vêm à escola trazem consigo todos os problemas que encontram alhures. É claro, não se espera que os professores resolvam todos esses problemas endireitando o que está de errado na família e na sociedade – mas, ao mesmo tempo, não podem deixar de reconhecer que existem. Se não na escola, onde as crianças poderão encontrar adultos que ouçam e atentem para as dificuldades que enfrentam na família e na vizinhança? Sempre que possível, portanto, os professores devem estabelecer um modo de trabalhar com os pais e pessoas com responsabilidade social (MULLER, 2006, p. 61).

Atuar na educação é trabalhar com o tempo que há de vir. Isso confere ao profissional dessa área grande responsabilidade de agir, orientar e amar corretamente. Só é possível amar mais e melhor quanto mais se conhece a si mesmo, os outros e o mundo. É importante lembrar que educador e educando são resultantes de um contexto no qual estão inseridos, que trazem, em si, reflexos do meio social. Portanto, esse porvir está diretamente relacionado a uma história que já vem sendo construída, apesar de, muitas vezes, não ter mediação de pessoas que estejam preparadas para fazê-la.

Nessa mesma direção, Alarcão e Tavares contribuem quando se referem que a complexidade de situações apresentadas no cotidiano das pessoas são os fatores determinantes dos paradigmas educacionais:

[...] não se pretende induzir a antecipação de qualquer modelo, nem se antevê que seja esse o sentido da proclamada mudança. Parece sim mais conforme com as rupturas identificadas e com as tendências já visíveis no terreno quanto à relação triangular escola-sociedade-professores, que aquilo que designamos como paradigma emergente configure-se em uma multiplicidade de modalidades organizativas da escola e da prática profissional dos professores. Essas modalidades, que seria infrutífero e abusivo antecipar, terão como eixo de mudança vir a constituir-se em respostas mais adequadas e eficazes diante da crescente complexidade das situações e das necessidades educativas dos indivíduos e das sociedades (ALARCÃO e TAVARES, apud ALARCÃO, 2001, p.132).

Determinar um modelo ideal de homem ou de sociedade seria, hoje, uma intenção bastante romântica, e ao mesmo tempo pretensiosa de considerar o ato educativo. No entanto, o fundamental está em saber trabalhar com a complexidade e conforme as necessidades da realidade em que se está inserido. O que vale na atual conjuntura é pensar na promoção do ser humano em sua totalidade, na possibilidade de construir uma nova história, uma nova era banida da fadiga doentia e do aniquilamento da criatura humana.

Como é possível perceber, não há uma leitura nem uma proposta de ação simplista que se possa fazer para enfrentar os problemas decorrentes da vida cotidiana. Estes são fatores que influenciam na determinação dos paradigmas do processo educativo, sejam eles referentes à violência, às questões políticas ou às várias situações que acabam por gerar descontentamento e conflito.

Diante desse cenário, é de extrema importância o modo como os educadores vêm mobilizando esforços para alterar, adequar e qualificar as práticas pedagógicas usuais, a fim de que o seu trabalho possa receber o devido reconhecimento. A ação educativa deve permitir aos alunos estarem preparados para o mercado de trabalho e, de forma consciente, participarem ativamente da elaboração de uma sociedade mais harmônica, impregnada de justiça e desejo pelo bem comum. Nessa mesma linha, Paulo Freire considera importante não apenas a educação lançar mão de esforços para formar tecnicamente o educando, mas também que se conheça a realidade na qual se está inserido para, a partir dessa visão crítica, propor a ação prática no mundo social:

“Todavia, existe algo que deve ser destacado. Na medida em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas práxis – ação e reflexão sobre a realidade - inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade. Se o compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este, por sua vez, só é consequente quando está fundado cientificamente. Envolve, portanto, no compromisso do profissional, seja ele quem for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento, de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade. O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar sendo no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade, deformada pelos especialismos estreitos (FREIRE, 1979, p. 21).

Um educador que se julga comprometido, verdadeiramente, com a realidade que se apresenta e com os homens que dela fazem parte, jamais poderá ter uma relação tênue e ingênua com essa realidade. O seu verdadeiro compromisso com o homem concreto, com a sua humanização e a da sociedade. Nesse sentido, não é possível abrir mão nem da ciência

nem da tecnologia, as quais instrumentalizam o homem para o exercício da cidadania de acordo com os processos sociais que se modificam.

Apesar de hoje a educação para a paz já estar sendo mais difundida, em um primeiro momento, é preciso conscientizar os profissionais dessa área sobre o que é educação para a paz, como ela pode acontecer, qual o leque de possibilidades para educar de acordo com tal proposta. Só assim poderão ser formadas redes de ações comprometidas com uma cultura de paz.

O propósito da educação formal não deve ficar apenas na esfera da instrução técnica, mas na de educar os indivíduos para atuarem em um mundo tecnológico, que também está povoado de dores, incertezas, inquietações e de corações. Não é possível permitir que a escola eduque pelo saber destituído do conhecimento do humano. Educam-se os seres humanos para que se fortaleçam e se mantenha a vida. Na educação para a paz, a educação de jovens e crianças assume uma conotação bastante forte, ou seja, a intenção de imbuí-los da condição de sujeitos de círculos de cultura de paz, em que se propõe a difusão de práticas relacionadas a situações reais de vida. Isso deve acontecer tanto na educação formal quanto na informal, sob diversos focos como: a resolução não-violenta de conflitos, a crítica à violência difundida pela sociedade, a capacitação de lideranças para atuarem em ações verdadeiras e reais nas causas da paz.

Com essa compreensão de educação para a paz, torna-se imperativo elucidar o que se entende por círculos de cultura. Paulo Freire, assim se refere sobre o assunto:

[...] em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar de “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (FREIRE apud VASCONCELOS, 2006, p. 53-4).

Criar uma proposta semelhante aos círculos de cultura de Paulo Freire, tendo em vista uma educação pautada no diálogo e na realidade social do grupo envolvido, seria uma possibilidade de proposta pedagógica vinculada às intenções educativas da educação para a paz. Esse educador, inicialmente, desenvolveu a referida proposta com a intenção de constituir grupos de relações para favorecer o processo educativo por meio da apropriação cultural. Isso se deu no final da década de 50, nos Movimentos de Cultura Popular do Recife e

no Movimento de Educação de Base. Tal proposta constituía-se num espaço alternativo à escola, regido por um coordenador, tendo como foco o diálogo, elemento de extrema importância no processo educativo.

Discutir alternativas para a paz, buscar possibilidades para a retomada do diálogo, impor limites à cultura de violência, cultivar a resolução não-violenta de conflitos são ações que encaminham para uma educação fundada nos princípios de uma cultura de paz. Em uma perspectiva racional, entende-se que a saída para as questões da violência e da paz é negociar e obter consensos. Tal reflexão ainda leva à compreensão de que a educação para a paz pode ser incluída nos currículos escolares, não como disciplina específica, mas como foco de interesse de estudo em todos os momentos, transitando por todas as disciplinas, envolvendo informações e conhecimentos que considerem a realidade e experiências sociais do educando. A integração do conhecimento possibilita uma compreensão mais reflexiva e crítica da realidade, encaminhando para a ação em concerto, se for necessário. Assim, constitui-se numa proposta educativa que capacita as novas gerações a participarem, de forma responsável e comprometida da humanidade e da sociedade na qual vivem.

A educação para a paz tem surgido como um valoroso instrumento para tornar possível uma cultura de paz. Como bem inscreve Xesús Jares, “educar para a paz está se tornando uma expressão e uma necessidade educativa cada vez mais conhecida e assumida por boa parte dos que se dedicam às tarefas formativas [...] (JARES, 2002, p. 15).

Mudanças que se referem às práticas pedagógicas (que significa uma aproximação efetiva dos conteúdos das disciplinas à realidade dos alunos e a uma postura reflexiva, crítica e ativa diante dos acontecimentos), quanto à esfera das relações humanas, são fundantes para a elaboração de uma cultura de paz.

A educação, hoje, passa por um momento em que as questões sociais, mais do que nunca, trazem à tona inúmeros questionamentos sobre onde se quer chegar com as práticas pedagógicas, sobre qual ser humano deseja-se formar. Todo o contexto envolvido no ato de educar começa a refletir sobre questões inquietantes, levando os profissionais a buscar um espaço seguro no qual possam atuar como mediadores, em um trabalho fundamental para a elaboração social, seja pela contribuição que dá à formação de seres humanos ou pelos possíveis caminhos apontados como opção para a vida do indivíduo desde seu tempo de criança. De acordo com tal proposta, a educação encaminha as ações pedagógicas tendo como fio condutor a vida, oportunizando ao educando a conhecer-se, a agir em concerto e a viver em comunidade. Na mesma direção, Dulce Sampaio esclarece:

Educar é dar sentido às práticas e atos do cotidiano. É mais que desenvolver a inteligência e habilidades. É fazer do indivíduo um ser útil à sociedade e ao mundo. É através dessa missão que a educação irá ganhar importância e credibilidade no seio da sociedade.

É chegado o momento do ideal da escola se transformar em ação através do seu grande mediador, o professor (SAMPAIO, 2004, p.67).

Educar, na atualidade, não é simplesmente fazer uma opção por métodos ou técnicas de ensino e preocupar-se tão-somente com o repasse de conhecimentos previstos em um programa curricular. É comprometer-se com a formação de cidadãos autênticos, é vislumbrar um tempo que se fará pelo processo educativo e permitirá construir uma sociedade mais justa. Cabe, aqui, reforçar que os professores devem trabalhar o educando para este ser um agente de transformação social.

A operacionalização de ações que provoquem mudanças positivas no indivíduo e, conseqüentemente, o progresso de seu mundo social só será possível a partir da compreensão de que o ser humano é um projeto inacabado e de que a sociedade também o é. A elaboração de canais de comunicação entre as diversas forças e possibilidades que sustentarão a sociedade atual deve representar os ingredientes básicos da ação humana em busca da sua lapidação. Já destacava o educador Paulo Freire que “o mundo não é. O mundo está sendo” (FREIRE, 1996, p.76). Portanto, todas as pessoas são partícipes de um projeto inacabado, sobre o qual atuam e são responsáveis pelo modo como ele está sendo conduzido. Tudo está em construção. A escola, por conseqüência, deve ter como prioridade uma prática político-pedagógica cidadã no seu dia-a-dia, por meio de um intenso trabalho de participação, cooperação e respeito mútuo. A educação oportuniza aprender e ensinar normas, agir pensando na coletividade, mudar interesses, verdades e razões; é a possibilidade de cultivar, em cada ser humano, um agir pela sustentabilidade da vida. A escolha é singular: ou cria-se e se fortalecem laços que permitam cuidar do planeta e dos seres humanos que aqui partilham suas vidas e espaços, ou arrisca-se a sustentabilidade da vida no mundo.

Crer que é possível o surgimento de seres que tenham mais afeto, estima, amorosidade e desejo de paz, é a energia que impulsiona alguns educadores a trabalhar pelo semear da harmonia dos indivíduos com a natureza e com o outro. É preciso que se declare e se assuma a responsabilidade e o comprometimento de uns com os outros, com a vida e com o futuro das novas gerações. Assim, esse compromisso será selado e a educação ressignificada para, efetivamente, participar da construção de um mundo de paz.

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO PARA A PAZ: DA TEORIA À PRÁTICA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO DA CIDADE DE SANTO ÂNGELO (RS)

Abordar o tema educação para a paz nas escolas constitui uma tarefa que exige muita cautela e sensibilidade. Cautela, para não banalizar o tema; sensibilidade, na tentativa de manter um certo distanciamento enquanto pesquisador, para assim traduzir e analisar as experiências pedagógicas e documentos comprobatórios, partilhados pelos educadores entrevistados. O resultado desta pesquisa de campo foi oriundo do diálogo e da coleta de registros. É imprescindível um teor de significativa sensibilidade para que, em momento algum, o pesquisador coloque os atores envolvidos ou práticas descritas, sob um olhar crítico destrutivo, afinal, a intenção deste estudo é de apenas comprovar a existência de práticas e posturas pedagógicas norteadas pelas propostas da educação para a paz. Neste capítulo, tem-se a preocupação de registrar e trazer à reflexão a seguinte questão: a cultura de paz vem permeando a prática educativa em instituições de ensino da cidade de Santo-Ângelo? Além disso, tenta-se suscitar possibilidades de elaborar-se uma prática educativa que contribua para um mundo de paz. Segundo Pedro Goergen, a emancipação dos indivíduos tem a possibilidade de acontecer, a partir da educação. Todavia, a educação para a paz traz uma proposta educativa que encaminha para a autonomia emancipatória.

O homem precisa ser feliz aqui e agora e isto ele pode alcançar pela dominação e utilização dos princípios naturais. O conhecimento de seus princípios e leis da natureza torna-se o eixo central de um novo projeto de emancipação que tem na educação um de seus principais supostos de realização (GOERGEN, 2005, p. 59).

Atualmente, configura-se uma proposta educativa em que se busca o aperfeiçoamento dos métodos, das formas de aprender e da necessidade de novos conhecimentos. Ao entender a educação como instrumento de aprimoramento do ser humano, propõe-se a renovação da práxis educativa.

2.1 ETAPAS DA CAMINHADA

A caminhada investigativa constou de sete momentos:

No primeiro deles, realizou-se uma visita à 14ª Coordenadoria Regional de Educação, à Secretaria Municipal de Educação e à direção das instituições da rede particular de ensino com a intenção de apresentar o projeto de pesquisa e solicitar a autorização para realizar a coleta de dados em escolas, na área de abrangência de cada órgão. No caso dos educandários da rede particular deu-se, na própria instituição, onde havia registros da execução de trabalhos vinculados à educação para a paz.

Posteriormente, realizou-se contato com as respectivas direções das escolas, no intuito de apresentar àquelas instituições as intenções da pesquisa e solicitar a indicação do(s) profissional/profissionais que tivesse(m) a possibilidade, interesse e disponibilidade de relatar sua experiência enquanto articulador e/ou peça participativa de projetos vinculados ao tema.

Nesta pesquisa, as escolas receberam as seguintes denominações para que assim fossem mantidos em sigilo, o nome de cada instituição de ensino, conforme desejo manifestado: Escola Estadual da Unificação, Escola Estadual da Opção, Escola Municipal da Mediação, Escola Municipal da Mudança, Colégio do Compromisso e Colégio da Valorização.

Entre os estabelecimentos de ensino da rede estadual, está a Escola Estadual da Opção, uma instituição que oferece desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. A Escola Estadual da Unificação atua com Educação Infantil e Ensino Fundamental, participando ainda do Projeto “Escola Aberta para a Cidadania”. Esse programa constitui uma possibilidade de atividade, disponibilizada às escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, por meio de convite, pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, em parceria com a UNESCO. O referido projeto tem a finalidade de contribuir para a diminuição de qualquer forma de violência, oportunizando a reflexão e a responsabilização de cada participante do projeto, sobre os problemas sociais. Objetiva também atender, em finais de semana, as comunidades do entorno escolar, com atividades de esporte, lazer, cultura, artes, habilitação profissional, entre outras.

As duas escolas da rede de municipal de ensino: a da Mediação e a da Mudança contam com alunos da primeira à oitava série do Ensino Fundamental, sendo que a primeira é uma escola de tempo integral, com atividades das 8h às 16h ininterruptas, conforme relata a educadora Nutriz:

O horário das atividades, na nossa escola, começa com os alunos chegando às 08h para a aula, às 10h eles têm um intervalo para lanche, ao meio dia eles almoçam e têm intervalo até às 13h15min Neste intervalo, os pequenos podem descansar, assistir vídeo. Os maiores ficam no pátio conversando com professores (alguns destes professores atuam com estes mesmos alunos no turno da manhã e tarde) e monitores, às 13h15min começa o período da tarde com os professores que irão atuar em diversas oficinas, tais como esporte, dança, literatura, teatro, laboratório de informática, horta, ajardinamento e aulas de reforço (NUTRIZ, 2006).

Por outro lado, o Colégio da Valorização oferece desde a Educação Infantil até o Ensino Médio; já o Colégio do Compromisso é de Ensino Fundamental com Educação Infantil, ambos da rede particular de ensino.

De posse dos nomes dos profissionais indicados pela direção e coordenação pedagógica das escolas, buscou-se a autorização da própria pessoa a ser entrevistada, fornecendo-lhe, de forma adequada, todas as informações necessárias sobre a investigação da qual tomaria parte, inclusive, esclarecendo-lhes sobre as questões éticas da pesquisa científica. Assim sendo, a pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre o trabalho proposto, na tentativa de estabelecer vínculos de confiança e respeito recíprocos. Esse consentimento resume-se em permitir o manejo de informações e materiais coletados respeitando o desejo dos entrevistados em ocultar a identidade das pessoas e instituições de ensino.(Anexo 1). Nessa mesma ocasião, agendou-se a data para a realização das entrevistas, que foram realizadas na própria escola (Anexo 2).

Os nomes fictícios atribuídos aos professores entrevistados são os seguintes: profissionais da Escola Estadual da Unificação, professora Mensageira e professora Lutadora; Escola Estadual da Opção, professora Determinada; Escola Municipal da Mediação, professora Nutriz; Escola Municipal da Mudança, professora Eterna; Colégio do Compromisso, professora Militante e professora Nascente; Colégio da Valorização, professora Modesta. Essa denominação está relacionada a adjetivos atribuídos pela pesquisadora. Todas as professoras entrevistadas possuem graduação na área de educação.

A professora Mensageira é formada em Letras e Psicologia e está fazendo especialização em Orientação Educacional. Atua no magistério há 28 anos, trabalha 20 horas semanais na biblioteca infantil da Escola Estadual da Unificação, com crianças de primeira à quarta série, servindo de apoio pedagógico aos professores. Ela destaca que o educando é reflexo da família, além esclarecer que hoje, nas escolas, defronta-se com os diversos modelos familiares:

Como professora desta escola, jamais encontrei dificuldade em trazer os pais para a escola, sempre pensei que olhando as crianças se vê a família, elas nos refletem o funcionamento familiar, onde cada família tem um funcionamento único, com características específicas. Temos alunos que são cuidados por avós, com mães ausentes, outros ainda fazem parte de uma família nuclear, temos uma diversidade de famílias, [...] (MENSAGEIRA, 2006).

A docente Lutadora também atua na Escola Estadual da Unificação, na parte da tarde e da noite, há oito anos, sendo que nos dois turnos trabalha com orientação escolar. Aos sábados e domingos à tarde, trabalha, voluntariamente, há dois anos, no projeto Escola Aberta, sendo que, num final de semana por mês, atua como parte integrante da direção da escola e, nos demais, como instrutora ou aluna das oficinas. Conforme as palavras da colega, “venho até para aprender junto com os pais de alunos”. Trabalha no magistério há 39 anos, aposentou-se, mas há oito retornou com uma nova nomeação.

Segundo a professora Lutadora, ela sempre considerou que o Projeto Escola Aberta seria a oportunidade para transformar o ócio do espaço físico escolar em algo produtivo:

[...] eu sempre defendi que os alunos deveriam ter um espaço para lazer, e a utilização da escola fora dos horários causava um certo receio por parte da direção, foi quando surgiu a proposta da D.E., para implantarmos a Escola Aberta (LUTADORA, 2006).

A educadora Determinada trabalha na Escola Estadual da Opção há mais de oito anos, em três turnos, 52 horas-aula semanais, com a disciplina de Ciências, nas turmas de quinta à oitava série do Ensino Fundamental e Biologia nas turmas do segundo ano do Ensino Médio. Está há 30 anos no magistério, em sala de aula, e se intitula “sou uma professora velha”. É formada em Ciências Físicas e Biológicas - licenciatura curta e pós-graduada em Educação no Ensino de Ciências.

A quarta professora entrevistada é a Nutriz. Trabalha na Escola Municipal da Mediação, há quatro anos, nos turnos da manhã e tarde e atualmente desempenha a função de vice-diretora da escola. Graduada em Pedagogia, cursa pós-graduação em Supervisão Escolar.

A educadora Eterna, da Escola Municipal da Mudança, possui graduação em Língua Portuguesa, com formação em Português, Espanhol e Literatura. No referido educandário, há um ano, leciona as disciplinas de Língua Portuguesa para as sétimas e oitavas séries e Educação Artística para as quintas e sextas séries do Ensino Fundamental, todas no turno da manhã.

No Colégio da Valorização, foi entrevistada a professora Modesta que exerce o magistério há 25 anos, e, desde o início da sua carreira, trabalha no referido educandário. É graduada em Pedagogia, tem especialização em Supervisão Escolar e há nove anos atua na primeira série do Ensino Fundamental. De acordo com a visão da educadora:

[...] as crianças de hoje estão mais ativas, as trocas de informações são muito rápidas, as crianças hoje sofrem da “síndrome do pensamento acelerado”, o que agora é novo, logo já não é mais, e as crianças antes eram mais acomodadas, tudo o que era dito, era visto como verdade (MODESTA, 2006).

Para finalizar a descrição das profissionais entrevistadas, nomeiam-se as que atuam no Colégio do Compromisso. A primeira delas é a professora Militante. Pedagoga de formação está vinculada a essa instituição há quatorze anos. Atualmente, trabalha com a quarta série do Ensino Fundamental. Possui curso de aperfeiçoamento em deficiência mental, o que a torna apta para atuar com crianças especiais, fazendo isso no turno da manhã, há oito anos, em outra instituição.

No mesmo estabelecimento de ensino, há ainda a professora Nascente, com dezessete anos de magistério, exercidos sempre no mesmo educandário, nas disciplinas de História e Geografia, com as turmas de quinta à oitava série do Ensino Fundamental. É graduada em Estudos Sociais – História. Quando a professora Nascente se refere à relação professor/aluno, observa que:

[...] posso dizer que sempre tive um bom relacionamento com meus alunos, pois entendo que eles “aprendem”, captam melhor quando se sentem queridos, próximos do professor e passam a gostar de uma disciplina que odiavam anteriormente. Somente porque passaram a gostar do professor (NASCENTE, 2006).

No quinto momento da investigação, realizou-se, cuidadosamente, a degravação das falas e, posteriormente foi feito, o encaminhamento desse material para os professores entrevistados para que realizassem a verificação do conteúdo, alterando, suprimindo ou complementando, caso verificassem haver necessidade.

Para encerrar a pesquisa de campo, aconteceu o sétimo e último momento, que correspondeu a coleta do registro dos trabalhos realizados, oportunidade em que estes foram disponibilizados pelo educandário, assim como dos Projetos Político-Pedagógicos. Concluída mais essa etapa da coleta de dados da pesquisa de campo, o material recolhido foi posteriormente analisado.

2.1.1 Especificando a Coleta e Análise dos Dados

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário semi-estruturado, na tentativa de delinear o perfil dos profissionais entrevistados, contextualizar o ambiente e as relações escolares, além de verificar as propostas da ação educativa. Com isso, vislumbrou-se também, elucidar questões referentes ao posicionamento e conhecimento pessoal dos educadores envolvidos, acerca de reflexões pertinentes à educação em geral, questões sociais, de crenças, vivência e especificamente no tocante ao assunto educação para a paz.

Para finalizar, o questionário consta de questões que procuram investigar a adoção das propostas de educação para a paz na referida instituição de ensino, ou seja, conhecer a prática pedagógica no tocante ao tema, e se a educação para a paz vem permeando a ação educativa das instituições de ensino de Santo Ângelo (RS).

Após a coleta dos dados, as declarações dos professores e os documentos foram analisados e, posteriormente, levantadas as correlações pertinentes.

2.1.2 Considerações sobre a Apresentação dos Resultados da Pesquisa

Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio do confronto entre os documentos analisados, as falas dos professores e a teoria que alicerça este trabalho, como pode ser verificado a seguir.

2.2 A EDUCAÇÃO PARA A PAZ, PERMEANDO A PRÁTICA EDUCATIVA

Não basta pais e educadores estarem buscando a transformação da sociedade sem uma proposição da práxis que encaminhe e fortaleça esse propósito. Segundo o membro fundador da Associação Espanhola de Investigação para a Paz, Xésus R. Jares, é importante que todos os professores, que almejam um mundo de paz, estejam atentos para serem instigadores e reinventores constantes de meios e caminhos que permitam o desencadear das mudanças: primeiro no indivíduo e posteriormente no meio circundante.

A realidade circundante na qual se produz a experiência educativa deve ser, além de objeto e lugar de estudo e intervenção educativa, princípio e recurso metodológico de EP, não apenas por aplicar o princípio didático de partir do imediato e conhecido, mas pela própria orientação para a ação da EP, que exige o cumprimento de tais características. Nesse sentido, inscreve-se no lema ecologista: “Pensa globalmente e atua localmente” (JARES, 2002, p. 152).

Na proposição da práxis educativa, sempre que possível, manifesta-se contrariedade às questões inerentes à violência. Buscam-se, incansavelmente, meios para mitigar todos os fatores geradores das manifestações violentas que causam danos às pessoas e às sociedades. Sabe-se que a educação, sozinha, não conseguirá erradicar todas as formas de ações violentas, é preciso, então, que aconteça a comum união entre educação, ação social e política. Todavia, a educação para a paz pode otimizar a consciência que encaminha para a elaboração de novos paradigmas sociais, pois todo o ser humano teve um berço educativo. A educação adquire a sua significação política no momento em que propõe a socialização e a moralização da sociedade; por conseguinte, a ação política acontece a partir do momento em que o indivíduo passa a refletir e a interferir no sistema social. Sob o olhar de Paulo Freire, a tarefa de educar resplandece a sua ação política toda vez que o educador assume determinada postura ou posição, diante de toda e qualquer situação que a vida apresenta.

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importar o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa (FREIRE, 1996, p. 102).

Assim, participar da tarefa educativa de tantas pessoas que passam a fazer parte da vida dos professores é algo bem mais complexo do que simplesmente ensinar conteúdos. Consiste em estar capacitado para bem ensinar os conteúdos curriculares, para considerar as experiências de vida do educando e ser coerente entre o que diz, o que escreve e o que faz.

2.2.1 As Particularidades de cada Mundo Escolar

Ao analisar o relato dos professores quando se referem à sua realidade escolar, percebe-se semelhança nas descrições. Em um grupo de seis escolas, as quatro da rede pública de ensino se assemelham em vários aspectos. A Escola da Unificação, a da Opção, a da Mudança e a da Mediação estão inseridas em bairros onde as famílias são de um potencial socioeconômico médio-baixo, e há pouca participação dos pais na escola.

Para a educadora Determinada, da Escola da Opção, há uma carência no tocante à participação dos pais na vida escolar dos alunos daquele educandário:

Quanto à participação dos pais na vida escolar de seus filhos, é sabido da dificuldade de trazê-los ao ambiente escolar, o que me levou, por algum período, a criticá-los pela ausência. Hoje, com o passar do tempo, entendo melhor porque eles, levados pelos seus afazeres, foram obrigados a se afastar deste ambiente, não que não queiram vir, mas sim porque não podem vir para escola, eles estão trabalhando para o sustento de suas famílias (DETERMINADA, 2006).

Essa educadora ainda percebe que:

... a cada convocação de pais para reuniões, observa-se que são sempre os mesmos a participar e, a cada encontro, o número de pais e mães estão diminuindo (DETERMINADA, 2006).

Para essa educadora, apesar de a maioria das famílias não estar efetivamente presentes na vida escolar de seus filhos, o que representa a realidade da qual a sua escola faz parte, ela se reporta aos seus alunos justificando:

[...] temos problemas como qualquer escola, temos alunos que estudam pouco, com pouco interesse, alunos faltosos ... Nós não temos “marginal” na escola e costumo afirmar que, em termos de comportamento estamos com um grupo muito grande de alunos que são até melhores que aqueles de escolas particulares. Eu já trabalhei em escolas particulares e vivenciei coisas muito ruins nestas escolas, por isso acho que apesar dos problemas, ainda temos alunos muito “legais”. Esta relação com os problemas, não tem a ver com a situação sócio-econômica. É uma indagação que eu me faço: se é uma questão espiritual? Tem alunos que tem tudo para dar certo e às vezes quase que se perdem, enquanto que outros que teriam tudo para ser “marginal”, não têm família, nem dinheiro e, pelo contrário, são alunos maravilhosos. Esta é uma dúvida que tenho, será espiritual? ... Será uma escolha? ... Ou será uma fraqueza? ... Eu não tenho uma resposta ainda para isto (DETERMINADA, 2006).

A educadora Eterna, que trabalha na Escola da Mudança, deixa claro que o bairro onde está localizada a sua escola é constituído por pessoas que buscam, pelo trabalho, conquistar o seu espaço no mundo social.

Posso falar daqui, porque morei 21 anos neste bairro. Nossa escola está inserida no bairro de classe média baixa, constituído de pessoas que lutam para conquistar o seu espaço. Temos muitos alunos de pais e mães desempregados/as, que lutam pela sobrevivência e pelos seus filhos. O bairro [...], pode ser considerado um bairro grande, a população crítica daqui é pequena em proporção aos demais moradores que são “família” (ETERNA, 2006).

Apesar das lutas e conquistas, em três das quatro escolas pesquisadas que fazem parte da rede pública de ensino, as famílias só participam da vida escolar de seus filhos se

solicitadas pelos professores da instituição de ensino. Mesmo assim, existem casos de desinteresse total dos pais que não estabelecem nenhuma relação com mundo escolar de seus filhos.

Na Escola da Mediação, a realidade quanto à participação das famílias na vida escolar dos filhos, mostra algumas conquistas, fruto de uma caminhada pela busca da aliança entre instituição de ensino e comunidade escolar. Esta é uma escola que, há dois anos, vem buscando o comprometimento dos professores com as questões pertinentes à realidade na qual está inserida. A professora Nutriz corrobora com essa constatação ao relatar que:

A participação dos pais com a vida escolar é muito boa, uma pequena minoria dos pais não participa das atividades para que são chamados, acredito que cerca de setenta a oitenta por cento dos pais participam das nossas atividades. Inclusive temos reuniões semanais com o grupo de professores, onde se discute o trabalho que vem sendo realizado e caso seja necessário, chama-se alguns pais em que os filhos estejam com problemas para conversar. Sempre que solicitada a presença, os pais comparecem. Mesmo em reuniões, um bom número de pais participa (NUTRIZ, 2006).

Encontra-se, nesse grupo de escolas, a necessidade de uma busca constante da participação das famílias na vida escolar dos alunos. Esse fato pode ser determinado pelas carências dos grupos aqui referidos.

Enquanto nas escolas da rede de ensino particular, conforme os depoimentos das educadoras, contata-se um outro modelo de cuidado e atenção aos educandos por parte das famílias, apesar de a grande maioria dos pais também possuir envolvimento com suas atividades profissionais. Perceber-se, nesse segundo grupo de escolas, a clareza da necessidade, permanente, de buscar uma aliança para a efetiva ação, em conjunto, da escola com a sua respectiva comunidade. A professora entrevistada no Colégio da Valorização faz as seguintes referências ao assunto:

Quanto ao ambiente escolar, a clientela que recebemos na escola é geralmente composta por alunos bem acompanhados pelos pais, estimulados, de um excelente potencial, algumas vezes necessitam de um pouco mais de atenção, mas, na maioria, chegam na escola com muita vontade de apreender tem grande facilidade, [...] (MODESTA, 2006).

A educadora Militante, pertencente à Escola do Compromisso, ao considerar que aquele educandário por ser uma escola pequena e que busca desenvolver as boas relações pelo

diálogo e aproximação entre as pessoas, assim se manifesta sobre o envolvimento e as expectativas dos pais quanto à escola:

É uma família escolar que agrega a importância da espiritualidade, a importância da conversa entre o professor e o aluno, pais e direção buscam este aconchego familiar. Esta é uma escola pequena, porém acolhedora, é isto que busca a família [...]. É uma escola onde se ensina família, onde meu filho se sente em família, onde todos se conhecem (MILITANTE, 2006).

Ao considerar-se fundamental e necessário, que os educadores tenham uma abertura para a realidade na qual atuam, ou seja, para o “mundo de seus alunos”, observando as experiências de vida das pessoas que ali estão envolvidas. Serrano salienta a importância dos educadores considerarem para a ação pedagógica, o fato de se fazer parte de uma sociedade pluralista.

Partindo do pressuposto de que, se desejamos conhecer bem nossa cultura e potencializar a nossa identidade precisamos abrir-nos a realidades diferentes. Uma das maneiras mais válidas de conhecer a si mesmo consiste em conhecer as culturas dos demais, já que isso obriga a prestar atenção a certos detalhes da vida que a diferenciam da própria (SERRANO, 2002, p. 26).

Esse fragmento de texto traz à luz a reflexão de que as instituições de ensino não devem ignorar a identidade social de seus alunos e de seus professores, para que assim possam manter uma relação de cuidado e ajuda mútua. É pertinente, sempre que possível, manter a presença e laços de aproximação com as pessoas envolvidas na vida do aluno, fora do ambiente escolar, sejam elas pais, irmãos, avós.

2.2.2 O Convívio entre professores e alunos

Se for considerada a necessidade de se estar constantemente atento às práticas educativas, na tentativa de evitar o reforço do senso comum, percebe-se que, em grande parte, os educadores desejam e buscam contribuir para a formação de pessoas em condições de se libertarem de valores humanos que não encaminhem para o estabelecimento do processo de inter-relação harmônica do indivíduo, consigo mesmo, com as pessoas e com o ecossistema. Segundo Callado, “a cultura da paz apresenta-se como a resposta à tríplice agressão do homem a si mesmo, aos demais e à natureza que nosso modelo de organização e de ordem social gera na atualidade” (CALLADO, 2004, p. 29).

Na presente pesquisa, verifica-se que cinco dos oito educadores entrevistados se conflitam com a conduta educativa de alguns colegas que atuam na educação formal. Percebe-se que não existe uma unidade de objetivos e tampouco a consciência da maioria dos professores, no que diz respeito à importância de se considerar e trabalhar com a bagagem de experiência do próprio educando para que assim seja possível relacionar-se de forma harmônica para manter o aluno com o interesse focado nos estudos. Essa é uma postura educativa que encaminha para a escolha de ações que permitem, efetivamente, “estar com os alunos por inteiro em sala de aula”. A declaração da professora Determinada comprova essa constatação:

Eu tenho uma crítica quanto ao fato de que “não caiu a nossa ficha” para usar as coisas dos nossos alunos, pois temos em nossas mãos “a massa do pão”, que são os nossos alunos, que serão a sociedade que queremos construir. Eles ficam conosco quatro horas diárias, num total de duzentos dias letivos e a gente não visualiza o que poderíamos construir com estes alunos, se realmente todos “pegassem junto na mesma linha” (DETERMINADA, 2006).

Outro fator relevante constatado nesta pesquisa está na questão do “modelo” que cada professor representa para o seu grupo de alunos quanto à elaboração de atitudes. A professora Mensageira, que é uma contadora de histórias, e, por conseguinte, trabalha com uma diversidade de turmas de alunos, assim se refere ao assunto em pauta:

Cada turma que trabalho, eu percebo que esta traz um pouco das características da professora da série, como se fosse uma extensão dela e isso é normal porque estão trabalhando todos os dias juntos. Cada professor adota um sistema de trabalho, tem seu jeito de trabalhar isto reflete na hora do conto. A forma de trabalhar, a forma de criticar o que se está trazendo para eles, a forma de aceitar ou não, percebo que isto é próprio de cada turma. Temos turmas pacíficas, umas muito questionadoras, outras mais tranqüilas, desatentas, sem muito interesse, que ainda não despertou nada, mas, vejo todas como grupos com características diferentes (MENSAGEIRA, 2006).

Segundo Paulo Freire, ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo, ou seja, para educar é preciso vivenciar aquilo que se propõe ao educando, não basta teorizar, o educador tem de testemunhar:

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigurosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (1996, p. 34).

A Escola Municipal da Mediação, uma instituição “jovem”, iniciou suas atividades no ano de 2002, com muitas dificuldades nas relações escola/comunidade e conseqüentemente, entre professor e aluno. Na época, as atividades não eram de tempo integral, o grupo de professores era restrito e todos se uniram na busca de alternativas para o êxito da prática educativa, surgindo então a possibilidade de implantar o projeto “Diga Sim à Paz, Diga Não à Violência” (Anexo 3). Mas ao implantar, naquele educandário, a modalidade de atividade escolar “tempo integral” e com o acréscimo do número de professores e alunos, o projeto perdeu força e isso passou a interferir na boa relação do grupo como um todo, pois as causas da paz foram relegadas a segundo plano. Sobre essa questão, assim se pronuncia a professora Nutriz:

Quanto à relação professor/aluno, este ano nós estamos encontrando alguma dificuldade no desenvolvimento dos nossos projetos, pois é o primeiro ano de tempo integral, com a incorporação de novos professores e devido ao novo sistema da escola, ainda não se adaptaram a nossa proposta, porém, aqueles que começaram, há quatro anos este trabalho, esta relação é excelente, é muito natural, e aos poucos os novos estão sentindo como é importante, como é bom se conhecer, como é produtivo trabalhar como os demais professores vinham trabalhando em cima desta proposta (NUTRIZ, 2006).

Ainda no que refere às relações entre as pessoas que formam a comunidade das escolas pesquisadas, a professora Eterna, integrante da Escola Municipal da Mudança, tem a seguinte posição:

Já no que se refere à relação professor e aluno, eu vejo nossa escola como um estabelecimento bastante “maduro”, tanto no seu quadro de professores, quanto àqueles que ocupam cargos de direção, no sentido de respeitar as individualidades, o espaço dos alunos e, em contrapartida, cobrando a valorização da escola, o respeito para com os professores e também com os colegas. Eles não se sentem nem excessivamente oprimidos, nem excessivamente soltos, eles têm limites em todos os aspectos. É lógico que quando se trabalha com adolescentes, tem que se saber que sempre vão existir casos que necessitam uma atenção, uma conversa maior e imediata (ETERNA, 2006).

Nos Colégios da Valorização e do Compromisso, as educadoras afirmam que a relação tanto entre professores e próprios alunos como entre os alunos é baseada no afeto e na responsabilidade. Os educandos acabam levando para o colégio todas as suas alegrias, tristezas e problemas. Segundo a professora Modesta, reportando-se à primeira série do Ensino Fundamental, nível em que atua no Colégio da Valorização, onde as normas de comportamento no que diz respeito às relações entre as pessoas são elaboradas juntamente com as crianças e revistas periodicamente, expõe:

Por isso procuramos trabalhar o respeito a cada um, as suas individualidades, o respeito aos colegas e aos professores. Para tanto, são estabelecidas regras e, em cima disso ocorrem as cobranças, é claro que no limite que pode ser cobrado. Estas regras são estabelecidas em sala de aula, de comum acordo com os alunos. Por se tratar de uma primeira série, às vezes temos que rever as regras, ver o que pode ser melhorado, verificar se aquilo que foi combinado está sendo cumprido, se não está, o porquê de não estar sendo feito, se podemos continuar com estas regras ou se terão que ser alteradas. Acredito que sempre que as regras são estabelecidas com as crianças, onde elas colocam o que elas podem fazer, elas podem ser cobradas porque elas também cobram (MODESTA, 2006).

Outro fator que colabora para a diminuição na incidência de problemas de relacionamento nas instituições de ensino reside no fato de as escolas se aproximarem das famílias. Isso permite o fácil acesso à direção e professores, oportunizando aos alunos buscarem solução para seus problemas, o que demonstra confiança no educandário, como afirma a professora Militante:

[...] no que se refere a resoluções de conflitos [...]. É fundamental, que o professor se questione com relação à sua postura e conduta, para que assim melhore a sua ação e descubra o caminho ideal. [...]. Grande conflito que nós educadores temos é de como mostrar para o nosso aluno que ele precisa fazer uma “ponte” de estudo aqui de dentro da sala de aula com a vida, pois como as famílias de hoje estão muito atarefadas está se perdendo um pouco as questões dos limites, é importante saber até onde os limites são colocados em casa. Até onde cabe a escola impor os limites. Não podemos nos preocupar com coisas que não são da alçada da escola, pois a escola tem toda a questão acadêmica para trabalhar. Aqui entra uma questão de vida, tem coisas que são inerentes à família, como hábitos de tarefa, hábitos de referendar que o filho esteja realmente estudando. Então, hoje, os pais não estão tendo muito tempo para isso, ou não querem, ou não podem. As famílias mudaram muito de estrutura, cabe a nós nos liberarmos dos antigos paradigmas e nos adaptarmos aos novos, saber para que nós viemos, saber nos encaixar e saber trabalhar com este novo aluno, com seus conflitos. Até porque ele talvez não tenha mais medo da professora como tinha antigamente, mas nós também não queremos que tenham medo e sim respeito, pois sem respeito não podemos trabalhar, independente de ser um aluno de sétima série ou de primeira série. Ou o aluno se achar no direito de não respeitar o professor porque está pagando (na nossa realidade), ou porque o estado paga o salário do professor. Entendo que o limite seja o maior problema que as escolas enfrentam, hoje, para resolver as questões comportamentais (MILITANTE, 2006).

Galtung fortalece o pensamento de que é importante buscar alternativas para a resolução das questões que geram entraves no processo de educar e na busca de uma sociedade menos violenta. Busca-se parceria entre família e escola, integrar os objetivos da educação formal às vivências do aluno, constituem possibilidades de melhorar a ação educativa. Pode-se, então, empreender forças na solução de problemas, sem pensar que serão resolvidos todos os conflitos na área da educação e social. Segundo o referido autor:

Não podemos adiar a transcendência/transformação de um conflito só porque um outro pode emergir. Se nos tornarmos demasiadamente obcecados com a sociedade como uma estrutura fortemente emparelhada, então ou ficaremos paralisados, ou ficaremos impotentes para promover mudanças, ou diremos “aqui temos de limpar tudo, até o fundo”. E isso não somos capazes de fazer, ou não temos a coragem necessária. O resultado poderá ser que nada fique feito. O melhor é estarmos conscientes do perigo e tentar nos empenhar em alguma profilaxia, sem ficarmos muito paralisados, como alguns comunistas ou cristãos, a esperar pela revolução mundial ou pelo Messias (GALTUNG, 2006, p. 68-9).

Todas as informações até então comentadas neste trabalho encaminham para o fortalecimento dos propósitos da educação para a paz. Agrega-se a tais conceitos e preceitos a teorização de que a educação, sozinha, não conseguirá transformar toda a humanidade, mas de que é possível as mudanças sociais começarem a acontecer a partir da própria educação. As propostas educativas da educação para a paz, possibilitam a elevação dos níveis de comprometimento do educando, para promover mudanças positivas na sociedade.

2.2.3 Redefinindo conceitos e Objetivos

Tratar do posicionamento pessoal dos educadores entrevistados sobre questões pertinentes à educação, sobre problemas sociais, crenças, vivências e, especificamente, sobre o tema educação para a paz, representa a possibilidade de suscitar uma discussão em torno do que se considera, se conhece e se realiza nas atividades educativas formais, as quais servirão como fonte para a formação de uma cultura de paz.

Os conflitos estão inseparavelmente ligados à vida das pessoas, portanto preparar os seres humanos, desde a infância, para perceber e enfrentar as frustrações da vida, também faz parte da tarefa educativa. Para ilustrar, reproduzem-se abaixo as palavras de Galtung, quando ele trata dos microconflitos que são inerentes à vida dos indivíduos:

É mau que os nossos propósitos sejam às vezes irrealistas e que tenhamos de viver com frustrações. Mas esta, certamente, é a arte de viver – apontar o arco tão alto que a flecha percorra uma longa distância e atinja o alvo; mas não tão alto que a flecha caia nas proximidades, ou empregar tanta força que o arco se rompa (GALTUNG, 2006, p.15).

São os desafios e as buscas que constroem os homens enquanto pessoas. Enquanto profissionais, é possível exercitarem a sua filosofia de vida. Enquanto educadores, descobrir o quão precisas e prudentes devem ser as suas ações no ato de educar. Quando questionadas sobre a possibilidade de a educação interferir na realidade atual, das oito professoras entrevistadas, sete foram veementes ao declarar que diante do mundo em que se vive, onde a

violência faz parte do cotidiano, a educação pode, sim, interferir na realidade. Nesta pesquisa, apenas a educadora Determinada, da Escola Estadual da Opção propõe alguns questionamentos sobre a forma como os educadores vêm conduzindo esse processo de interferência na realidade e se realmente estão preparados para esse papel. Segundo as propostas de educar para a paz, tal interferência é possível se os educadores propuserem uma ação que encaminhe para a transformação; que aliado aos conteúdos, proponha-se refletir sobre a vida, encaminhando para a ação construtiva e não-violenta.

Nessa mesma linha de reflexão, a professora Modesta do Colégio da Valorização, argumenta:

[...] acredito e “visto a camiseta” no sentido de que a educação é o caminho. É trabalhando com os alunos, é ali que vamos semear, ali que vamos conduzir, que vamos fazê-los pensar em que mundo estamos, qual é a nossa participação, o que podemos ajudar, enfim, qual é o nosso papel, e até eles mesmo podem cobrar da própria família ou da sociedade e no momento que eles vão se formando, que a educação for trabalhando estes valores eles vão se tornando significativos e, em dado momento de suas vidas, tomarão uma postura diferente (MODESTA, 2006).

A pesquisa de campo oportuniza perceber as diversas concepções dos educadores no que se refere às perspectivas de mundo e de objetivos em nível de educação. Enquanto alguns educadores, com uma visão otimista e até ingênua na forma de colocar, acreditam que as transformações na sociedade, a começar pela vida das pessoas, podem partir do processo educativo, e que na educação formal alguns educadores estão incluindo esse objetivo à prática pedagógica. No entanto, outros entendem que esta é uma ação possível, mas que, para exercitá-la, ainda exige uma “longa caminhada” por parte da estrutura educacional²³. Comprova-se tal constatação na transcrição das palavras da professora Determinada, da Escola da Opção, demonstrando uma visão pouco otimista sobre a questão:

Eu não sei se, como educadores, nós poderíamos mudar cem por cento a realidade social, porque não está tudo em nossas mãos, e não teria como alterar a realidade que está posta, acho que não tem como. Acho, sim, que nós temos o poder formador de consciência, isso está em nossas mãos, temos este poder. Talvez não estamos utilizando as possibilidades na sua forma integral e por isso não atingimos os resultados pretendidos. Muitas vezes, titubeamos por também não termos as certezas que precisaríamos ter, não temos a formação que deveríamos ter, vejo que a escola tem o poder de modificar, mas este poder é limitado por outras situações que estão por aí (DETERMINADA, 2006).

²³ Constata-se, na fala da professora Determinada, o desestímulo, a descrença no seu poder de transformação social, a carência na formação dos educadores para a abertura de uma outra visão e propósito educativo (nesse caso vinculado à educação para a paz).

Percebe-se que a tarefa de identificar quais são as propostas pedagógicas práticas que poderão levar uma sociedade a ser mais fraterna, apesar de, muitas vezes, aparecerem somente em forma de palavras fervorosas, ainda suscita muitos questionamentos. Contudo, entende-se que não se trata de uma proposta fácil, e para tornar-se realidade é preciso que todos estejam abertos não somente para sugestões, mas também para aceitar as críticas e elaborar as estratégias de ação, de acordo com a realidade na qual estão inseridos. Todavia, a certeza está na possibilidade de construir um mundo mais solidário.

A seguir, transcreve-se a opinião dos professores quando indagados sobre as questões sociais da atualidade. Percebe-se, em todos os depoimentos, a incerteza e o conflito diante dos modelos que a atual sociedade apresenta. A docente Determinada transcreve o “vulcão de conflitos” no qual se debate. Acredita-se que o questionamento levantado nesta pesquisa, apesar de se restringir a um pequeno grupo de escolas e professores, venha a representar as incertezas da grande maioria dos educadores. “Determinada” argumenta quando questionada:

Eu tenho um ponto de vista, que nós começamos colocando trincos nas portas, depois colocamos chaves, depois cadeados, mais tarde muros, depois grades e hoje estamos utilizando cerca elétrica. Amanhã, vamos colocar uma “metralhadora e uma bazuca”? Vejo que estamos nos fechando, a sociedade está se cercando e não estamos buscando as soluções para as questões sociais, não se pensa nas questões sociais. Enquanto esta questão permanecer, o problema não será resolvido. Discute-se sobre a pena de morte, presídios, isolamento em uma ilha deserta, como se isto fosse resolver! Então vamos pegar tudo o que achamos que causam os problemas e vamos matar logo e eliminamos o problema? Vamos começar de novo? Ou vamos, realmente, buscar a solução para resolver o problema, como o controle de natalidade, a distribuição de renda... Aí vem a questão: será que eu estou disposta a abrir mão do meu conforto? , A gastar um pouco menos de energia para que o outro também possa ter um pouco? Tem outra questão que eu tento demonstrar para meus alunos: é necessário eu abrir mão do que tenho? É isto que a gente quer? Abrir mão para que o outro possa ter? Ou é preciso apenas trabalhar para repartir e possibilitar para que o outro possa ter também? Só que isso é uma coisa muito grande e não sei se o ser humano está pronto para... , e se ele quer fazer isto (DETERMINADA, 2006).

Segundo a professora Lutadora, da Escola Estadual da Opção, apesar de demonstrar insatisfação e desconforto diante dos acontecimentos sociais, referindo-se principalmente aos modelos aparentemente bem sucedidos, mas com sucesso de origem não muito transparente, e que muitas vezes se contrapõem às propostas de uma educação para a paz, representam os entraves desta proposta educativa. Este é um dos motivos que fazem com que muitos repensem as suas verdades e transcendam a teoria.

Hoje em dia, é até difícil falar das questões sociais, pois os nossos alunos estão vendo todo dia exemplos de quem é mais esperto sempre vence e muitas vezes, o justo acaba na miséria, por isso vejo que o caminho da educação é sempre difícil,

os exemplos contrários do que pregamos estão sempre aí a serem vistos e divulgados. É claro que isso nos desanima, mas não podemos ficar parados, alguma coisa temos que fazer no sentido de tentar mudar esta realidade (LUTADORA, 2006).

As educadoras entrevistadas, além de realizarem uma reflexão sobre os modelos que a sociedade apresenta e quanto à incerteza de qual propósito de ação seria o ideal, ainda revelam a preocupação diante da ausência de valores humanos na sociedade como um todo. No entendimento da professora Nutriz, ela expõe:

Entendo que os problemas que estamos vivendo, no tocante a violência, são gerados pela própria estrutura social que aí está, o desconhecimento das famílias em cultivar os valores. Sempre procuramos trabalhar com os alunos e as famílias valores como a solidariedade, a coletividade, honestidade, amor e o respeito (NUTRIZ, 2006).

Segundo as professoras do Colégio do Compromisso, a humanidade está perdendo a sua referência quanto aos valores humanos e, conseqüentemente, aos valores da paz e da própria identidade, fator que deve ser repensado pelos educadores quando elaboram as suas intenções de ações pedagógicas. Para a professora Nascente, existem inúmeras possibilidades de refletir sobre o assunto e de propor ações para os educandos, como demonstra abaixo:

[...] penso que devemos mostrar os problemas para nossos alunos de um ponto de vista de cidadão consciente. Por exemplo: ao estudar a revolução industrial, quando explicava para os alunos a utilização, na época, de mão de obra infantil, procuro traçar um paralelo da realidade que vive ainda hoje com a exploração do trabalho infantil e não apenas do trabalho, como também a violência sexual e física que muitas crianças são submetidas. Para que vejam como acontece na realidade, levamos os nossos alunos até o Centro de Apoio à Criança e ao Adolescente, para que assim pudessem verificar como existem crianças com problemas gerados pela violência familiar e social (NASCENTE, 2006).

Nessa mesma direção, Galtung ressalta o cuidado que é preciso ter em relação à resolução de conflitos. A clareza e a serenidade no encaminhamento das ações para resolver as questões conflitantes podem contribuir positivamente para a vida das pessoas. Caso contrário, é possível que venha a reforçar o uso da violência.

O caminho para a paz passa por resoluções criativas do conflito, o que, geralmente, significa a transformação de algumas estruturas, e, através da substituição de culturas de violência por culturas de paz, deslegitima a violência. O uso da violência para punir o agressor não resolve os conflitos nem deslegitima a violência. Pelo contrário, provavelmente, congela o conflito e legitima a violência (GALTUNG, 1994, p. 213).

2.2.4 A Paz Segundo os Professores Entrevistados

Segundo os docentes que fizeram parte deste trabalho de pesquisa, ao serem questionados sobre o que significa a “paz”, todos, sem exceção, se referiram a sentimentos, à religiosidade, à desigualdade social, a vivências e principalmente aos valores humanos. Segundo os professores entrevistados, todos os fatores que promovem a desigualdade social e o desequilíbrio no eco-sistema interferem na promoção da paz entre as pessoas. Afirmam ainda que, para cultivar a paz, é importante vivenciar valores humanos como respeito, solidariedade, justiça, fraternidade... Segundo eles, é um estado de espírito que está ligado às relações entre as pessoas e formas de resolver os conflitos sem violência.

Sabe-se que, com a transformação da sociedade, muitos conceitos vão sendo redefinidos. Nesse sentido, para ilustrar este trabalho, transcrevem-se alguns depoimentos dos entrevistados no que diz respeito a conceitos pessoais, sobre questionamentos realizados quanto à definição de paz e educação para a paz.

Ao expor uma conceituação pessoal sobre o significado de paz, a professora Determinada, ao mesmo tempo em que demonstra sensibilidade sobre o tema, afirma a sua descrença na possibilidade de mudança de atitude, diante das questões da vida, por parte de determinadas pessoas:

Sobre a paz, acho que definiria como “todo mundo ser igual” - acho que vou chorar - (a entrevistada se emociona)... Se você crer... Se todo mundo se respeitasse, se todo mundo entendesse que não precisa deixar de ter para que outro também tenha, não precisaria ter prisão para que eu possa viver tranqüilo. É claro que tem pessoas que são ruins por natureza e estas não têm solução e quem vai resolver é Deus... Mas se a gente entendesse que eu não preciso perder a minha televisão, a minha casa, o meu carro, para que o outro também tenha, a paz estaria feita. Que eu não preciso ter um bolso tão cheio de dinheiro para eu ser feliz, que não preciso ter quatorze mil hectares de terra para eu viver. Eu tenho alunos que não conseguem entender isso. Se você pegar desde o começo do mundo, a discórdia sempre foi “pelo eu ter e não pelo eu ser” e para mim paz é “eu ser e não eu ter”. É difícil a gente ouvir isso, mas é isso (DETERMINADA, 2006).

Para a professora Militante, paz significa estar em harmonia com a vida, é ser solidário, é começar a interferir na realidade que está próxima. Ela assim se expressa sobre o assunto:

Para mim, Paz é terminar o dia e dizer que tem coisas maravilhosas para agradecer e que aquelas que não foram tão boas hoje vou refletir e tentar mudar para amanhã. Paz não é fazer grandes promessas em longo prazo, mas, sim, todos os dias procurar ser melhor naquilo que percebeu que não foi tão bem, colaborando para que as coisas que estão ao teu redor possam melhorar. A minha fonte de inspiração com certeza é minha fé, a minha formação Cristã, pois acredito muito em Deus e tanto a minha prática como educadora ou a minha vida pessoal está muito ligada a isso (MILITANTE, 2006).

Quanto às fontes inspiradoras para as conclusões pessoais a respeito de paz, todas as entrevistadas as atribuem à solidez de valores humanos transmitidos pela família, ou seja, pelas pessoas que fazem parte das suas vidas. Ainda se referem à crença do ser humano, na sua religiosidade e na necessidade de resgatar valores humanos. Sete das oito professoras entrevistadas referendam a formação Cristã como fonte inspiradora para a paz. Essa referência indica uma visão positiva da religiosidade na educação para a paz, acreditando na superação dos momentos de violência e intolerância que marcam a história das religiões.

Ao serem questionadas sobre o entendimento do que seja educação para a paz, as oito professoras que fizeram parte da pesquisa disseram que a educação para a paz passa pela vivência dos valores humanos a começar na vida familiar, no ambiente de trabalho e no trato com os alunos. Definem que, em primeiro lugar, deve haver sensibilização e preparo dos educadores para, assim, comprometerem-se com o fomento dos valores humanos nos educandários.

Quando questionada sobre o que entendia por “educar para a paz”, a professora Determinada relata o seu envolvimento e experiência enquanto educadora:

Educação para paz, eu entendo que deva acontecer em todas as oportunidades da vida.[...], temos duzentos dias letivos [...] no período em que está se formando a personalidade desses alunos, procuro, através de ações, fazê-los refletir sobre isso, pois não posso obrigá-los a ser o que eu quero, mas posso fornecer informações para que reflitam e se formem como a gente pensa que deveria ser o aluno. Eu desenvolvo todas as ações que eu posso, eu me envolvo em todas as atividades que eu posso, para levar o meu aluno a refletir... (DETERMINADA, 2006).

A professora Lutadora, que atua no Projeto Escola Aberta, faz uma analogia da educação para a paz com a construção de uma casa quando propõe que educar para a paz exige persistência e ação:

Educação para paz eu costumo falar para meus alunos, paz a gente não semeia como quem semeia uma flor, a paz tem que ser construída da mesma forma que um pedreiro constrói uma casa, deve ser feito aos poucos e de forma sólida [...] (LUTADORA, 2006).

Segundo sete das oito professoras entrevistadas, todo o conhecimento que serviu para a elaboração dos projetos e trabalhos executados nas suas respectivas instituições de ensino, que estão vinculados à educação para a paz, não tiveram uma fundamentação teórica em autores que tratam do tema, mas, sim, foram pautados em vivências e intuições pessoais de

quem se propunha a trabalhar o assunto. Todas as propostas de educar para a paz surgiram de forma natural, impulsionadas pela necessidade de abordar o tema com os educandos. Somente a docente Militante, do Colégio do Compromisso, fez referências a leituras realizadas em obras de Paulo Freire, educador brasileiro que traz, em suas obras, contribuições para a elaboração de posturas e teorias da educação para a paz.

Sobre esse aspecto, a professora Determinada expõe que seu trabalho não está fundamentado em nenhum autor e deixa transparecer a insegurança ao abordar o tema educação para a paz por falta de embasamento teórico, para que assim tenha propriedade ao argumentar sobre o assunto:

Eu não tenho bibliografia que me oriente neste trabalho, eu faço de forma mais intuitiva, do que baseado em algum teórico ou conceito. Eu percebo que, como educadores, somos muito fraquinhos em fundamentação teórica e isto faz com que não tenhamos segurança naquilo que acreditamos ser o ideal para a prática pedagógica. Oscilamos muito em propostas, não as questionamos, simplesmente reproduzimos aquilo que nos é definido por outros (até mesmo o governo) como intenção de prática ou métodos a serem desenvolvidos (DETERMINADA, 2006).

Quanto à possibilidade de educar para a paz em uma sociedade repleta de conflitos, as oito professoras entrevistadas entendem que interferir nos problemas sociais, do momento, é o desejo de todas as pessoas, sejam elas educadoras ou não. Acreditam que os propósitos de educar para a paz podem contribuir para a melhora do mundo social. A professora Determinada manifesta-se preocupada com os problemas da sociedade como um todo, e traduz em palavras o seu sentimento da seguinte forma:

[...] eu estou muito preocupada, não apenas com os meus alunos, mas com o mundo de um modo geral, com a sociedade como um todo. Entendo que nós, como humanidade, como sociedade, temos que fazer alguma coisa neste sentido. Acredito que só vamos, realmente, ter paz, não por uma questão religiosa, mas, sim, através da solução dos problemas sociais. Só vamos ter paz se resolvermos alguns problemas sociais com urgência, não só em nível de Santo Ângelo, mas em nível de Brasil e de mundo. O encaminhamento que temos que dar é para estas mudanças, que são radicais, não sei se sou pessimista demais, mas acho que esta mudança acontecerá a custa de um sofrimento ou vamos voltar aos tempos das cavernas (DETERMINADA, 2006).

Ao considerar o relato das educadoras sobre a possibilidade de educar os alunos para enfrentar as situações violentas do cotidiano e a forma como os conflitos estão sendo resolvidos na sua instituição de ensino, percebe-se que educar para a paz não é tarefa simples. Exige, em um primeiro momento, que o professor vivencie os valores humanos. Segundo

Paulo Freire, é pelo exemplo que se educa. Uma das preocupações observadas nos relatos das professoras entrevistadas é que, diante da realidade que a grande maioria dos alunos vive, muitas vezes sofrendo violência até mesmo dentro da sua própria casa, elas não sabem como falar de paz.

Na opinião da professora Modesta, a educação para a paz assim como a resolução de conflitos “são teorias muito antigas, que hoje estão em evidência, porque os homens estão sentindo necessidade de trabalhar a paz”.

A educadora Militante considera importante realizar com os alunos reflexões sobre as causas da falta de paz na sociedade de hoje, e, a partir desses questionamentos, propor-lhes alternativas para minimizar tais problemas a começar pela vida pessoal.

Falar em educação para a paz, diante de tantos conflitos, num momento em que podemos até afirmar que estamos diante de uma convulsão social é complicado. Penso que só atingiremos os nossos objetivos de educarmos para a paz, quando conseguirmos levar os nossos alunos a refletirem sobre: qual a causa destes conflitos sociais e conseqüente falta de paz? Por que as pessoas estão chegando a este ponto? Talvez não se chegue a uma resposta concreta, mas eu, como educadora, aliada às análises sociais que serão feitas com os alunos, sejam políticas, sócioeconômicas, a questão da corrupção, acho que devemos orientar os nossos alunos a fazerem uma análise crítica da situação para que possam analisar e escolher o que é melhor para o seu futuro (MILITANTE, 2006).

A pesquisa ainda revela que, para esse grupo de professoras, os propósitos da UNESCO, no tocante ao desenvolvimento sustentável, baseado na observância dos direitos humanos, no respeito mútuo e na erradicação da pobreza, que também são visões da educação para a paz, são desconhecidos e estão distantes da maioria das pessoas e da educação. Sobre esse assunto, a educadora Militante ressalta:

Vejo a UNESCO como órgão disseminador da cultura da paz, mas que está muito longe das pessoas do interior, talvez, nos grandes centros, se faça mais presente. O que se vê são órgãos de comunicação de massa desenvolvendo grandes projetos em nome da UNESCO, porém os resultados não são sentidos por nós do interior. Não sei se, em determinados momentos, ela não se torna um tanto política. Sei que existem pessoas com intenções maravilhosas, trabalhando em projetos maravilhosos, mas entendo que devemos fazer a nossa parte, sem ficarmos lamentando a falta de apoio destas entidades (MILITANTE, 2006).

As palavras da professora Eterna traduzem muito bem o pensamento das entrevistadas: “Vejo a Unesco muito distante, penso que deveria estar mais junto com a educação, mais aqui, mais agora, bem mais presente. Estou falando bem como leiga neste sentido”.

Sob esse mesmo olhar, observam-se as palavras da educadora Lutadora que está envolvida com o Projeto Escola Aberta:

Sei da participação da UNESCO em trabalhos voltados para a cultura da paz, não sei de nenhum trabalho ou pesquisa mais voltada para nossa região, o que se vê são trabalhos voltados mais para os grandes centros. Nestes locais, temos visto iniciativas da UNESCO no sentido de incentivar o esporte, a música, etc., acho que temos que ter uma mobilização nacional, mas já é um início (LUTADORA, 2006).

Sobre o assunto em pauta, é importante elucidar que, além das razões pedagógicas, sociais, políticas e ecológicas que o envolvem, educar para a paz é um imperativo legal, contemplado em leis nacionais, em convênios, em declarações e pactos internacionais firmados pela maior parte dos estados, fundamentalmente por iniciativa da UNESCO e das Nações Unidas.

De maneira sucinta, a pesquisa revela uma crítica das professoras entrevistadas sobre a manipulação e banalização das informações de acordo com certos interesses. Afirmam que, se os meios de comunicação utilizassem o seu potencial, que consiste em atingir uma gama muito grande da população, para agir em prol das causas da paz, certamente conseguiriam realizar grandes mudanças na sociedade. Segundo as educadoras, como ação pedagógica, pode-se analisar, com educandos e seus familiares, as informações oferecidas pela mídia. Todas as educadoras entendem ser preciso selecionar a programação da mídia de acordo com o interesse, para que, assim, ela traga contribuições ao desenvolvimento do indivíduo. São possibilidades que estão disponíveis e exercem uma grande influência sobre as pessoas de qualquer idade, em qualquer tempo e lugar.

Nesse sentido, a professora Modesta argumenta a respeito da importância de se realizar, nas escolas um “exercício crítico” com os alunos e pessoas do seu convívio, sobre as informações disponibilizadas pela mídia:

Sobre a influência que a mídia exerce não somente sobre a educação, mas também na vida social, acredito que temos de fazer uma análise com os alunos e com a família, procurando ver o que está se passando, qual é a mensagem e o que está por trás disso que nos é colocado. Acho que é possível também com as crianças, por exemplo, ao analisarmos uma propaganda de consumismo tentar mostrar: o que está por trás? O que está querendo vender? Por quê? Isto, realmente, eu preciso para viver? Os pais podem comprar isto ou aquilo para mim? Tentar analisar com eles se aquilo realmente é importante, se os pais podem, se é necessário. Acho que eles podem fazer esta análise (MODESTA, 2006).

Consta, no Projeto Político-Pedagógico da Escola da Mudança, a seguinte argumentação referente à influência da mídia na vida das pessoas: “A publicidade faz parte de nossas vidas. Ficamos submetidos à mercê dos impulsos e desejos de uma mídia ilusória. Compramos pelo desejo que nos valorize, desperte nossa auto-estima, ela nos empurra para a compra irracional, na tentativa de preencher nossas carências afetivas” (PPP, Escola da Mudança).

Ao tratar sobre a forma como cada instituição trabalha a resolução de conflitos e valores humanos que podem ser considerados o “cerne” da educação para a paz, vieram à luz as práticas de ensino. Percebe-se que todas as escolas envolvidas nesta pesquisa de campo vêm tentando resolver conflitos basicamente por meio do diálogo, da análise crítica de textos e contação e análise de histórias infantis. Para tanto, instauram normas para a boa convivência, buscam a ajuda das famílias dos alunos e, como última alternativa, realizam os encaminhamentos necessários.

A professora Determinada desenvolve algumas práticas bastante peculiares para solucionar conflitos que acontecem na sala de aula, que serão descritas a seguir. A forma como a professora Determinada encara os conflitos ou até mesmo os “mascara” percebe-se quando diz que enche os alunos de trabalho para que não tenham tempo para pensar em conflitos, o que se contrapõe às propostas educativas de educar para paz. Provavelmente essa postura seja motivada pela falta de conhecimento dos fundamentos da educação para a paz., pois, no transcorrer da entrevista, essa educadora menciona desconhecer a existência de uma proposta de educar para a paz.

Sobre os conflitos em sala de aula, é normal que eles existam, algumas vezes, tenho encaminhado à direção da escola, é claro que, muitas vezes, a minha paciência esgota, é claro que, quando o diálogo já não surte mais efeito, o meu apito não resolve, aos poucos vamos fazendo descobertas “dentro da consciência”, dentro do tentar convencer eles da importância de estudar, tenho adotado o princípio de no primeiro dia de aula afixar as normas que vamos ter. Eu tenho três: 1) Ouvir; 2) aqui ninguém sabe tudo; 3) respeito. Depois, se eles quiserem acrescentar outras pode ser feito, porém estas três eu não imponho, mas já começo sugerindo e depois são aprovadas as normas por todos e vamos seguir, são compromissos nossos. Depois disso, vem as sanções. Se eles não estão ouvindo eu uso o apito. Neste momento, eles começam a ouvir porque um coloca o outro na obrigação do silêncio, pois se eu apitar “o castigo” é um trabalho, e a cada apitada significa mais um trabalho além daqueles normais do trimestre, a não apresentação destes vai repercutir na nota deles. Tenho isto bem claro, pois se o meu trabalho é reconhecido com o salário, o dos alunos, por sua vez, é reconhecido pelas notas. Já os conflitos entre os alunos eles existem, eles brigam, “se pauleiam”, muitas vezes eu deixo eles conversarem, outras, se faz necessário a nossa intervenção. Ai encaminho para a coordenação. Eu aprendi com um ex-diretor que o aluno normalmente dá problema em sala de aula quando ele está desocupado, pois

quando ele está “até a cabeça” de trabalho, não sobra tempo para ter conflito. É necessário que fique claro que este trabalho vai resultar em algo para ele, pois, do contrário, isto não tem valor. Ontem, conflitei com um aluno, pois passei um trabalho extenso e resolvi apenas comentar em sala de aula. O aluno disse que teria ficado sem dormir para fazer o trabalho e não se conformava apenas com o comentário breve que eu fiz, queria ver o seu trabalho corrigido e a nota correspondente. Fui obrigada passar o recreio corrigindo este trabalho. Estes são os conflitos que temos aqui, porque normalmente eu os encho de trabalho e não há tempo para conflitos (DETERMINADA, 2006).

Todas as educadoras que fizeram parte desta pesquisa de campo, quando instigadas a relatar os trabalhos que realizam para a resolução de conflitos e valores humanos como solidariedade, respeito, humildade... em seus respectivos educandários, revelam, sem muitos detalhes, que procuram trabalhar essa temática na atividade diária com os alunos. Em alguns casos, esse trabalho é reforçado com a elaboração e execução de projetos pedagógicos.

Quando a professora Determinada foi questionada a respeito das possibilidades de introduzir valores humanos na prática educativa, ela revela sua metodologia pessoal:

No que diz respeito aos valores humanos, tais como respeito e solidariedade, é outro trabalho que procuro desenvolver em sala de aula. Costumo dizer que eles podem colocar os objetivos no rodapé da sala de aula e aí eles vão passar a vida rastejando, e isto vale aqui para escola como para a vida lá fora. Ou colocar lá no teto, neste caso, se chegarem somente até a metade da parede eles já cresceram. Como gosto muito deste tipo de assunto, tenho que tomar cuidado para não falar demais disto e não vencer a matéria, por isso criei a aula de “FALAÇÃO”. Nessa aula, não digo matéria, não dou exercício. Foi uma forma que encontrei de não perder estas aulas, ali nós falamos da importância de se respeitar. Eu desenvolvo o projeto “Meu corpo, meu Tesouro” onde abordamos as questões de educação sexual. Tenho procurado sempre ilustrar com textos que confirmem os assuntos que conversamos nas aulas de falação. As aulas de “falação” foram criadas para vincular os assuntos debatidos em sala, com a matéria de ciências. Procuramos debater assuntos como o meio ambiente, o corpo, educação sexual, a fome. São aulas que eu falo, então bolei uma pastinha, que pode ser um caderno velho ou uma pasta construída por eles mesmos, onde vão guardar estas aulas, que serão na forma de um relato, onde vai constar a opinião crítica, com suas sugestões, dizendo se concordam ou não com a minha opinião e depois ilustrar esta pasta, pois seria impossível ouvir todos os alunos, que são trinta e sete. Eu sei que sou diferente dos meus colegas na sala de aula. Por muito tempo, isto dificultou a minha vida, pois as outras pessoas não aceitavam (DETERMINADA, 2006).

2.2.5 A Educação para a Paz na Escola

O sistema educacional possui uma estrutura que pode ser considerada problemática para se educar para a paz. Existem vários obstáculos como falta de disponibilidade do educador, de conhecimento sobre as possibilidades de ação, de interesse, o que pode bloquear a execução ou a continuidade de muitas propostas pedagógicas para educar para a paz. É com

essa realidade que a educação para a paz se depara e que os educadores trabalham no dia-a-dia.

Segundo Serrano, a realidade social em que as pessoas vivem atualmente pode também se tornar um entrave para se colocar em prática as ações concretas de educar para a paz. No entanto, isso só acontece se nesse trabalho não se considerar as injustiças que fazem parte deste momento histórico. Assim, trabalhar com a realidade na qual o educando está inserido é definidora das ações a serem realizadas.

No contexto social em que vivemos, é quase impossível educar para a justiça, para a solidariedade e para a paz a partir de abstrações quando as injustiças fazem parte do contexto concreto do momento histórico. Em consequência, educar para a solidariedade e para a paz não é apenas uma palavra de ordem ética, mas também – e, sobretudo – uma prática realmente definida em ações concretas a partir de opções claras e precisas (SERRANO, 2002, p. 114).

Embora forças contrárias possam interferir no desenvolvimento de iniciativas proficuas para a educação, ainda assim, muitas práticas são realizadas em prol de uma cultura de paz, nas instituições de ensino, como as elencadas a seguir:

Na Escola da Opção: Os projetos vinculados à educação para a paz, desenvolvidos nessa instituição de ensino, aconteceram com a participação, na elaboração e execução, da professora Determinada, buscando envolver outros colegas nessas atividades. Entre os citados pela educadora, está o “Projeto de Dança Hip-Hop”, realizado nas dependências da escola, em horários em que não há aula. No entanto, para que tais projetos sejam desenvolvidos, é preciso a aprovação por parte do conselho escolar, supervisão e direção da escola. Essa é uma atividade que acontece na tentativa de diminuir a evasão escolar, cujos participantes precisam manter a frequência nas aulas regulares e as notas devem ficar na média proposta pela escola. Há também outro projeto que propõe o uso do laboratório de Ciências para o desenvolvimento de aulas práticas no ensino de Ciências Físicas e Biológicas, desmembrando-se em atividades como: elaboração de folhetos educativos sobre o lixo, higiene, saúde, entre outros temas de interesse dos alunos; adoção das margens do rio Itaquirichim, com a finalidade de estudo, limpeza, conservação e conscientização da comunidade ribeirinha; coleta seletiva do lixo e cuidados com a saúde do corpo.

O Projeto Político-Pedagógico desse educandário baseia-se em pressupostos que devem sustentar a ação educativa, delineando o modelo de homem, de educação e de sociedade que deseja formar, como pode ser constatado abaixo: “[...] concebemos o HOMEM

como cidadão crítico, desinibido, criativo, informado, atualizado, organizado, responsável e consciente de seus direitos e deveres, comprometido com o social, integrado e ciente de seu papel histórico na sociedade; EDUCAÇÃO como a transmissão e a reconstrução-sistematização do conhecimento elaborado historicamente pelos homens de modo criativo e integrado, tentando adequá-lo à realidade do educando e desse modo contribuir para a formação de um sujeito criativo, participativo, autônomo, crítico e transformador; SOCIEDADE como uma organização de pessoas passível de modificação, podendo ser tornada justa e democrática, humanitária, não excludente, fraterna, igualitária” (PPP, Escola da Opção).

Na Escola da Unificação: Ao analisar os trabalhos que realizou, vinculados à educação para a paz, a professora Mensageira revela que desenvolve atividades com as quais procura, por meio da contação e análise de histórias infantis, abordar temas que envolvam o despertar para a importância do respeito entre as pessoas, da solidariedade, do amor. Enfim, dos valores humanos.

Referente aos trabalhos realizados este ano sobre cultura da paz, posso dizer que nunca desenvolvi um projeto específico de educar para a paz, pois nem sabia desta nomenclatura, sei disto a partir do seu trabalho. O que faço é aproveitar a “hora do conto” para trabalhar os valores, penso que, em toda a atividade que vou desenvolver, devo direcionar para este lado, aproveito as leituras, as histórias para abordar o tema, é um trabalho do cotidiano em que se ressaltam os valores. Procuo, em toda historia que pego para contar, trabalhar estes temas. Aproveito os fatos que as crianças trazem para a aula, das suas vivências, para adaptar as histórias que vou contar ou buscar uma que possa abordar aquele determinado enfoque (MENSAGEIRA, 2006).

A docente Lutadora, que também atua na Escola da Unificação, quando questionada sobre as atividades desenvolvidas na escola com a proposta de educar para a paz, relata que houve uma iniciativa de proposta nesse sentido no ano de 2004, quando, no desfile da pátria, o tema foi abordado. Na oportunidade, a referida educadora dialogou com todos os alunos da escola sobre o tema “Paz”, para motivá-los. Utilizou, como recursos, livros, fatos da vivência dos alunos, textos cujo conteúdo estava vinculado aos problemas de cada turma. Sobre o assunto ainda corrobora:

[...] o tema era trabalhado por cada professor, em sala de aula, [...]. Apenas uma professora não deu continuidade ao trabalho. Já no ano passado, nós não realizamos nenhum trabalho específico do tema paz, mas trabalhamos as questões de valores. Este ano, estamos avaliando e pensando em voltar ao tema com um trabalho mais profundo, porque penso que os nossos professores não tinham a

consciência do trabalho que tinham a fazer, pois temos que trabalhar os professores para uma formação de consciência, não basta a direção e a coordenação estabelecerem um projeto, há uma necessidade de se motivar as bases. O trabalho envolvendo a paz não pode ser superficial, deve ser de forma continuada, a todo o momento devemos falar no tema e não apenas esporadicamente. Como temos uma diversidade de religiões, eu também procurei trabalhar com eles os temas bíblicos que tratam da paz, enfim, procurei trabalhar o máximo sobre o tema. Mas entendo que o sucesso de um trabalho sobre a paz passa, obrigatoriamente, pela conscientização dos professores, pois aquele que passa o tempo todo com o aluno, acaba tendo um poder de convencimento muito maior do que aquele que fala uma vez por semana, sobre determinado assunto (LUTADORA, 2006).

Conforme o Projeto Político-Pedagógico dessa instituição de ensino, os objetivos e fins educacionais são inspirados no princípio da liberdade e nos ideais da solidariedade humana. Tanto os objetivos gerais da escola como a sua filosofia assumem um compromisso com a realidade do educando e buscam capacitá-lo para agir de maneira equilibrada, crítica, responsável e eficiente. Tais preceitos propõem uma ação pedagógica inspirada nos interesses, necessidades e aspirações dos alunos e da comunidade escolar. Segundo o Projeto Político-Pedagógico dessa escola, ela é uma instituição que deseja assumir seu papel na sociedade com o resgate de valores humanos, incentivo ao diálogo, à participação, à busca da justiça, à igualdade, à democracia e, acima de tudo, à valorização, cada vez maior, do ser humano para que este seja um agente que contribua para a construção de uma sociedade mais digna e fraterna.

Na Escola da Mediação: Esse educandário tem uma sólida trajetória quanto ao desenvolvimento de atividades que encaminham para a educação para a paz. Todo o corpo docente da escola envolve-se na elaboração e execução dos projetos. Ao listar alguns temas abordados, a professora Nutriz relata que já foram elaborados projetos com o objetivo de trabalhar os valores humanos e o ecossistema. O projeto que deu início às propostas de educar para a paz, na Escola da Mediação, foi denominado “Diga Sim à Paz, Diga Não à Violência”. Essa proposta de trabalho vem sendo implementada com novos projetos, e tem como objetivo tornar a escola não só um espaço de transmissão do conhecimento técnico, mas como um ambiente que veicule a possibilidade de melhorar as relações entre as pessoas, de proporcionar ao aluno um conhecimento de mundo, capacitando-o a interferir nele. Nesse projeto, todas as disciplinas foram envolvidas na execução de atividades como redação de textos, construção de painéis, registro e debates sobre a ocorrência de atos violentos na escola, construção de gráficos, reflexão sobre os problemas que envolviam a comunidade escolar e proposição para solucioná-los. Conforme o relato da professora Nutriz, com a execução desse

projeto, os pais dos alunos passaram a participar mais da vida escolar de seus filhos; havendo uma significativa diminuição dos atos agressivos entre os alunos, apesar de essa escola fazer parte de uma comunidade violenta. Os alunos também passaram a se preocupar mais com as questões do meio ambiente.

Temos trabalhado a Cultura da Paz com o desenvolvimento de alguns projetos, como o da Leitura, dos valores, meio ambiente, o da árvore e da limpeza e conservação do “nosso riacho” (pequeno riacho que passa ao lado da escola), sendo que todos aconteceram em 2005 e estamos dando continuidade neste ano de 2006, desde o início do ano, pois o grupo acha que devemos dar continuidade a estes projetos. Neste ano, o projeto maior de toda a escola é “Qualidade de Vida” e dentro deste tema está sendo abordado a paz, o resgate dos valores e o meio ambiente. Este trabalho surgiu de forma instintiva e natural, pela necessidade de abordarmos o tema e tem a participação de todos os professores tanto na elaboração quanto na execução. Este projeto foi elaborado para ser praticado durante todo este ano com alunos de primeira à oitava série (NUTRIZ, 2006).

A mesma professora complementa, relatando as atividades que foram propostas nos projetos vinculados à educação para a paz:

A execução, a prática deste projeto será através da elaboração de redação. A professora [...] já está trabalhando com redação, através de cartazes, painéis, organizamos debates na escola, envolvendo os temas do projeto, a elaboração de um gráfico com o número de ocorrências que cada vez mais está diminuindo. Além disso, estamos sempre apontando as soluções para os problemas que vão surgindo (NUTRIZ, 2006).

O Projeto Político-Pedagógico dessa escola demonstra a intenção educativa para a paz, quando revela que tem como objetivo “proporcionar ao aluno condições para que desenvolva suas potencialidades, de forma livre, criativa e consciente, construindo e transformando sua cidadania em prol da humanização”. Pode ainda ser observada, no texto do PPP, a intenção de propor uma educação voltada para a humanização da sociedade, como pode ser observado a seguir: “[...] buscamos ao longo de nossas atividades realizar uma Educação Libertadora a qual é centrada na discussão de temas sociais e políticos, busca a formação social, constituindo-se como meio de contribuir para a participação. Está baseada em valores: educar para a realidade, fraternidade, justiça, liberdade, compromisso social e diálogo” (PPP, Escola da Mediação).

Na Escola da Mudança: Essa instituição de ensino executou projeto voltado ao cuidado e preservação do ecossistema por meio da conscientização da comunidade escolar e de seu entorno a respeito da seleção do lixo e limpeza do ambiente, a começar pelo pátio da

escola. Outra iniciativa foi sobre alimentação saudável com a construção de uma horta escolar. Sobre o tema educação para a paz e projetos desenvolvidos na Escola da Mudança a educadora Eterna explica:

Temos outros projetos de expressão corporal, além daquele que realizamos da distribuição de panfletos nas ruas sobre a consciência de preservarmos o meio ambiente. Todos estes projetos são desenvolvidos dentro do tema educação para a paz, porém, são projetos que estão sendo desenvolvidos durante este ano e, com certeza, serão avaliados e reestruturados, se for o caso, para o ano que vem. Acredito que todos os projetos desenvolvidos, dentro de uma escola, são proveitosos e surtem os efeitos desejados, até porque a cultura da paz nos remete para uma gama de possibilidades a serem trabalhadas na educação. Estes projetos são muito dinâmicos, estão sempre sendo implementados, alimentados (ETERNA, 2006).

O Projeto Político Pedagógico da referida escola traz, como proposta de educação para seus alunos, a busca pela cidadania e a transformação da realidade social. Para demonstrar os propósitos desse projeto transcrevem-se algumas notas nele contidas: “Acreditamos que precisamos educar para a transformação social. Defendemos o preparo para a cidadania como objetivo prioritário para a educação escolar. Pois, na medida em que, pela apropriação do saber, especialmente pelo conhecimento da realidade social contraditória em que vivem, das injustiças de que são objeto e das alternativas de superação da situação atual, nossa comunidade escolar poderá se firmar enquanto sujeito em sua luta pela transformação social” (PPP, Escola da Mudança).

A Escola da Mudança, em seu Projeto Político Pedagógico, ainda faz referência à Educação Libertadora de Paulo Freire: “A Educação Libertadora a qual é centrada na discussão de temas sociais e políticos, busca a formação social, constituindo-se como meio de contribuir para a participação. Está baseada em valores: educar para a realidade, fraternidade, justiça, liberdade, compromisso social e diálogo. Para que esta se efetive é necessário que haja a participação ativa da comunidade escolar e, principalmente, do educando” (PPP, Escola da Mudança).

No Colégio da Valorização: A professora Modesta relata que, no ano de 2005, todo o trabalho realizado com as duas turmas de primeira série esteve fundamentado no tema “Paz”. Segundo essa mesma educadora, o motivo que a levou a realizar esse trabalho, foi a intenção em dar continuidade a uma atividade que já havia sido executada com o grupo de alunos no ano anterior.

[...] o fato de se tratar de uma turma muito agitada, além de se tratar de uma turma oriunda da nossa escola e termos conhecimento de que eles já vinham sendo trabalhados nesta linha desde a Educação Infantil e ainda tinha muita coisa para melhorar, muita coisa para ser trabalhado, por isso optamos em dar continuidade neste trabalho (MODESTA, 2006).

Na mesma direção, a professora Modesta acrescenta que educar para paz exige muita persistência do educador, pois, muitas vezes, chegou a pensar que os objetivos não estavam sendo alcançados pelos seus alunos:

A respeito da experiência vivida no ano passado com nossos alunos, era possível observar e, de certa forma me surpreendia, pois a palavra paz parecia estar “impregnada” em nossos alunos. Acho que pelo trabalho diário, apesar de, muitas vezes, eu sair decepcionada por não ter atingido o que pretendia, mas, ao mesmo tempo, lá numa questão “X”, o conflito era resolvido sem dificuldade, ou em algo que eles construíam tinha algo que lembrava a paz. Na própria questão da fome no mundo, uma aluna desenhou uma mesa, com um “X”, demonstrando que não tinha comida, que a mesa estava vazia, e indagava: como poderia ter paz sem comida na mesa? Aproveitamos esta oportunidade para trabalhar esta questão da fome no mundo: como que nós vamos ter paz sabendo que outras pessoas não têm comida? A educação para a paz abre um leque de opções para trabalharmos com os alunos. Além do que já foi dito, penso que, com as questões do dia-a-dia, pode-se trabalhar a paz. Somente o fato de eles entrarem na escola e terem que dividir o espaço com o colega, a questão da solidariedade, a relação deles com a família, com a escola, deles com a sociedade, com o mundo onde vivem, a relação com o outro, com o menos favorecidos, a mobilização deles em nível de escola num trabalho comunitário, fazendo com que saiam do mundinho deles, ajudando outras pessoas (MODESTA, 2006).

A professora entrevistada do Colégio da Valorização revela que, no ano de 2006, não trabalharam com tanta intensidade temas que encaminham para uma cultura de paz. Essas questões foram apenas abordadas em situações específicas, como por exemplo, na resolução de conflitos pelo diálogo.

No Projeto Político-Pedagógico dessa escola, consta que o ambiente escolar deve favorecer a discussão, o confronto de idéias, o conflito e o debate. Ainda propõe a estimulação do pensamento crítico, a formação da responsabilidade, da autonomia e da audácia do educando, o qual precisa aprender a tomar decisões e ter coragem de assumi-las. Para o grupo que atua nessa instituição de ensino, a educação deve ser vista como um ato político e social, que precisa respeitar o universo cultural dos educandos.

O documento enfatiza os valores a serem fomentados pelo ato de educar, tais como: misericórdia e caridade, humanização, respeito, justiça e solidariedade, profissionalismo, comunhão, inovação e participação.

No Colégio do Compromisso: uma das atividades citada pelas professoras Militante e Nascente, relacionada aos propósitos de educar para a paz, foi o “Projeto RES”, atividade de repercussão para o educandário, pois foi inscrito na II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente em Brasília, no ano de 2006. Esse projeto consistia em levar o educando a refletir que, para conciliar o desenvolvimento associado à sustentabilidade ambiental e à qualidade de vida, deveria haver boa vontade, esforço pessoal, disposição e ações políticas, aliadas ao fundamental entendimento de que a vida no planeta é afetada pela atitude isolada de cada pessoa. Por meio desse projeto, procurou-se levar aos educandos o conhecimento sobre redução e seleção do lixo; maneira ecologicamente correta para armazenar os resíduos do lixo orgânico, inorgânico e químico; pesquisas e experimentos acerca do efeito estufa; feira pedagógica de material reutilizável; visita à usina de reciclagem de lixo e pesquisa sobre o impacto ambiental causado pelo acúmulo de lixo; distribuição de folder com orientações sobre a coleta seletiva do lixo. Os projetos desenvolvidos pelos educadores e alunos dessa escola foram sintetizados pelas docentes entrevistadas. Além do projeto anteriormente citado, foram realizadas outras atividades, tais como: pesquisa sobre a importância da preservação da água, uma das maiores riquezas no mundo atual e plantio de árvores pelos alunos de sétima e oitava séries; palestras sobre educação sexual com o tema: Sexualidade, Natureza e Cultura, por uma psicóloga e especialista no assunto; palestra sobre drogas; estudos sobre alimentação balanceada; “gincana solidária”, com a arrecadação de agasalhos para posterior doação à entidade carente; passeio de estudos às Ruínas de São Miguel para assistir ao “Som e Luz” e realizar pesquisa sobre a atual situação dos índios da nossa região.

A professora Nascente assim descreve o projeto “RES” de REduzir, de REutilizar, de RECuperar, de REciclar, de REpensar :

Quanto aos projetos desenvolvidos pela nossa escola, envolvendo o tema paz, vou começar pelo projeto “RES”; desenvolvido a partir do ano passado (2005), com todas as turmas de quinta à oitava série, nas disciplinas de História, Geografia e Ciências, em um primeiro momento. Depois, foi estendido para todas as turmas da escola. O projeto RES significa: repensar, reeducar, reduzir, que significa reduzir o consumo de refrigerante por conta da garrafa Pet, incentivando o consumo de suco natural, trabalhando toda esta consciência. Este projeto culminou, em março de 2006, com a participação da escola na Segunda Conferência Nacional Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente, realizada em Brasília/DF. Este projeto continua neste ano, com a questão do lixo e da reciclagem de lixo, onde levamos os nossos alunos no lixão do município, onde eles se chocaram com o que viram e se questionaram sobre o que vamos deixar para as futuras gerações. Desenvolvemos com as quintas séries a questão das cidades (que é tema da disciplina de História e geografia), mais especificamente a nossa, que 80 por cento da população vive na zona urbana,

onde foi analisada a transformação que ocorre no espaço geográfico e o choque cultural proveniente disso, bem como, a questão da poluição do ar através dos carros[...]. Outro projeto desenvolvido foi o da poluição sonora, que não deixa de ser importante, pois vem provocando o aumento do tom de voz dos alunos, em sala de aula, e também está vinculado ao projeto RES. Procuramos interligar os projetos sempre criando um viés com a paz, como se fosse uma rede, pode ser uma visão um tanto utópica, mas buscamos criar em nossos alunos esta consciência daquilo que seja o melhor ou ideal, seja isto “utópico” (expressão utilizada no sentido de sonho impossível) ou não. O que trabalhamos em sala de aula, acaba sendo transferido para a vida de nossos alunos, eles passam a analisar o que observam lá fora, no seu dia-a-dia (NASCENTE, 2006).

O Projeto Político-Pedagógico dessa instituição de ensino atribui à educação formal a responsabilidade de assumir e transformar a realidade. Propõe ao educando alcançar o domínio do conhecimento e agir sobre o que aprendeu. Abre espaço para o questionamento, a elaboração de hipóteses e a busca de soluções, almejando conduzir o educando à autonomia e fortalecimento da responsabilidade pessoal, cujo objetivo maior é a realização do destino coletivo. Tais propósitos configuram uma intenção educativa de acordo com as propostas de educação para a paz.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, tentou-se alinhar, entre a escrita dos capítulos, alguns pontos desse tecido feito de teorias e práticas, denominado “Educação para a Paz”. As reflexões acerca desse tema nos encaminham a não dar por encerrada tal discussão, uma vez que o assunto não se esgota. Propor um exame do conteúdo, por meio do entendimento, da razão, de considerações atentas e prudentes, constitui uma forma harmônica de encerrar momentaneamente esse debate.

As informações coletadas nesta pesquisa, por meio de entrevistas e da análise de documentos, levam-nos a concluir que os educadores questionados não estão alheios ao que acontece a sua volta, ou seja, acerca das questões que comprometem a vida do educando, sejam elas de ordem pessoal ou social. Em suas falas e propostas de trabalho, revelam-se atentos às situações que interferem no processo de educar para a paz, demonstrando lucidez do seu papel na sociedade. No entanto, possuem conhecimentos ainda superficiais sobre o tema, demonstrando pouco contato com as teorias e técnicas já experimentadas e que vêm sendo difundidas. Isso fica claro ao ouvir a professora Determinada relatar práticas pessoais para a resolução dos conflitos que fazem parte do seu cotidiano escolar: *“normalmente eu os encho de trabalho e não há tempo para conflitos”* (DETERMINADA, 2006). Apesar da sua “boa intenção”, a privação do conhecimento teórico sobre educação para a paz a encaminha para ações que se contrapõem a esta proposta educativa. Mesmo assim, todos os entrevistados, entendem-se como sujeitos históricos, capazes de interferir no processo de construção de paz.

Durante as entrevistas, os professores afirmam ser viável educar para a paz, apesar das dificuldades que encontram para consolidar proposições como a carência do conhecimento teórico e a indisponibilidade para educar para a paz, realidade demonstrada pela maioria dos colegas que fazem parte do seu grupo de trabalho, o que impede a unidade de objetivos. Também demonstram dúvidas relacionadas à mediação de conflitos e uma certa ansiedade por

conta da falta de fundamentação teórica. Esses dados revelam pontos importantes a serem discutidos nos meios acadêmicos ou em grupos de estudos, espaços nos quais os educadores podem ampliar seus conhecimentos sobre o tema, discutindo, refletindo e trocando experiências.

A educação para a paz é fortalecida pela escuta, pelo diálogo e pela troca de experiências entre os diferentes. É uma proposta de educar que promove o respeito à vida, que rejeita qualquer forma de violência, seja ela física, sexual, étnica, psicológica, de classe ou até mesmo cometida pela palavra. Entende o conflito como um componente da vida social que provoca um “desacomodar” necessário para o crescimento dos seres humanos, buscando a conscientização das pessoas sobre a possibilidade de resolução não violenta dos conflitos.

Em qualquer momento histórico, a educação para a paz se faz necessária para a constituição de uma sociedade mais harmônica. No momento atual, ela se tornou uma exigência primordial para a manutenção da vida, sendo imperativo ocupar uma posição de destaque no contexto educacional e político. Nesse sentido, considera-se importante aos propósitos deste trabalho ressaltar o envolvimento da Escola Municipal da Mediação que, apesar das dificuldades geradas pela rotatividade de pessoal, busca consolidar uma proposta educativa de acordo com os princípios da educação para a paz, visto que a totalidade dos projetos de ensino desse educandário, têm como linha mestra, a paz.

Constatou-se, ainda, que todas as escolas envolvidas nesta pesquisa percebem que a tarefa de educar vai além do preparo do indivíduo para o mercado de trabalho competitivo, e comprometem-se com a valorização da vida e a formação de seres humanos capazes de enfrentar os percalços de sua trajetória. As proposições tanto das escolas como dos professores entrevistados configuram uma das intenções da educação para a paz, levantadas neste trabalho: o empoderamento dos educandos para as transformações positivas da sociedade.

A análise de cada Projeto Político-Pedagógico revela o comprometimento e a preocupação das instituições de ensino em consolidar uma educação que proponha a autonomia e a sensibilidade social, para reorientar a humanidade. Ela consiste em ocupar, de forma criativa, o acesso ao conhecimento disponível e gerar, positivamente, o encaminhamento da ação dos indivíduos e das organizações coletivas no fortalecimento da cultura de paz.

Ao término deste trabalho, conclui-se que um mundo de paz pode ser construído com a contribuição da educação, apesar de isso exigir um conjunto de transformações estruturais de ordem política e econômica. Experiências já vêm sendo construídas em muitas escolas no mundo, no Brasil e mesmo fora da educação formal, por meio do trabalho das ONGs. Nas escolas envolvidas nesta pesquisa, encontram-se profissionais conscientes de seus limites e receptivos às teorias da paz, confirmando que essa forma de educar vem permeando a prática educativa das instituições de ensino aqui pesquisadas. O mundo de paz, construído com base em uma educação para a paz, conforme pôde ser visualizado na teoria e na pesquisa para a paz, deve se processar por meio de uma educação que fomente os valores humanos, praticados no dia-a-dia, no lar, na escola e na comunidade.

Um mundo conflitivo e sem significado decifra-se pela ternura e pelo enfrentamento dos problemas, buscando alternativas não-violentas para a sua resolução. As práticas da compreensão, da ajuda, da mediação, do respeito, da solidariedade, da tolerância, da compaixão, e de tantos outros valores humanos, servem como paradigma de convivência e devem ganhar espaço no terreno amoroso, no produtivo, no político, no educacional, entre outros modos de relacionamentos instituídos.

O homem, sendo um ser inerentemente social, visto que se constitui a partir das ações em comum união com os outros homens, necessita refletir e questionar sobre a sociedade na qual habita, mas que nem sempre atua. Uma Educação para a Paz propõe essa reflexão e representa um compromisso possível de ser sonhado e construído.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Isabel (org.). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BOM SUCESSO, Edina de Paula. *Afeto e Limite: Uma Vida Melhor para Pais e Filhos*. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Canção das Sete Cores: educando para a paz*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em nov. 2007.

CALLADO, Carlos Velázquez. *Educação para a paz: promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos*. Trad. Maria Rocio Bustios de Veiga. Santos, São Paulo: Projeto Cooperação, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. *Educação e Mudança*. Trad. Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, Coleção Educação e Comunicação, Vol. 1.

_____. *Educação como Prática da liberdade*. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Pesquisa com o Cotidiano*. Texto produzido para a 24ª Reunião Anual da ANPED. Disponível em: <http://www.anped.gov.com.br>. Acesso em nov. 2007.

GALTUNG, Johan. *O Caminho é a meta: Gandhi hoje*. Trd. Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2003.

_____. *Transcender e transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos*. Trad. Antonio Carlos da Silva Rosa. São Paulo: Palas Athena, 2006.

_____. *Direitos Humanos – Uma Nova Perspectiva*. Trad. Margarida Fernandes. Coleção Direito e Direitos do Homem. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. 2 ed. Revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. Coleção polêmicas do nosso tempo.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

JARES, Xesús R. *Educação para a Paz: sua teoria e sua prática*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MONTESSORI, Maria (1870-1952). *A educação e a paz*. Trad. Sonia Maria Alvarenga Braga. Campinas, SP: Papirus, 2004.

MULLER, Jean-Marie. *Não-violência na educação*. Trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2006.

ONU, *Declaração e Plano de Ação Sobre uma Cultura de Paz*. Resolução A/ RES/ 53/ 243, de 06 de outubro de 1999 da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br>. Acesso em: 06 jun. 2007.

PENNA, Maria Luiza. Fernando Azevedo. Manifesto dos Pioneiros In: *Educação e Transformação*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SAMPAIO, Dulce Moreira. *A Pedagogia do Ser: educação dos sentimentos e dos valores humanos*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SERRANO, Gloria Pérez. *Educação em valores: como educar para a democracia*. Trad. Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2002.

UNESCO. Sugestões sobre o ensino dos direitos humanos. Paris: Unesco, 1969.

_____. *A educação para a compreensão, a cooperação e a paz internacional e a educação relativa aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, com vistas a fomentar uma atitude favorável ao fortalecimento da segurança e o desarmamento*. Paris: Unesco, 1983.

VASCONCELOS, Maria Lúcia Marcondes Carvalho, BRITO, Regina Helena Pires de. *Conceitos de educação em Paulo Freire: glossário*. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo, SP: Mack Pesquisa – Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2006.

WEIL, Pierre. *A Arte de viver em paz: por uma nova consciência, por uma nova educação*. Trad. Helena Roriz Taveira, Hélio Macedo da silva. 1 edição. São Paulo: Editora Gente, 1993.

WESTIN, Ricardo. Educação em valores humanos: a busca para o terceiro milênio. *Folha Dirigida*, ed. 885, 4 jan. 2001. Disponível em: <http://www.valoreshumanos.org/Portugues/reportagens.htm>. Acesso em: 11 fev. 2003.

ZARTH, Paulo Afonso. *Ensino de história e a promoção da cultura de paz*. In: Anais do IV Encontro nacional de pesquisadores sobre o ensino de história. Ijuí, Editora da UNIJUÍ. 1999.

_____. Paulo Afonso. *O currículo de história: cidadania e globalização*. Santa cruz do Sul. Revista Ágora. V.4 n. ½ (jan/dez 1998) Editora da UNISC. 1999.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIJUI – DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

Prezado (a) professor (a)

Estamos executando o projeto de pesquisa intitulado: “**A Cultura da Paz, Permeando a Prática Educativa em Instituições de Ensino da Rede Pública e Particular da Cidade de Santo Ângelo (RS)**”, que tem como objetivos:

- 1) Conhecer os principais paradigmas da educação em valores que permeiam a prática pedagógica em escolas da cidade de Santo Ângelo.
- 2) Contribuir para a reflexão acadêmica a respeito da Educação para a Paz como instrumento essencial ao desenvolvimento do pensamento e da ação docente e discente.
- 3) Identificar a mudança social como possível e como resultado da ação das pessoas.

A pesquisa está sendo realizada pela aluna Maria do Carmo Uggeri Beltrame, do curso de Mestrado em Educação nas ciências, sob orientação do prof^o Paulo Afonso Zarth.

As entrevistas serão gravadas e as informações extraídas dos encontros serão analisadas e sintetizadas para a utilização na pesquisa de Mestrado, e em outras formas de publicações e apresentações de caráter científico; sendo tratadas de forma sigilosa, a fim de garantir o anonimato e privacidade dos participantes e das instituições a qual pertencem.

Aos professores que colaborarem com a pesquisa, pedimos que assinem o termo abaixo, para que possamos, com a ética necessária utilizá-las em nossos relatórios.

Os resultados estarão à disposição das escolas tanto na forma de material impresso como na forma de apresentação e debate com a pesquisadora. Acreditamos que o produto do trabalho poderá contribuir para a ação docente nas escolas de ensino fundamental e médio, bem como, nos cursos de formação de professores da universidade.

Agradecemos desde já a colaboração.

Eu _____ RG _____,
ciente das informações recebidas, concordo em participar da pesquisa, “**A Cultura da Paz, Permeando a Prática Educativa em Instituições de Ensino da Rede Pública e Particular da Cidade de Santo Ângelo (RS)**”, concedendo entrevista à pesquisadora Maria do Carmo

Uggeri Beltrame, autorizando-a a utilizar as informações, sem restrições de prazos ou citações, a partir da presente data, desde que sejam garantidos o sigilo e o anonimato.

Nome do entrevistado

Assinatura do entrevistado

Nome do pesquisador

Assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de 2006.

Comitê de Ética em Pesquisa da UNIJUÍ – Fone: (55)3332-0417

ANEXO 2

ROTEIRO PARA A COLETA DE DADOS NAS ENTREVISTAS

Unijui – Departamento de Pedagogia

Mestrado Em Educação nas Ciências

Roteiro para coleta de dados ao projeto de pesquisa: **“A cultura da Paz, Permeando a Prática educativa em Instituições de ensino da Rede Pública e Particular da cidade de Santo Ângelo(RS)”**.

1. Nome completo do/da professor/professora:
2. Formação profissional:
3. Tempo que exerce o magistério:
4. Número de escolas que atua. Quais são as escolas, turmas que atua, turno?
5. Nome da escola que está sendo pesquisada:
6. Tempo que atua nesta instituição de ensino:
7. Número de horas nesta escola:
8. Descreva o ambiente, bairro em que a escola está inserida:
9. Há a participação das famílias na escola? Como acontece esta relação?
10. Como são os alunos que aqui estudam?
11. Como acontece a relação professor /aluno?
12. Você pensa ser possível a educação interferir na realidade atual? De que forma?
13. O que você pensa acerca das questões sociais do momento?
14. O que é Paz para você?
15. Esta inspiração tem algum vínculo à crença, ideologia? Qual é a fonte desta inspiração? Você faz parte de algum grupo que realiza trabalho voluntário (catequese, trabalho comunitário...)?
16. O que você entende por Educação para a Paz?

17. Este entendimento elaborou-se através de leituras, convicções...? Qual/quais autor (es) se apóia?
18. Como percebe a Educação para a Paz frente aos conflitos?
19. Você pensa que a UNESCO exerce alguma influência sobre a disseminação da Cultura da Paz? De que forma?
20. Qual a influência da mídia na educação, na elaboração social? De que forma a escola pode trabalhar com as questões midiáticas?
21. Como é trabalhada a resolução de conflitos na sua escola? E valores humanos?
22. Quais os projetos executados nesta escola com referência à cultura da Paz? Em quais turmas e quando foram realizados?
23. O que fez despertar o interesse por este/estes tema/temas?
24. Quem participou da elaboração do/dos projetos?
25. Como aconteceu? Fale sobre a prática, das atividades que você participou, mencionando a turma, período de execução.
26. Esta foi ou está sendo uma experiência positiva? O efeito foi momentâneo ou está sendo duradouro?
27. Qual o leque de possibilidades a serem pensadas na e para a educação que a cultura da Paz nos proporciona? Quando, onde como trabalhá-las?
28. Existe algum projeto em andamento ou previsão de projeto que faça referência à Cultura da Paz?

ANEXO 3

Projeto intitulado: “Diga Sim à Paz, Diga Não à Violência”. Desenvolvido na Escola Municipal da Mediação.

ANEXO 4

**Certificado de reconhecimento como “Selo Escola Solidária”, recebido pela
Escola Municipal da Mediação**

ANEXO 5

“Projeto Escola Aberta”: desenvolvido na Escola Estadual da Unificação

ANEXO 6

Certificado conferido ao Colégio do Compromisso

ANEXO 7

Justificativa do Projeto: “Cultura Hip-Hop”. Desenvolvido na Escola Estadual da Opção

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)